

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ESTER VINHANDELLI FERNANDES

**A ARQUEOLOGIA E OS ESTUDOS CLÁSSICOS:
CONTRIBUIÇÕES DE UMA CIÊNCIA ASCENDENTE NO BRASIL**

MONOGRAFIA

GOIÂNIA,
2020

ESTER VINHANDELLI FERNANDES

**A ARQUEOLOGIA E OS ESTUDOS CLÁSSICOS:
CONTRIBUIÇÕES DE UMA CIÊNCIA ASCENDENTE NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professora Licenciada em História.

Orientador: Prof. Me. Ivan Vieira Neto.

GOIÂNIA,
2020

Espaço reservado para inserção da ficha catalográfica.





PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Monografia nº 008/2020 Semestre 2020-1

Autora: Ester Vinhandelli Fernandes

**Título: A Arqueologia e os Estudos Clássicos: contribuições
para uma ciência ascendente no Brasil**

TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho foi apresentado durante a **XI Semana Científica de História**, realizada entre 01 e 06 de Junho de 2020, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 001/2017. A candidata foi arguida pelos docentes nomeados abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professora Licenciada em História, considerado:

APROVADO com CONCEITO A.

Goiânia, 04 de Junho de 2020.

Orientador:

Prof. Me. **Ivan Vieira Neto**

Banca Avaliadora:

Profa. Me. **Cristiane Loriza Dantas**

Profa. Dra. **Carolina Kesser Barcellos Dias**

Aos meus pais, Leninha e Paulo.

AGRADECIMENTOS

Ao final desta etapa, gostaria de agradecer as diversas pessoas que contribuíram de maneira direta e indireta no desenvolvimento deste trabalho e de toda minha caminhada acadêmica. Os medos que foram superados, as dificuldades vencidas e finalmente a concretização desse projeto, revela uma satisfação inigualável. Sendo assim, meus sinceros agradecimentos:

Ao meu Prof^o orientador, Me. Ivan Vieira Neto, que se revelou um incrível profissional, sempre muito dedicado e apaixonado pelo que faz. Acima disso, se mostrou um grande amigo em todas as circunstâncias. Às arguidoras – Profa^a Dra. Carolina Kesser Barcellos Dias e a Profa^a Me. Cristiane Loriza Dantas, que gentilmente forneceram os apontamentos que guiaram parte da realização desse trabalho. Parte do que foi sugerido pela banca foi modificado, outros apontamentos serão aplicados em produções posteriores, como artigos, projeto de mestrado etc. Aos professores do curso de Licenciatura em História da PUC Goiás, nunca vou me esquecer de todas as contribuições que mudaram minha forma de enxergar o mundo. Agradeço também ao Prof^o Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari pelo cordato envio do livro “*Arqueologia Clássica, o cotidiano de gregos e romanos*”.

Agradeço ao Grupo de Estudos do Mundo Antigo (GEMUNA/PUC Goiás), onde vivi grandes e inesquecíveis momentos que abriram portas para a construção de projetos que me fizeram chegar onde estou. O GEMUNA me acolheu e me mostrou como é prazeroso fazer parte dos Estudos Clássicos. Agradeço aos meus amados amigos dessa jornada: Sérgio Barbosa, Matheus Campos, Ana Clara Braz e Johnnathan Cunha que foram minha rede de apoio nos bons e maus momentos. Às minhas amigas que são tão importantes na minha vida: Amanda Bastos e Déborah Queiroz. Que eu sempre saiba agradecer ao Universo por ter colocado essas amizades na minha vida, pois eu não passaria por tudo isso se não fosse com vocês. Agradeço também a todos os colegas do curso que fizeram essa caminhada mais divertida.

À minha família: meu pai Paulo César e minha mãe Leninha Vinhandelli. Em meio a tantas experiências ruins entre pais e filhos no mundo, quando penso em vocês e na nossa relação sou grata por tudo. Obrigada por serem quem são, em me apoiar, acreditar na minha capacidade e estarem sempre por mim independente de qualquer coisa. Chamo de amor na falta de uma palavra maior e melhor. Agradeço também ao

meu companheiro de vida, parceiro da quarentena, Calebe Bastos. Sempre fomos amigos o amor sempre foi real. Obrigada pelos incentivos, pelo o apoio e cuidado, por me aconselhar e me amar nos meus processos internos. Eu amo a história que estamos escrevendo juntos.

“- Come to the edge,” he said.

“- We can't, we're afraid!” they responded.

“- Come to the edge”, he said.

“- We can't, we might fall!” they responded.

“- Come to the edge” he said.

And so they came.

And he pushed them.

And they flew.”

Christopher Logue (1961).

RESUMO

O presente trabalho analisa como se deu a construção da Arqueologia Clássica nas Universidades frente ao surgimento da Arqueologia Clássica e como essa disciplina influenciou fundamentalmente o desenvolvimento da Arqueologia acadêmica no Brasil. Essa análise tem como objetivo revelar como as sociedades se relacionavam com a cultura material e como era realizada as práticas arqueológicas até a institucionalização da Arqueologia na Universidade europeia no século XIX e XX. Pretendemos especificamente analisar a organização e institucionalização da Arqueologia Clássica dentro das Universidades Brasileiras nos finais do século XIX e como os Estudos Clássicos se inserem em um contexto acadêmico e social através da interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Arqueologia Clássica; Universidades; Estudos Clássicos.

ABSTRACT

The present work of analysis as it gave rise to the construction of Archeology in Universities in the face of the emergence of Classical Archeology and how this discipline fundamentally influenced the development of academic Archeology in Brazil. This analysis aims to reveal how societies relate to cultural material and how it was carried out as archaeological practices until the institutionalization of Archeology at the European University in the 19th and 20th centuries. We intend to analyze the organization and institutionalization of Classical Archeology in Brazilian Universities at the end of the 19th century and how Classical Studies would fit into an academic and social context through interdisciplinarity.

Palavras-chave: Classical Archeology; Universities; Classical Studies.

SUMÁRIO

Introdução	12
CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA: DAS ORIGENS ÀS UNIVERSIDADES	17
1.1 O Ensaio Arqueológico da Antiguidade	19
1.2 O Hiato Arqueológico da Idade Média	22
1.3 A Aurora da Arqueologia na Modernidade	24
1.3.1 Renascimento e Iluminismo	25
1.3.2 Antiquarianismo e Coleccionismo	27
1.3.3 O Grand Tour na Formação Europeia	31
CAPÍTULO 2. A ARQUEOLOGIA NAS UNIVERSIDADES	35
2.1 A Arqueologia na Universidade Europeia no século XIX	39
2.2 A Arqueologia na América do Norte	41
2.3 A Arqueologia na América Latina e no Brasil e sua relação com os Clássicos	44
CAPÍTULO 3. A INSERÇÃO DA ARQUEOLOGIA NA UNIVERSIDADE TARDIA BRASILEIRA	51
3.1 URJ e USP: fundação, princípios e tendências	53
3.2 A Arqueologia no Brasil: o diálogo teórico-metodológico a partir da Universidade brasileira	56
3.3 Arqueologia e os Clássicos: Currículos Universitários, seus desafios e possibilidades	60
3.3.1 Arqueologia brasileira e a inserção dos Clássicos através Museus e dos Laboratórios Departamentais	64
Considerações Finais	71
Referências Bibliográficas	74
Apêndice	80
Anexos	81

INTRODUÇÃO

As origens da Arqueologia como disciplina universitária remontam ao período entre os finais do século XIX e inícios do século XX. Segundo Pedro Paulo Funari, foi nesse período que a Arqueologia passou a integrar o hall dos cursos universitários na Europa. Implementada com um referencial teórico metodológico, essa disciplina herdou o nacionalismo do século XIX (FUNARI, 2005, p. 1). Dessa forma, a Arqueologia adquiriu um caráter político, incorporando-se aos debates sociais e às políticas conservadoras (FUNARI, 2013, p. 23). A Arqueologia foi muitas vezes interpretada como uma disciplina ancilar da História, ou seja, complementava os discursos historiográficos por meio dos seus vestígios materiais. Segundo Mikhail Rostovtzeff, a Arqueologia não se trata de meras ilustrações dos documentos historiográficos, mas sim de uma fonte independente de informação histórica. Isso não minimiza seu valor ou importância (ROSTOVITZEFF, 1922 *apud* RODRIGUEZ, 2013, p. 17).

Nos finais do século XX, “a Arqueologia como um todo passou por profundas mudanças epistemológicas que reorientaram os rumos da disciplina e criaram novos campos de pesquisa” (TRIGGER, 1989, *apud* GRILLO & FUNARI, 2015, p. 35). Entretanto sua origem e a prática da Arqueologia podem ser notadas nos primórdios da humanidade, que se relacionou e ainda se relaciona com a cultura material. Tendo em vista a relação da sociedade com os artefatos desde a Antiguidade, o estudo da Arqueologia no Mundo Antigo se torna imprescindível, visto que a Arqueologia Clássica é a disciplina que proporciona bases teóricas e metodológicas específicas dessa abordagem. A presença da Arqueologia Clássica na Universidade, especialmente dentro das Ciências Humanas, estimulou a interdisciplinaridade entre a História Antiga e a Arqueologia, além das demais disciplinas dos Estudos Clássicos.

A partir desse levantamento sobre a estrutura da Arqueologia e a importância da Arqueologia Clássica, na construção desse trabalho, apresentaremos a relação entre Arqueologia, História Antiga e seus pressupostos. O interesse pelo estudo do tema proposto se manifestou durante a realização de um projeto interdisciplinar numa parceria entre os cursos de Licenciatura em História e Bacharelado em Arqueologia da PUC Goiás e o LECA/UFPel, no ano de 2018. A participação naquele seminário de Estudos Clássicos possibilitou a eleição de um tema para a pesquisa no âmbito da Iniciação Científica no ano de 2019. A Iniciação Científica, sob orientação do Prof. Me.

Ivan Vieira Neto, foi realizada no campo da Arqueologia Clássica, investigando as representações de Helena de Esparta na iconografia dos vasos gregos. Durante o levantamento bibliográfico, notamos que existe um leque de possibilidades entre a Arqueologia e a História Antiga, o que nos despertou o interesse pelas origens do campo dos Estudos Clássicos no contexto universitário brasileiro.

O debate acerca da necessidade dos estudos Clássicos no Brasil, inclusive dentro da Universidade, tem sido pujante através de iniciativas de estudos e projetos que incentivem a inserção dos Estudos Clássicos na Universidade Brasileira e na sociedade como um todo. Dessa forma pretendemos abordar como a Arqueologia Clássica adquiriu um caráter relevante e único, propondo reflexões acerca de suas características frente às tendências reacionárias e conservadoras que nos últimos anos têm se popularizado em nosso país.

A abordagem utilizada focaliza a institucionalização da Arqueologia no Brasil e posteriormente a institucionalização da disciplina Arqueologia Clássica, que se deveu a diversos institutos, mas em grande parte foi graças aos diversos arqueólogos e intelectuais brasileiros que contribuíram na luta e resistência para a consolidação da Arqueologia e suas vertentes produzidas por brasileiros. Nesse aspecto, podemos ressaltar a importância dos institutos de Arqueologia no Brasil que precederam a pesquisa acadêmica. Alguns deles que cabe ressaltar, são, o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), fundado 1961 e o Instituto de Pré-História (IPH) criado em 1959, vinculado ao Museu Paulista, que possibilitou o trabalho conjunto de vários intelectuais, políticos e cientistas do campo para projetarem e construírem pautas preservacionistas na Universidades (FERNANDES, 2007, p. 36). Diversos outros institutos trabalharam com grandes nomes que desenvolveram diversos pontos de manutenção e preservação dos sítios arqueológicos brasileiros assim como teorias fundamentais que foram e são discutidas nas Universidades no Brasil e no mundo.

Esses esforços levaram a produção e estudos do Brasil a alcançarem as Universidades e centros de pesquisas internacionais. Segundo José Geraldo Costa Grillo e Pedro Paulo de Abreu Funari, a “Arqueologia Clássica - em suas vertentes grega e romana - chega à segunda década do século XXI com renovado dinamismo” (GRILLO & FUNARI, 2015, p. 93), pois tem um visível potencial para alcançar diversos espaços na sociedade.

Pretendemos analisar a questão de como os estudos do Mundo Antigo pode ser relevante à realidade social dos brasileiros do século XXI. “Muitos europeus

também acham curioso o fato de que na América Latina existam pessoas que se interessam por temas como os antigos egípcios, mesopotâmicos persas, gregos ou romanos” (GARRAFFONI; FUNARI & PINTO, 2010, p. 4). No Brasil, a relevância científica, política e sua inserção social mostra que a trajetória da Arqueologia Clássica inquietou e desacomodou muitos aspectos dentro da Universidade brasileira e internacional, como bem apontado pelos autores supracitados.

Esse aspecto imbuído nos avanços dos Clássicos na Arqueologia, mostram que a Antiguidade Clássica, tão utilizada no século XIX pelas linhas tradicionais, conservadoras e hierárquicas, graças aos seus intelectuais tem “experimentado uma grande renovação, na qual busca questionar esses ranços históricos a partir de uma revisão teórica profunda” (SILVA e MARTINS, 2008, *apud* GARRAFFONI, FUNARI, PINTO, 2010, p. 3). Pretendemos salientar em nosso trabalho como tem sido a superação dessa vertente reacionária e a ascensão dos Estudos Clássicos no geral. Segundo o historiador da Antiguidade Martin Bernal, os Clássicos nunca foram isentos de representações políticas e socioculturais. O empenho realizado pelos estudiosos do Mundo Antigo é mostrar que os Clássicos não são isentos, mas altamente políticos (BERNAL, 1987;2005, *apud* GARRAFFONI, FUNARI, PINTO, 2010, p. 2)

No contexto brasileiro, o fator que buscaremos trazer destaque e explicitar sua necessidade, são os movimentos pelos arqueólogos e classicistas na busca pela promoção da interdisciplinaridade dos Estudos Clássicos. A interação entre História, Antropologia, Arqueologia, Filosofia, Letras Clássicas, etc. é um coeficiente crucial na luta contra as políticas institucionais que insistem no desmantelamento das Ciências Humanas, fazendo com que por diversas vezes os estudos sobre o Mundo Antigo fossem questionados pela sua necessidade ou pouco valorizados em âmbito nacional.

A partir dessas considerações históricas, e das renovações experimentadas pela Arqueologia Clássica em sua trajetória nos últimos séculos, estruturamos nosso trabalho em três partes. No primeiro capítulo, investigamos o surgimento da Arqueologia na Europa, especificamente o surgimento da prática arqueológica a partir da cultura material em três momentos da História: a Antiguidade, a Idade Média e a Modernidade. No Mundo Antigo, exploramos as percepções dos antigos na perspectiva de estudos arqueológicos no sentido hodierno do termo. Durante a investigação da Idade Média, nos voltamos ao interesse do Medievo pela cultura material e suas percepções da Arqueologia frente às inclinações do período. Passaremos a chegada do século das luzes e a sociedade moderna no ápice do

Iluminismo. Nosso objetivo é perceber a relevância dos valores Clássicos dentro da mentalidade dos Iluministas e suas contribuições para a Arqueologia.

No segundo capítulo, analisamos o surgimento da Universidade e sua importância para o desenvolvimento dos debates científicos e intelectuais, especialmente na institucionalização da Arqueologia na Academia. Logo após, seguimos o progresso do curso de Arqueologia nas Universidades europeias, realizando uma análise sobre a identidade da Arqueologia constituída dentro do território e da cultura nacional da América do Norte, especialmente sob as influências estadunidenses. Em seguida, exploramos as influências europeias e norte americanas no surgimento da Arqueologia na América Latina e no Brasil, verticalizando na análise da sua relação com os Clássicos. Nessas vertentes, percebemos o início tardio da Arqueologia brasileira e conseqüentemente da disciplina arqueológica no Brasil. Passamos pelos primeiros contatos das coleções arqueológicas no território brasileiro, até a chegada de um cenário favorável à institucionalização acadêmica da disciplina.

No terceiro e último capítulo, examinamos o florescer da Arqueologia na tardia universidade brasileira. Nossa proposta visa perceber o processo lento e continuado do esforço pela organização das universidades no Brasil e da produção científica até a inclusão da Arqueologia como um curso que integre a academia brasileira. Aprofundamos a análise no surgimento de duas notáveis Universidades brasileiras, a Universidade do Rio de Janeiro (URJ) e a Universidade de São Paulo (USP). Nosso interesse foi pautado pelas influências que estas receberam e os princípios que se constituíram sobre essas instituições.

Em seguida, diante dos avanços das Universidades, investigamos a integração da Arqueologia no *hall* de cursos universitários no Brasil e a formação dos cursos de graduação em Arqueologia. Finalmente, abordamos a integração dos estudos da Antiguidade Clássica na Arqueologia e nos currículos universitários. A disciplina Arqueologia Clássica enfatiza a necessidade um trabalho interdisciplinar entre a Arqueologia e a História e, nesse sentido, propomos uma análise da evolução da disciplina durante o século XXI, frente à crescente produção dos Estudos Clássicos, da união entre diferentes disciplinas e o excelente trabalho das pesquisas científicas realizadas na área.

Grillo e Funari realizam uma excelente contribuição nesse aspecto:

Muitas vezes, não pensamos como faz diferença quem faz a ciência: mas faz sim. Os cientistas escolhem o problema a ser tratado,

interpretam os dados e chegam às conclusões. Não se trata de apenas um amontoar de pessoas, os cientistas, pois a própria diversidade de experiências, pensamentos e perspectivas faz com que as soluções sejam muito mais significativas (GRILLO & FUNARI, 2015, p. 20).

Diferente das afirmações que o governo brasileiro tem sustentado referente a produção das Universidades brasileiras, percebemos como os trabalhos científicos realizados pelas Humanidades (e abominados pela frente neofascista) são basilares na construção de uma identidade nacional. Assim, percebemos como a disciplina Arqueologia Clássica tem vencido as barreiras a ela impostas na realidade brasileira e como tem se estabelecido como disciplina fundamental para as Ciências Humanas através de movimentos multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares que têm dialogado de forma aberta e democrática com a sociedade para além dos muros da Universidade.

CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA: DAS ORIGENS ÀS UNIVERSIDADES

A Arqueologia¹ se define enquanto “um projeto de ciência da cultura material” (CÂNDIDO, 2014, p. 76). Para entendermos esta afirmação de M. M. Duarte Cândido, precisamos analisar o processo de constituição e formação da ciência arqueológica, compreendendo como a disciplina foi gestada e conformada para se tornar o *locus* por excelência dos estudos da cultura material.

Tânia Andrade Lima pontua que a Arqueologia é uma disciplina que questiona a transformação dos sistemas socioculturais e a manutenção desse sistema no decorrer dos anos (LIMA, 2011, p. 12). Estudo realizado a partir da cultura material produzida por tal sociedade. Portanto, essa ligação com a materialidade está implícita na interpretação dos fenômenos sociais das mudanças concretas da cultura material. A necessidade da Arqueologia em se adaptar de forma técnica e metodológica aos “aspectos concretos, tangíveis, da produção humana” (LIMA, 2011, p. 12), fez com que a Arqueologia se tornasse a “disciplina mais qualificada para investigar esse rico e complexo domínio material da cultura, cuja história é tão antiga quanto a própria espécie humana (YENTSCH & BEAUDRY, 2001 *apud* LIMA, 2011, p. 12).

Tendo em vista a correlação da cultura material com a história da humanidade, a principal contribuição que os estudos da cultura material trouxeram para a Academia foi justamente a possibilidade de compreender contextos históricos bastante antigos, contextos que não podem ser percebidos senão pela ampliação do conceito de fontes, dentre as quais a cultura material figura proeminentemente (MENESES, 1983, p. 103).

Definir a cultura material é importante para diferentes disciplinas, entre elas, podemos destacar a História, a Arqueologia e a Arquitetura. Para a arqueóloga e historiadora Cristiane Loriza Dantas é necessário compreender dialogicamente a relação entre as pessoas e os objetos, destacando que muitas dinâmicas sociais surgem especificamente dos processos de interação entre pessoas e artefatos (DANTAS, 2014, p. 25).

A da cultura material, portanto, apresenta “um amplo segmento de realidades físicas definidas por sua inserção na atividade humana” (REDE, 2012, p. 134). Notamos que no campo dos estudos materiais esses elementos passaram a ser

¹ Etimologia: arqueo+logia, do gr. Αρχαιολογία.

compreendidos como parte da experiência social, adquirindo significados e valores inteligíveis no âmbito dessas sociedades (REDE, 2012, p. 134).

A recuperação de dados a partir da cultura material permite aos estudiosos compreender o comportamento dos grupos humanos no passado, funcionando como registros fósseis “de uma ação ou [de um] conjunto de ações” (DUNNEL, 2006, p. 88 *apud* DANTAS, 2014, p. 73). Esta é uma importante premissa da ciência arqueológica.

Conforme Ulpiano Meneses, “a expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado” (MENESES, 1998, p. 100). A investigação arqueológica é costumeiramente entendida a partir de sua relação com os artefatos — uma parte significativa da construção dos saberes arqueológicos e peça-chave na constituição da disciplina, porém sem constituir-se o único interesse ou apresentar-se como a única possibilidade ao trabalho do pesquisador arqueólogo.

Esta perspectiva é especialmente importante quando se pensa na investigação de contextos recuados como aqueles das sociedades antigas, estudo que por tempos se restringiu aos testemunhos das fontes escritas. Os estudos da cultura material oferecem respostas às lacunas e ajudam a reconstituir o mosaico fragmentário dado pela documentação escrita (MENESES, 1983, p. 103). Atualmente, as investigações no campo da História muito se beneficiam da produção acadêmica da Arqueologia, que nas últimas décadas têm acrescentado importantes descobertas aos saberes devotados ao conhecimento do passado. Boa parte desse arcabouço é possibilitada pelos estudos da cultura material, uma tendência para as pesquisas arqueológicas, conforme prognóstico realizado por Pedro Paulo Funari, docente da Unicamp (FUNARI, 2013, p. 23). Nesta abordagem, é importante destacarmos o papel crucial e a influência da Antropologia dentro da pesquisa arqueológica, que fez com que grupos e sociedades distantes fossem privilegiadas no campo de estudos da Arqueologia. Isso porque a Antropologia incluiu discussões a respeito de comunidades não tradicionais criando uma história local desses grupos excluídos (FERNANDES, 2007, p. 124).

Quanto à variedade da pesquisa no âmbito da cultura material, citemos como exemplo o Período Clássico. Este contexto é rico em vestígios materiais que oferecem profícua documentação para o estudo do mundo antigo. Por essa razão, reiteramos a afirmação de Fábio Vergara Cerqueira e Carolina Kesser Barcellos Dias: os estudos da Arqueologia do mundo antigo “contribuem para a construção e renovação do saber

sobre a diversidade de sujeitos, relações e culturas da antiguidade, de maneira multifacetada” (CERQUEIRA & DIAS, 2017, p. 6).

1.1 O Ensaio Arqueológico da Antiguidade

Os pensadores da Antiguidade não propuseram uma perspectiva de estudos propriamente arqueológica, no sentido hodierno do termo. Entretanto, pelas fontes percebemos que a preocupação com o passado não se restringia ao círculo dos historiadores. Filósofos como Platão e Aristóteles se dedicaram às reflexões sobre os contextos anteriores aos seus, desenvolvendo diferentes possibilidades de análise. Esses autores nos ensinam que os antigos poderiam empregar uma gama razoável de palavras para designar os estudiosos que se debruçavam sobre o passado.

Segundo Arnaldo Momigliano, substantivos como “*kritikos, philologos, polyistor, grammatikos, doctus, eruditus* ou *litteratus*”² confundiam-se nos esforços de delimitar como os estudiosos remetiam ao estudo do passado. Contudo, não se aproximavam do sentido designado pelo termo grego *arkhaiólogos*³, percebido nas fontes escritas quando Platão coloca na boca do Hípias Maior que “as genealogias de heróis e de homens, as tradições sobre as fundações das cidades e as listas dos magistrados epônimos são parte de uma ciência chamada Arqueologia” (MOMIGLIANO, 2004, p. 93).

A “Arqueologia foi empregada no período helenístico e em época romana para indicar uma obra de história arcaica ou uma história que começasse com as origens” (MOMIGLIANO 2004, p. 93). Os antigos desenvolveram o hábito de situar seus tratados sobre personagens e contextos muito anteriores à sua própria época no panorama que a Antiguidade chamou de “arqueológico”. Estudos sobre as origens da comunidade ou das instituições políticas e sociais foram desde muito cedo denominados estudos “arqueológicos”, publicados em tratados intitulados *Arqueologia* (MOMIGLIANO 2004, p. 93). Como exemplifica o historiador italiano, identificamos a ideia na *Arqueologia Romana* de Dionísio de Halicarnasso; ou na *Arqueologia Judaica* de Flávio Josefo. São obras fundamentalmente inseridas na tradição historiográfica, produzidas por conhecidos historiadores que viveram no contexto helenístico-romano.

² São de origem grega os termos *kritikós* (κριτικός; crítico), *philólogos* (φιλόλογος; filólogo), *polyhístōr* (πολυῖστωρ; cuja tradução mais adequada é “polímata”) e *grammatikós* (γραμματικός; gramático), *Doctus* (douto), *eruditus* (erudito) e *litteratus* (litterato) são termos de origem latina que descrevem um indivíduo culto, interessado pelas artes e ciências, versado em variados assuntos.

³ O *arkhaiólogos* (ἀρχαιόλογος) se dedicaria à compreensão ou estudo das origens (ἀρχή).

Arnaldo Momigliano pontua que o sentido da “Arqueologia” para os antigos era dirigido a uma espécie de “História Arcaica”. Isso quer dizer que “os antigos nunca foram capazes de fazer uma distinção nítida entre história propriamente dita e um tipo diferente de pesquisa que se ocupa com o passado sem ser história” (MOMIGLIANO 2004, p. 94). À análise dos antigos bastava entender e produzir um diálogo profundo com o passado, apresentando-o numa série de detalhes minuciosos, pautando-se pela curiosidade sobre os eventos vividos pelos seus ancestrais e fazia-se História, perspectiva que não deixa de revelar certo ufanismo. Desse modo, os antigos estavam interessados em matérias estritamente arqueológicas apenas quando a materialidade pudesse contribuir de modo direto com tais discursos.

Conforme a historiadora e arqueóloga paulista Carolina Kesser Barcellos Dias, a Antiguidade, marcada por um forte padrão cultural e grande organização social, especialmente no contexto das *apoikíai*⁴ gregas, que lhes permitiu infundir às colônias uma estética que já estava bastante consolidada na Hélade (DIAS, 2009, p. 47). Haiganuch Sarian informa que “a Grécia antiga produziu cerâmica em grande escala, em períodos diversos e em várias regiões” (SARIAN, 1999, p. 163). Segundo a autora, Atenas, em sua larga produção cerâmica³, alcançou requintes de acabamento que deram aos seus vasos diversos formatos, pinturas e decorações (SARIAN, 1999, p. 163). Essas produções de cerâmicas não estavam restritas somente a Atenas. “A produção de vasos se desenvolve e participa de uma bem-sucedida exportação, levando esses vasos para outros pontos do continente e das colônias gregas” (DIAS, 2009, p. 17). Utilizamos a cerâmica grega afim de ressaltar que este é um exemplo da produção de documentos materiais no Período Clássico. A cerâmica nos oferece um aporte nos estudos da materialidade deste documento, já que os vasos são facilmente encontrados nos sítios arqueológicos, possuem alta durabilidade as condições climáticas naturais e as ações humanas. Além disso, a cerâmica estava presente na vida cotidiana dos gregos, e por essa razão possui informações particulares no estudo desta sociedade.

Cabe ressaltar que na Antiguidade Clássica a cerâmica ainda não é “o” artefato, estando afastada do significado que essas peças adquirem para estudos mais atuais. O vaso cerâmico era, portanto, é um objeto do cotidiano. Contudo, o vaso cerâmico,

⁴ O termo *apoikíai* (ἀποικίαι) deriva de *ápoikos* (ἄποικος, *colono*) ou “aquele que está longe de casa”, em grego *oikos* (οἶκος).

como outros suportes utilizado pelas antigas populações das cidades helênicas, recebeu tal atenção que se tornou suporte para a narração (por meio de imagens) dos mitos e feitos cristalizados no imaginário grego. Não deixa de ser uma *Arqueologia*, isto é: uma história das origens. O apreço do homem antigo pelos eventos pretéritos é demonstrável justamente pelo recurso frequente à cerâmica como forma de registro, narrando visualmente as histórias dos deuses e heróis que povoavam aquela cultura. Os antigos, apesar de ignorar as diferenças existentes entre Arqueologia e História, apreciavam os seus mitos de origem e foram suficientemente atenciosos para grafar essas histórias em objetos de usos diários e contínuos.

Segundo Bruce G. Trigger, os antigos mantinham o apreço por objetos oriundos de civilizações primitivas que seriam (re)utilizados e ressignificados de forma religiosa na reconstrução de um passado glorioso⁵:

Esse interesse crescente pelos remanescentes físicos do passado fazia parte de uma profunda preocupação com os primeiros tempos, principalmente entre as classes letradas. Tais interesses tinham um forte componente religioso. Acreditava-se que deuses, ou uma série de heróis culturais, haviam fundado a civilização em uma forma já perfeita no começo dos tempos. As gerações humanas subsequentes teriam fracassado em conservar essa forma ideal. Portanto, os monumentos, assim como os registros escritos do passado, constituíam vínculos tangíveis com eras mais próximas do tempo da criação e, portanto, eram os meios através dos quais se poderia chegar mais perto do protótipo sagrado da civilização. Por conta de sua proximidade com o drama cósmico da criação, imaginava-se também que esses artefatos eram dotados de poderes sobrenaturais incomuns (TRIGGER, 2004, 38).

Não obstante, importa destacar que apesar da estima da Antiguidade em relação à cultura material, seu interesse arqueológico era limitado visto que,

nas civilizações clássicas da Grécia e de Roma, a produção de histórias narrativas reais baseadas em registros escritos, assim como o interesse por práticas religiosas, costumes locais e instituições civis, apenas esporadicamente se faziam acompanhar por um interesse pelos vestígios físicos do passado (TRIGGER, 2004, 38).

Nesse sentido podemos compreender a relação dos antigos com os artefatos, já que habitualmente as histórias narrativas sobressaíam a materialidade do objeto. Camila Diogo de Souza aponta que as obras homéricas, por exemplo, eram uma fonte incontestável em relação ao conhecimento dos gregos sobre o contexto anterior ao

⁵ Um exemplo de artefato que cumpriu esse papel nas sociedades antigas, são as Sibilinas Cristãs. Essas silibinas, se tratam se um conjunto de oráculos, com uma característica judaico-cristã, que foram largamente difundidas desde a Antiguidade até o final da Idade Média.

ano de 776 a.C. (SOUZA, 2019, p. 111). Isto quer dizer que as fontes orais ou escritas superavam quaisquer evidências materiais em relação à força dos seus discursos.

Destarte, durante o Período Clássico ninguém ocupou o espaço mais tarde reservado ao arqueólogo profissional moderno. A Antiguidade promoveu uma coleta sistemática baseada no seu apreço como aspecto específico da sua *Arqueologia*. Essas práticas se encaixam na explicação de Bruce G. Trigger sobre a relação entre os artefatos herdados de outros tempos e culturas com o protótipo cívico sagrado legado por uma antiga progênie de heróis e divindades (TRIGGER, 2004. 36).

Tendo em vista essa relação dos antigos com a Arqueologia, compreendemos que a proximidade com os artefatos pode ser identificada sobretudo nas práticas que os antigos estabeleciam com os objetos de seus ascendentes e não como pretensão de desenvolvimento de um saber específico.

1.2 O Hiato Arqueológico da Idade Média

Johnny Langer afirma que “durante a Idade Média, ocorreram alguns fortuitos registros arqueológicos, geralmente relacionados com assuntos eclesiásticos” (LANGER, 1999, p. 96). O autor cita como exemplos as coleções de objetos romanos e a construção de altares sagrados com artefatos antigos (LANGER, 1999, p. 96). Essa relação entre a cultura material e o período medieval é entendida como uma busca com outras inclinações, divergentes dos interesses da Antiguidade Clássica, uma vez que, “posteriores às civilizações antigas, artefatos podiam ser valorizados como relíquias⁶ de determinados governantes, ou de períodos de grandeza nacional, e ainda como fontes de informação sobre o passado” (TRIGGER, 2004, 37).

Isto não indica que durante a Idade Média não houve interesse pelos artefatos e recurso à cultura material. O interesse é que era bastante específico, sendo que “a falta de interesse por temas da Antiguidade Clássica, acabou desfavorecendo maiores preocupações com vestígios arqueológicos” (POMIAN, 1983, p. 76 *apud* LANGER, 1999, p. 96). O que percebemos é que o apreço e o zelo pelos artefatos não se

⁶ Enquanto estudiosos da História, não podemos concordar com a aplicação nesta pesquisa do termo empregado por Bruce G. Trigger (2004), mais corrente e comum no campo da Arqueologia. Os estudos históricos entendem por “reliquias” os objetos que pertenceram a um santo, que tiveram contato com seu corpo ou uma parte em si do próprio corpo santo. Segundo Renata Cristina de S. Nascimento, as relíquias têm a função de manifestar o invisível no visível. “As relíquias são realidades materiais que têm por objetivo aproximar o homem do sagrado, cumprindo um papel cultural e espiritual, sendo fundamentais para o entendimento das práticas, dos rituais e das crenças cristãs” (NASCIMENTO, 2014, p. 106).

transmitiram da Antiguidade à Idade Média. Esta última esteve pouco preocupada com os contextos pretéritos e se viu zelosa principalmente do patrimônio religioso cristão, organizado a partir do século III EC.

A influência da Igreja Católica, consoante Bruce Trigger, teve grande impacto nos diversos cenários da vida medieval. Para essa sociedade, o único conhecimento factual do passado remetia aos escritos bíblicos e aos registros históricos envolvendo tradições que instituíam e reafirmavam os poderes clericais (TRIGGER, 2004, 40). Essa constância do pensamento religioso parece ter cessado o anseio pela busca de indícios arqueológicos consistentes.

Outro aspecto a ressaltar sobre as práticas arqueológicas no mundo medieval, são as práticas funerárias. Para João Pedro Bernardes, os aspectos arquitetônicos do espaço funerário no período medieval foram totalmente modificados pela progressão do cristianismo (BERNADES, 2017, p. 369). A busca por um espaço que distanciasse as áreas funerárias dos cristãos daquelas dos pagãos gerou um fenômeno no qual os campos mortuários se aproximaram cada vez mais das residências e dos locais públicos (BERNADES, 2017, p. 370). O impasse arqueológico ocorreu quando a população iniciou a tomada de espaços religiosos pagãos para realizar o sepultamento dos seus mortos.

O desmantelamento em larga escala das mais prestigiantes e significativas estruturas clássicas e respectivos ornamentos, eram feitos não apenas para reaproveitar materiais, mas como forma de combater os falsos deuses e a idolatria [...] Sendo uma prática que ocorre um pouco por todo o lado, os fenômenos de destruição e pilhagem não terão atingido na Hispânia as proporções de outras regiões do Império (BERNADES, 2017, p. 375).

A partir desses estudos, a relação entre a cultura material e a Idade Média aponta que especialmente as construções monumentais antigas e túmulos pagãos não tinham o mesmo valor simbólico ou religioso que os cristãos mais tarde atribuíram às suas relíquias. Os artefatos valorizados pelos cristãos eram tão-somente aqueles que despertavam a sua piedade religiosa, sentimento preponderante no medievo. Pouquíssimos objetos do passado clássico eram incorporados aos espaços sagrados e profanos da Idade Média.

Durante a quarta cruzada foi realizado o grande saque de Constantinopla (1204). Por nove séculos, a grande cidade fora a capital do mundo cristão, estava repleta de obras de arte que haviam sobrevivido desde a Antiga Grécia, além de possuir uma invejável coleção de relíquias. Os tesouros de relíquias acumulados em Constantinopla exerciam sob[re] os ocidentais um grandioso fascínio.

Os venezianos apoderaram-se de vários destes tesouros e os levaram para sua cidade, adornando igrejas, palácios e praças (NASCIMENTO 2014, p. 63)

Referente a esses tesouros, Christine Ferreira Azzi argumenta que o discurso da Igreja Católica baseado no desapego aos bens materiais fez com que a Igreja passasse a receber diversas doações de tesouros e artefatos antigos. Para armazenar essas relíquias, os eruditos medievais criaram o *studiolo*:

Durante a Idade Média, príncipes da Igreja e governantes seculares acumularam tesouros de relíquias, vasos de luxo, joias e objetos como chifres de unicórnio (narval) ou outras criaturas lendárias. Desses tesouros, surgiu uma forma mais privada de apreciação, o *studiolo*, um estúdio especialmente construído para abrigar objetos antigos, pedras preciosas e esculturas, popular na Itália entre homens de recursos e conhecimentos, a partir do século XIV. Oliviero Forza, em Treviso, foi dono do primeiro *studiolo* de que há registro, em 1335. Colecionar obras de arte e objetos esculpidos em pedras e metais preciosos tornou-se passatempo de príncipes, diversão que às vezes beirava a paixão avassaladora (BLOM, 2003, p. 33 *apud* AZZI, 2011, p. 358).

Segundo Langer, na Idade Média poucas moedas e lápides com inscrições foram usados com a intenção de estabelecer comparativos com textos antigos (LANGER, 1999, p. 96). Nesse período, apesar de estudiosos como Dante Alighieri terem se dedicado a manuscritos e pergaminhos antigos, e do interesse de Petrarca pelas moedas greco-romanas (LANGER, 1999, p. 96), concluímos que o interesse pelos saberes arqueológicos se manteve restrito e pontual.

1.3 A Aurora da Arqueologia na Modernidade

A Arqueologia surgiu em estrita associação com a cultura clássica, estabelecida na Idade Moderna como recurso ao patrimônio intelectual do mundo greco-romano. Isto se deveu ao anseio da sociedade europeia em resgatar suas origens, buscando novos paradigmas políticos e culturais. Grande parte desse processo se deveu ao Renascimento, movimento devotado à intensa revalorização das referências da Antiguidade Clássica. O contexto imediatamente posterior também repercutiu ideais iluministas que segundo John Gray desejavam substituir a religião cristã pela crença humanista do Iluminismo (GRAY, 1999, p. 7). Os ideais pregados pela Igreja Católica tornavam-se cada vez mais obsoletos na sociedade europeia desde fins do século XV. Do início do pensamento humanista até o seu apogeu, em meados do século XVII, os intelectuais frequentemente se debruçaram sobre os escritos do Mundo Antigo.

Nesse contexto, a definição de Humanismo, segundo Raquel Quinet Pifano, remete à revalorização da Antiguidade, ou seja, ao retorno à cultura greco-romana. Originalmente este interesse se caracterizava pela “valorização da literatura antiga”, um interesse específico na gramática latina (PIFANO, p. 504).

Christine Ferreira Azzi pontua que o homem humanista é tanto o investigador quanto o objeto de estudos. Além do componente básico do pensamento humanista, ele também tem como base um sentido renovado sobre a capacidade do indivíduo em empreender a transformação do mundo. Para tanto, os intelectuais e pensadores enfocam a busca por respostas científicas e não mais religiosas (AZZI, 2011, p. 354).

De acordo com Klaus Hilbert, era tipicamente renascentista essa curiosidade referente a temas da cultura greco-romana, despertando o interesse pelos estudos da Antiguidade. Tanto que a coleção de artefatos clássicos começou a se popularizar (HILBERT, 1999, p.18). Para o autor, a "Era da Arqueologia" ligada à História da Arte foi retomada a partir da escavação da cidade de Herculano em 1738, sob as ordens do Rei Carlos III da Espanha e das duas Sicílias (HILBERT, 1999, p. 95).

A negação dos séculos anteriores fez com que os pensadores europeus propusessem uma divisão preconceituosa, questionada na historiografia recente. Essa divisão situou dois espaços de interesses, um voltado às glórias e ao prestígio das origens (a Antiguidade) e outro ligado à ideia de progresso, almejando construir o futuro a partir dos exemplos daquele exitoso passado clássico (a Modernidade). Entre a Idade Antiga e a Idade Moderna os renascentistas delimitaram um período marcado pelo fanatismo religioso, pela irracionalidade e pelo retrocesso. A “Idade Média”, sabemos, não figurou como contexto essencialmente precário e sem inovações nos âmbitos cultural, intelectual e científico, trazendo contribuições inclusive para o modo como entendemos o passado pela perspectiva dos artefatos e da cultura material. Entretanto, para pavimentar o caminho do progresso e do futuro, os modernos precisavam negar quaisquer contribuições dadas no contexto imediatamente anterior.

1.3.1 Renascimento e Iluminismo

Nesse contexto, é importante lançar um olhar sobre as perspectivas criadas na Península Itálica e na Europa Central, na região da atual Alemanha. Respectivamente, a primeira perspectiva refere-se à proposta da *Renascenza*, situando a Idade Média entre o Mundo Antigo e o Moderno. Nessa premissa, todos os valores formados na Antiguidade retrocederam durante o Medievo e só puderam ser retomados a partir da

Modernidade. Portanto, o Renascimento significa o retorno dos valores antigos, inaugurando a Idade Moderna. Na percepção tedesca, o *Aufklärung* (ou Ilustração) denunciava a Idade Média como um contexto sombrio, denominado Idade das Trevas – antagonizando com a Idade das Luzes.

A construção de novos valores sociais, culturais e estéticos, principalmente a volta dos padrões greco-latinos, reestruturou toda a concepção de cultura material recebida do Período Clássico. “O objetivo dos eruditos da Renascença era entender e emular, o mais que pudessem, as gloriosas realizações da Antiguidade” (TRIGGER, 2004, 44). O padrão greco-romano se tornou o padrão neoclássico e começou a emergir em monumentos e construções pela Europa e também pelos Estados Unidos, especialmente na arquitetura dos *campi* universitários e grandes edifícios públicos. Esse padrão tentava resgatar características estéticas e culturais gregas e romanas para reproduzi-las na arquitetura, na escultura e na pintura. Essas novas construções eram baseadas na interpretação estética que os modernos fizeram da antiguidade, pois já não era possível contemplar a materialidade dos grandes monumentos antigos, devido à perda e degradação da maioria dos sítios conhecidos.

Exemplo do descaso e da destruição sistemática de monumentos históricos, parcial ou integralmente danificados pela omissão das autoridades da época, lembremos da demolição acidental do Partenon, na Acrópole de Atenas (século XVII). Durante o ataque dos venezianos à capital grega, os otomanos usaram a edificação como paiol de pólvora. Quando um canhão veneziano disparou da colina de Filopapo, acertou o paiol que explodiu, danificando permanentemente a estrutura do Partenon.

O exemplo denota a falta de diligência para com as poucas construções antigas às quais a sociedade europeia ainda tinha acesso. Além de afirmar o legado clássico, os modernos não conseguiram nenhum avanço em relação à proteção sistemática das construções monumentais e dos pequenos artefatos, ao passo que a expressão do interesse pelo mundo antigo contribuiu de alguma forma com as investigações da cultura material entre os renascentistas. De acordo com Funari,

O próprio nome, Renascimento, deve-se não só à leitura das obras antigas, como à coleta de objetos artísticos antigos, que passavam a fazer parte de coleções privadas, papais ou de autoridades. Por alguns séculos, do Renascimento no século XVI até o século XX, esses objetos e mesmo os edifícios antigos, como o Pantheon, em Roma, faziam parte do culto ao antigo, e constitui em certo sentido, uma atividade precursora da Arqueologia (FUNARI, 2010, p. 85).

Essa devoção pela cultura material no período renascentista, segundo Azzi, pode ser observada e problematizada a partir da investigação da prática do colecionismo, uma tendência que se faz perceber entre as populações europeias desde a Antiguidade Clássica⁷ (AZZI, 2011, p. 335).

O historiador Krzysztof Pomian define coleção como: [...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1984, p. 51 *apud* AZZI, 2011, p. 335).

O colecionismo marcou o interesse e se tornou uma prática comum dos modernos. Cláudio Umpierre Carlan e Pedro Paulo A. Funari acrescenta que “o colecionismo sempre foi a primeira expressão de uma hierarquia política, econômica e social” (CARLAN & FUNARI, 2010, p. 17). Portanto, a partir do Renascimento a alta classe europeia se dispôs a construir coleções de obras antigas assim como dos artefatos. Esses objetos chegavam às coleções através de expedições realizadas a partir do século XVIII, como também através da criação dos primeiros museus na Europa. Assim como o colecionismo praticado pelos príncipes da Idade Média, o colecionismo do século XVI estava ligado a interesses monárquicos⁸, porém menos intenso ao propósito religioso (CARLAN & FUNARI, 2010, p. 19).

O trabalho sob a investigação dos artefatos existentes nessas coleções não costumava estar ligados aos métodos ou atribuições, hoje presentes na investigação arqueológica. Entretanto foram essas coleções que permitiram o gradual desenvolvimento desse campo de estudos.

1.3.2 Antiquarianismo e Colecionismo

A despeito do salto no método e nas práticas arqueológicas, esse interesse investido às antiguidades pelos modernos também partia da cobiça em ostentar, gabar-se pela posse desses objetos arqueológicos. O artefato se tornou artigo de luxo, cujo acesso em geral se dava pela via expedicionária, quase sempre organizada pelos

⁷ De acordo com Helena Vieira Leitão de Souza, na Antiguidade havia grandes coleções nas sociedades egípcia, mesopotâmicas, grega e romana. Sai associação estavam, sobretudo, à espólios de guerra e produtos de povos diferentes. Um exemplo dado pela autora, é a remoção feita por Assurbanipal, que tirou do Egito e levou para Nínive, 2 obeliscos e 32 esculturas, como um troféu de guerra (DE SOUZA, 209, p. 2)

⁸ Roger Chartier utiliza-se do termo de signos do poder, na qual utiliza em seu discurso o exemplo de monumentos, emblemas, medalhas, moedas que identificariam o Estado com o objetivo de representar simbolicamente o seu poder (CHARTIER, 1990, *apud* CARLAN & FUNARI, 2010, p. 22).

próprios colecionadores. Também era frequente que esses objetos de grande valor constituíssem parte das heranças familiares.

A tradição das expedições constituiu um grave problema. A falta de um estudo mais aprofundado e embasado em evidências históricas ou literárias, muitas vezes, acarretava o mau uso, com perdas materiais significativas. Como informa Langer,

essa falta de conhecimento e crítica, impossibilitava a autenticidade de muitos objetos arqueológicos, principalmente estátuas greco-romanas. Era comum o complemento físico de esculturas mutiladas, com o fim de usá-las como objeto de adorno (LANGER, 1999, p. 96).

O movimento que enfatizou a ciência e lançou dúvidas sobre os dogmas da religião também promoveu a dessacralização dos espaços antes considerados “sagrados”. O homem moderno cada vez mais se distanciava dos tabus pretéritos. Diversas tumbas e catacumbas foram desenterradas e escavadas na Modernidade, localizadas geralmente em necrópoles e locais especializados, como cemitérios. Segundo Camila Diogo de Souza, não são somente as tumbas, o mobiliário funerário e os vestígios materiais no geral, que eram levados em consideração pelos por esses exploradores modernos (SOUZA, 2009, p. 33).

As escavações financiadas pela alta sociedade italiana estimularam a prática do colecionismo de antiguidades, bem como o aumento significativo de escavações por toda a península. Apesar disso, essas escavações realizadas no final do século XVII ainda estavam distantes dos métodos e escavações que se realizariam no século XIX, pois o interesse dos financiadores nessas escavações estava apenas em recolher artefatos antigos sem nenhuma classificação e nenhum método de datação. Ou seja, qualquer objeto encontrado era resgatado e seu valor estava somente em sua materialidade (sua constituição física, seu acabamento artístico). Entretanto, o ofício do antiquarianista foi imprescindível na construção da teoria arqueológica do século XX, na qual as pesquisas e métodos dos antiquários foram de grande influência nos processos seguintes da Arqueologia nas Universidades e na Arqueologia de campo.

Um exemplo dessas práticas, pode ser observado nas cerâmicas áticas. Embora as cerâmicas gregas não sejam o objeto central dessa pesquisa, elas são elementares no exemplo da difusão sobre a cultura material ática, já que “a popularidade destes vasos na vida quotidiana, constitui elemento importante na própria vida dos gregos. O vaso é por excelência um utensílio comum na vida diária, doméstica ou religiosa, e sendo acessível às pessoas de condição média” (SARIAN,

1999, p. 164). Além disso, as cerâmicas são populares no estudo da cultura material pois possuem maior presença e disponibilidade no registro arqueológico. Consoante Dias, “muito do que se conhece acerca dos vasos gregos é fruto dos estudos iniciados no século XVIII. A observação e o conhecimento deste material ao longo dos séculos foi delineando o que viria a ser o estudo atual da cerâmica grega” (DIAS, 2009, s.p.). Dessa maneira, os estudiosos modernos deram a sua contribuição ao campo da arqueologia e ajudaram a manter esse interesse pelo conhecimento e a busca pelo passado. Os seus continuadores diretos foram os antiquarianistas.

Os antiquários compunham a nobreza europeia, dedicando-se ao estudo, coleta e exibição de obras de arte antigas, juntamente com artefatos e esculturas relacionados ao Período Clássico. Eram ávidos colecionadores que herdavam também de seus antepassados. Por não terem desenvolvido nenhuma técnica ou método específico para o estudo da cultura material, não eram considerados *arkhaiólogoi* (LANGER, 1999, p. 98). O interesse do antiquário se restringia ao valor estabelecido pelo material e acabamento, não por seu valor histórico e arqueológico, menos ainda por seu contexto de descoberta. Contudo, mesmo sem método próprio, seu ofício repercutiu em todo o território europeu.

A pesquisa empreendida pela classe antiquarianista, no final do século XVII, era pautada pelo incentivo à busca pelos primórdios da civilização europeia, nas quais

preocupações estéticas dos antiquários, basicamente, eram as mesmas dos humanistas, com certas mudanças. Buscavam recuperar a tradição clássica, mas de uma maneira muito mais detalhista, com muito maior devoção e cuidado que seus predecessores (LANGER, 1999, p. 98).

Os antiquarianistas preservavam a materialidade do que viria a se tornar um documento na investigação arqueológica a partir do século XIX. Os antiquários, segundo Momigliano, mantinham seus interesses voltados para o objeto histórico, porém, não se interessavam pela história em si (MOMIGLIANO, 2004, p. 85).

Para os antiquários e colecionadores de antiguidades, o documento não valeria senão os materiais que o compunham ou a maestria estética de seu acabamento. Essa concepção, embora divergente da mentalidade que refletia a soberania da documentação escrita, reforçou a marginalização da cultura material, convertendo-a no contraponto radical e diametricamente oposto à historiografia (MOMIGLIANO, 2004, p. 86).

Segundo a historiadora Françoise Choay,

Para os humanistas do século XV e da primeira metade do seguinte, os monumentos antigos e seus vestígios confirmavam ou ilustravam o testemunho dos autores gregos e romanos. Mas, dentro da hierarquia da confiabilidade, eles estavam abaixo dos textos, que conservavam a autoridade incondicional da palavra. Os antiquários, ao contrário, desconfiam dos livros[...]. Para eles, o passado se revela de modo muito mais seguro pelos seus testemunhos involuntários, por suas inscrições públicas e sobretudo pelo conjunto da produção da civilização ocidental (CHOAY, 2006, p. 62 *apud* AZZI, 2011, p. 361).

Perspectiva reforçada por Funari, para quem os historiadores modernos também não possuíam essa consciência em relação ao documento material, já que,

Os antigos, portanto, já faziam uso das fontes materiais, daquilo que nós chamaríamos de fontes arqueológicas. O predomínio da preocupação dos historiadores modernos com o documento escrito marcaria a maneira como a Arqueologia foi encarada, por muito tempo, como uma disciplina auxiliar, como uma fonte complementar apenas, às vezes como mera ilustração (FUNARI, 2010, p. 84).

Dessa forma, é nesse período que constatamos os primeiros conflitos entre o objeto e o documento escrito como testemunhos fidedignos do passado (AZZI, 2011, p. 361). A mesma autora afirma que no Renascimento existe a superioridade da imagem sobre a escrita. Isso fez com que grande parte dos antiquários guardassem catálogos e inventários com descrições, enormes ilustrações de monumentos e reproduções de objetos (AZZI, 2011, p. 363). Essa concepção, trouxe à tona questões como a reprodução de obras, o original e seu valor, importantes para os antiquários.

Para Momigliano, os antiquários europeus, durante os séculos XVII e XVIII, equiparavam-se a importantes intelectuais antigos, como por exemplo Filóstrato, Plínio e Ateneu⁹ (MOMIGLIANO, 2004, p. 91). Essa comparação, era baseada no orgulho que os antiquários sentiam ao perceber que de alguma forma poderiam contribuir e ser responsáveis pela preservação da memória do Período Clássico, assim como esses os intelectuais antigos (MOMIGLIANO, 2004, p. 91).

Embora o conceito de cultura material tenha se modificado ao longo do tempo, o antiquarianismo e o colecionismo deixaram um legado de relativo progresso quanto às descobertas arqueológicas. Do mesmo modo que a abrangência realizada pelos antiquários em suas investigações não podia integrar todos os artefatos históricos, também foi escasso o seu acesso aos métodos que se desenvolveram a partir de suas

⁹ Filóstrato foi um filósofo sofista do período dos imperadores romanos. Recebeu os primeiros ensinamentos de retórica em Atenas. Plínio, Caio Plínio Segundo; 23–79 d.C.) foi um oficial romano, dedicado à ciência e a história. Por último, Ateneu foi um escritor grego da Roma Antiga, ativo entre o reinado de Marco Aurélio e Caracala.

próprias técnicas. Os estudos do século XVIII contribuíram sobremaneira na pesquisa dos vasos gregos, responsáveis por descobri-los e os reconhecê-los como gregos (DIAS, 2009, p. 25).

Dias afirma também que

a partir daí alguns autores começaram a observar e atribuir os vasos mais corretamente. Algumas das publicações do século XVIII continham em si o embrião do rigor científico que começaria a seguir. Antes uma disciplina regida pela estética, o estudo dos vasos pintados passou a contar com uma visão mais arqueológica (DIAS, 2009, p. 25)

Para mais, os antiquários e colecionadores se empenhavam em reproduzir cenas da mitologia na pintura, em afrescos, mosaicos, vasos, coleções de prataria pertencentes a reis, fazendo com que esses objetos fossem desejados por 'estarem na moda'. Esse desejo dos antiquários e da sociedade em reverenciar os Clássicos e as Artes que remontam às origens da Europa, fazia com que o valor e interesse ao objeto original crescesse cada vez mais (MOMOGLIANO, 2004, p. 98). À medida que artefatos originais eram encontrados e acrescentados às coleções dos antiquarianistas, também aumentava o recurso à reprodução desses objetos no contexto europeu.

Semelhantemente a objetos antigos ou às suas cópias que repercutiram e se propagaram entre os europeus no decorrer do antiquarianismo, o mesmo ocorreu com monumentos pela Europa. Devemos lembrar que nem todos os territórios europeus possuíam monumentos oriundos do mundo antigo que conseguiram resistir aos fenômenos naturais e aos assaltos sociais até o século XVIII. O caso da Grã-Bretanha, onde a influência romana quase não se notava.

Por influência do antiquarianismo, os governos europeus investiram em obras que visassem a reprodução de uma estética grega e romana. Esse interesse provocou uma grande profusão de construções do estilo neoclássico nos países europeus.

O interesse antiquário que de modo geral se faz remontar ao Renascimento, mas que se quisermos é possível detectar desde o período helenístico (a partir do século III a.C.) na criação de Bibliotecas e Museus em associação com as cortes dos monarcas sucessores de Alexandre Magno. A partir desse interesse antiquário também, vem o vínculo da Arqueologia Clássica com a História dos estilos e expressões artísticas, vale dizer, com a História da Arte (FLORENZANO, 2003, p. 13).

1.3.3 O *Grand Tour* na Formação Europeia

Um outro importante movimento concomitante ao antiquarianismo na Europa foi o *Grand Tour* do século XVIII. “As viagens de exploração arqueológica tornaram-se comuns a partir do humanismo” (LANGER, 1999, p. 97). Embora nesse período ainda não houvesse a concepção e categorização de *Lugar*, havia uma percepção construída sobre espaço e lugar. Para a Rubertone e Dantas, “o espaço é definido como o entorno do lugar culturalmente construído pelo homem, e as decisões associadas a estas duas esferas estão intrinsecamente ligadas, o que resulta na combinação necessária do homem com o espaço natural” (RUBERTONE, 1986 *apud* DANTAS, 2012, p. 53).

A interação do homem com o meio é que faz do lugar o porquê, na sua ausência, o lugar é sítio de características físicas, nas quais o homem criou relações emotivas e simbólicas. Assim, o simbolismo do lugar não representa somente as características físicas do mesmo, mas também a transformação no interior do homem que permite a atribuição de um significado mítico, transformando-o em um lugar significativo (FERRO 2004, p.15 *apud* DANTAS, 2012, p. 53).

A partir dessa conceituação percebemos que o espaço na modernidade não era percebido como a transformação do indivíduo e da sociedade, e sim concebido somente a partir de suas características físicas. As pessoas e especificamente os viajantes do *Grand Tour* não se relacionavam com essa configuração de Lugar, estavam interessados apenas em espoliar e acumular os artefatos encontrados.

Com efeito, este movimento marcava a evolução educacional de jovens das classes mais altas. Consistia em uma viagem longa pela Europa, onde visitavam e observavam as antiguidades romanas. Os responsáveis pelas descobertas e futuras escavações, influenciados pelo Iluminismo, exploravam os grandes monumentos. Essas estruturas constituíram palácios, casas e centros religiosos, além de conter objetos de alto valor como esculturas e pinturas.

Intelectuais que participaram do movimento, como Richard Payne Knight¹⁰, registraram suas experiências em relatórios de viagem. A partir desses relatos, é possível compreender algumas implicações dessas viagens para o estabelecimento da Arqueologia Clássica. Segundo Valéria Salgueiro, o *Grand Tour* se tratava de um fenômeno social, baseado em rotas específicas ao final do século XVII,

¹⁰ Richard Knight foi um estudioso clássico, com interesses na área arqueológica e numismática. Foi conhecido por suas teorias da beleza pitoresca e por seu interesse pelas antigas imagens fálicas. Participou do movimento *Grand Tour* à Itália, percorrendo o continente europeu. Desempenhou o papel de colecionador de moedas e bronzes antigos, além de publicar alguns livros e artigos sobre esculturas antigas, moedas e outros artefatos.

especificamente após o Tratado de Paz de Utrecht, em 1715 (SALGUEIRO, 2002, p. 291). A partir de então se popularizou entre a elite europeia, especialmente a *gentry*¹¹, e anos depois a classe média se introduziu nesse meio exploratório do *Grand Tour*. Segundo Salgueiro,

o lugar dos chantagistas era, sobretudo, Roma, onde havia inclusive muitos charlatães ingleses sempre prontos a iludir viajantes entusiasmados com a venda de coisas sem valor, como obras de pintura de artistas célebres — falsificadas! Os ingleses, que eram sabidamente os mais ricos viajantes, eram igualmente os mais atraídos para negócios falsos. Em parte, isso ocorria também por suas ambições de se tornarem *connoisseurs* em tudo o que julgavam importante — pintura, música, estatuária e arquitetura — tão logo pisassem o solo italiano (SALGUEIRO, 2002, p. 297).

Durante a viagem, os ‘guias’ promoviam interações entre os viajantes e a cultura clássica, estabelecendo “contatos com tipos locais, para servirem como guias, ou como *connoisseurs*¹² para que estes abrissem suas coleções particulares de antiguidades à inspeção do viajante” (SALGUEIRO, 2002, p. 297), já que esses artefatos e coleções eram privados, pertencentes aos antiquários, num contexto em que ainda não existiam os museus. Os viajantes recebiam instruções sobre como se preparar para o percurso da viagem, sendo um requisito a leitura de obras sobre a Antiguidade, incluindo aí os tratados e obras produzidos por autores renascentistas que se dedicavam aos estudos de artes e arquitetura (SALGUEIRO, 2002, p. 298).

Segundo a autora, o *Grand Tour* teve importante influência “nos estudos sistemáticos da ainda embrionária ciência da Arqueologia e as primeiras teorizações modernas sobre conservação/preservação de monumentos históricos” (SALGUEIRO, 2002, p. 300). Isso porque os viajantes tinham a consciência de que um de seus principais objetivos nessa rota de volta às origens da civilização era tornar os artefatos e obras artísticas um grandioso patrimônio ao qual seu conhecimento pudesse referir em contextos ulteriores (SALGUEIRO, 2002, p. 300). A devoção pelo mundo antigo cresceu de tal modo no século XVIII que

foi em boa parte alimentado com escavações e descobertas, sobretudo na Itália, com suas ruínas e suas cidades de Herculano e Pompéia, soterradas por tantos séculos pela erupção do vulcão Vesúvio de 79 a.C. Em torno de 1740, pouco depois de iniciadas as escavações de Herculano, estátuas de bronze, bustos de mármore e

¹¹ *Gentry*, do francês arcaico *genterie* – se refere a nobreza rural europeia que, embora desprovida de títulos nobiliárquicos, possuía os mesmos valores da restante aristocracia inglesa. (2002, p. 291),

¹² *Connoisseurs* de *connaissance*, do francês da França, de *connaître* que significa; familiarizar-se; ou conhecer alguém/alguma coisa). Nesse sentido, a autora refere-se a especialistas que avaliam obras de arte no século XVIII com base em sua experiência no estilo e na técnica dos artistas.

colunas não paravam de ser descobertos. Poucos anos depois começaram as escavações de Pompéia, e vieram novas descobertas. Esses fatos eram todos muito excitantes para o crescente interesse pela história da época, e nenhum *Grand Tour* era considerado completo sem uma visita a esses dois locais e às várias coleções reunidas em Nápoles, onde objetos escavados podiam ser inspecionados pelo estudioso dileitante. Foi tanta a influência que essas escavações e suas descobertas exerceram sobre a mentalidade europeia à época que se acreditava que tudo isso representava uma segunda fase do Renascimento (SALGUEIRO, 2002, p. 300).

Através de registros em diários e ilustrações¹³, os viajantes relatavam suas experiências e podiam registrar as paisagens que lhes interessavam. Com a industrialização, a concentração de estudos voltados para a Arqueologia duplicou, aumentando consideravelmente o financiamento e patrocínio para as investigações em campo durante as viagens do *Grand Tour* (SALGUEIRO, 2002, p. 300). Contudo, o período ainda não viria florescer a ciência arqueológica. Assim como as cerâmicas, já procuradas nos séculos XVII, documentos materiais como moedas e utensílios da vida diária dos gregos e romanos se tornaram objeto de estudo a partir do século XIX.

Segundo Azzi, “pode-se dizer que a Modernidade, à luz da filosofia iluminista, pôde consolidar os avanços relativos à cultura material, sobretudo os que se referem às noções de colecionismo” (AZZI, 2011, p. 368). Embora uma evolução no método de escavações tenha ocorrido no século XIX, Hilbert destaca que as escavações arqueológicas ainda se assemelhavam a uma caça ao tesouro, quer dizer, compreendiam uma espécie de *hobby* (HILBERT, 1988, p. 20).

Ademais, foi somente a partir do século XX que se desenvolveram métodos específicos quanto à datação e classificação a partir do trabalho dos antiquarianistas na Modernidade. Estes deram início e influenciaram os processos seguintes da Arqueologia no desenvolvimento de uma ciência arqueológica e da disciplina na Universidade.

¹³ Esses diários se popularizaram no período, se tornando parâmetros de observações para os viajantes. Estes documentos, normalmente um conjunto de cartas eram dotados de crenças de quem o escrevia. Dessa forma, é necessário realizar uma leitura crítica, e estar ciente dessas singularidades.

CAPÍTULO 2. A ARQUEOLOGIA NAS UNIVERSIDADES

No século XI, a cidade de Bologna na Itália foi palco da criação de uma importante instituição que se perpetuou ao longo dos séculos até chegar a nossa atualidade. Segundo Charles Homer Haskins, apesar de todos os contrastes entre as primeiras universidades e a instituição que chamamos de Universidade hoje, essa organização universitária foi um produto do Medievalo (HASKINS, 2015, p. 24). Embora debates intelectuais ocorressem na Antiguidade Clássica, na Academia de Atenas ou no Museu de Alexandria, foi em Bologna em 1088 que surgiu a primeira Universidade. Ruy da Costa Nunes aponta que

Não existiu Universidade no Mundo Antigo nem entre os povos muçulmanos nem em Bizâncio durante o Medievalo. É preciso estar atento para o uso do termo, quando se lê, por exemplo, em algum livro que houve universidade em Atenas ou em Bizâncio. Primeiramente, observa-se que o termo universidades começou a ser usado em latim e ser aplicado às escolas de certo tipo durante o século XI. Na centúria anterior, como já vimos, o termo *universitas* foi usado com o sentido de associação ou corporação de ofício. No século XII, nessa mesma acepção, ele passou a ser empregado para designar as corporações de mestres e estudantes que se consagravam de modo organizado ao estudo das artes liberais, do direito, da medicina e da teologia. No Egito e na Babilônia, na Índia e na China, na Grécia e em Roma, no império bizantino e nos sultanatos muçulmanos, nunca houve universidades, mas, sim, escolas superiores. [...] Assim, no tempo antigo, na Idade Média oriental e no mundo muçulmano houve escolas elementares e superiores que hoje, por figura de linguagem, são chamadas de universidades nos livros de história, o que constitui evidente imprecisão de linguagem e anacronismo, uma vez que as universidades com os seus estatutos, a sua organização jurídica e os graus acadêmicos surgiram espontaneamente no seio da cristandade medieval e foram uma das suas lídimas e originais criações (NUNES, 1979, p. 222).

O surgimento da instituição universitária, especificamente na Europa, é de grande importância para o desenvolvimento dos debates científicos e intelectuais. A Universidade surgiu em um contexto elitista e a serviço da nobreza, ela se mantém nesse cenário até meados do século XX. Neste sentido, para compreendermos a complexidade da ciência arqueológica se tornar uma disciplina dentro do currículo universitário, devemos explorar a origem da Universidade, seus desafios e resultados.

A facilidade no desenvolvimento da Universidade de Bologna foi durante o período de independência da cidade em relação às escolas religiosas. Segundo Mara Leite Simões a Itália já vivenciava um centro de cultura devido aos estímulos da

“Escola de Artes Liberais”¹⁴. Com o fortalecimento estrutural surgiram outras escolas episcopais, monásticas e particulares¹⁵. Seu foco curricular estava em disciplinas como o Direito, surgindo então a Universidade de Bolonha em 1088 (SIMÕES, 2013, p. 136). Em todas as Universidades desse período, a *lectio* e a *quaestio*¹⁶ eram as formas básicas de ensino. Essas abordagens marcaram esse período, pois de acordo com Terezinha Oliveira, “nenhuma outra escola influenciou e influenciará o desenvolvimento do pensamento e das diversas áreas das ciências como a universidade medievá (OLIVEIRA, 2007, p. 117).

Progressivamente, as instituições universitárias foram se disseminando pela Europa, com a criação da Universidade de Oxford em 1096, e a Universidade de Paris na França em 1150. De acordo com Peter Johann Mainka, um compilado de teorias intelectuais e sociais explicam a gênese das universidades. Uma delas, argumenta que a nova cientificidade da Escolástica¹⁷, e as transformações sociais do século XII, referentes às novas ordens corporativas da sociedade e ordens de cunho religioso, culminaram na fundação das primeiras universidades na Europa (MAINKA, 2009, p.20). Concomitante a este cenário, Mainka aponta que,

Após os primórdios no século XII e XIII, com as fundações em Bolonha, Paris e Oxford, havia, por volta de 1300, já cerca de 20 universidades na Europa e, cem anos mais tarde (1400), cerca de 30 universidades. Ao todo, foram fundadas, entre 1200 e 1500, quase 80 universidades na Europa, cerca de 20 na Itália, na França e no Sacro Império Romano Germânico, 8 na Espanha e em Portugal, 7 nas ilhas britânicas (Inglaterra 2, Escócia 4 e Irlanda 1), 3 na Europa Oriental (Cracóvia, Pecs, Budapeste) e 2 na Escandinávia (Copenhague e Upsala). Entre 1500 e o fim dos Tempos Modernos, o número de universidades subiu a 143 *stricto sensu* na Europa (até 1790). Além disso, as universidades foram implantadas, no mesmo período, também na América do Norte, na América Central e na América do Sul

¹⁴ A Escola de Artes Liberais se baseava na metodologia de ensino, herdada da Antiguidade Clássica, embora organizada na Idade Média, onde às disciplinas são relacionadas a interesses imateriais, metafísicos e filosóficos. Contemporaneamente, o conceito de artes liberais denota a formação multidisciplinar visando à formação plena, sem necessariamente ser profissionalizante.

¹⁵ A escola monástica, era mantida por mosteiros, destinava-se à formação de monges. A escola episcopal se dedicava à preparação de padres. Em regime de internato, estas escolas abrem mais tarde escolas externas com o propósito da formação de leigos cultos (filhos dos Reis). O programa de ensino, se baseava em ensinar seus alunos a ler, escrever, estudar a Bíblia Sagrada, aulas de canto e aritmética. Com o passar dos anos, incluíram o ensino do latim, gramática, retórica e dialética.

¹⁶ A *lectio* (a leitura) e a *quaestio* (o questionamento), eram as formas utilizadas pelo corpo docente para avaliar os alunos. Esse processo consistia, basicamente na entrega de um texto aos alunos e debates realizados com base em seus questionamentos sobre o documento. Contava também com outros métodos avaliativos.

¹⁷ A filosofia escolástica é baseada no método ocidental de pensamento crítico e de aprendizagem. Sua origem está nas nas escolas episcopais cristãs, que concilia a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega.

e começaram a conquistar todos os cantos do mundo (MAINKA, 2009, p. 21).

Em uma abordagem mais específica no âmbito da organização das universidades, Glete de Alcântara argumenta que as instituições universitárias do Sul da Europa nasceram de associações entre mestres e estudantes que buscavam organizar espaços de aprendizagem das disciplinas relativas às carreiras de Direito e Medicina. O Norte europeu, por outro lado, foi marcado pela constituição de universidades formadas pela agregação docente e tinham como proposta de ensino o currículo das Artes Liberais (*trivium* e *quadrivium*) (ALCÂNTARA, 1975, p. 10). A autora afirma também que o funcionamento institucional desses espaços para o ensino e a aprendizagem organizava-se pelo intermédio dos reis, dos imperadores e dos papas, sendo imprescindível para sua existência uma carta real ou uma bula papal¹⁸, dependendo das inclinações e relações estabelecidas entre cada universidade e os poderes políticos da época (ALCÂNTARA, 1975, p. 10).

Em suma, os representantes do papa fiscalizavam o ensino, outros cargos dentro das universidades eram nomeados pelo bispo, e até mesmo as cerimônias eram celebradas em igrejas, presididas por uma alta autoridade eclesiástica (ALCÂNTARA, 1975, p. 11). Com efeito, a relação de autonomia das Universidades no que respeitava à Igreja Católica era bastante complexa. Portanto, Bologna estava em posição mais vulnerável às interferências, enquanto Paris ou Oxford desfrutavam de mais liberdade para constituir e conduzir os seus currículos universitários. Ademais, conforme Mainka, nessa atmosfera europeia, três poderes determinavam a vida do sujeito medieval: o Estado, a Igreja e Universidade (MAINKA, 2009, p. 20).

Através da historiografia, nota-se “a importância das universidades medievais como instituição que construiu e preservou o patrimônio histórico do Ocidente, inaugurando uma nova forma do conhecimento” (OLIVEIRA, 2007, p. 115). Terezinha Oliveira destaca também que as universidades e outras instituições medievais foram imprescindíveis na construção do pensamento ocidental e das nações, atuando como

¹⁸ Bulas papais, ou bula pontifícia é um alvará passado pelo Papa ou Pontífice católico, com força de lei eclesiástica, pelo qual se concedem graças e indulgências aos que praticam algum ato meritório. Nesse caso, através das bulas papais “o Papa reconhecia a autoridade de Chanceler, de conferir o grau de Mestre para o desempenho das funções docentes, ao mesmo tempo que reconhecia o direito dos professores e estudantes de elaborarem os estatutos regulamentando as aulas, sua duração, frequência, disputas, trajas, comparecimento aos funerais dos mestres, preço dos aluguéis das casas e proibição do uso de armas pelos estudantes” (ALCÂNTARA, 1975, p. 11).

motores que precipitaram as várias transformações no medievo (OLIVEIRA, 2007, p. 115).

A vasta expansão das Universidades, se estendeu até o período moderno e, com o advento do Humanismo, tornou-se notável a influência do Renascimento nos ideais intelectuais (MAINKA, 2009, p. 25). A criação de novas Universidades, juntamente com a busca por um novo viés literário, o interesse pelas artes e artefatos remetentes à Antiguidade Clássica, abordados no capítulo anterior, passaram a ser considerados práticas de vida do mundo moderno. Desta maneira, “o Humanismo, não substituiu, imediatamente, a Escolástica dominante nas universidades, mas influenciou, mais e mais, os currículos e conteúdo dos cursos universitários” (MAINKA, 2009, p. 25).

Destarte, essas perspectivas inauguraram novas linhas de investigação. A invenção da tipografia fez com que a produção de livros aumentasse, contribuindo para que a cultura escrita se propagasse, promulgando uma análise crítica na investigação científica. Isso se deu na medida em que os ideais medievais foram abandonados e os ideais renascentistas passaram a participar e ocupar os espaços Universitários. Não obstante, é nesse momento que passaremos a abordar a Arqueologia como disciplina ativa nas Universidades, embora ainda não autônoma, dependente dos cursos de História e/ou Antropologia. Em suma,

lembramos o fato de que a universidade foi o primeiro espaço de saber universalizante que o Ocidente construiu nos últimos dois mil anos. Universalizante no que diz respeito ao conhecimento e no que respeita a integração das pessoas. Também esse espaço delineou nossas identidades sociais e científicas. Por meio da sua memória poderemos, quiçá, nos aconselhamos sobre o seu futuro. Afinal, ela pode orientar nosso caminhar e agir. Concluímos reiterando algo que colocamos no início: se uma instituição existe há 800 anos e continua atuante (evidente dentro de novas condições e características), é porque ela ainda faz parte da História e continua construindo a identidade dos homens (OLIVEIRA, 2007, p. 129).

2.1 A Arqueologia na Universidade Europeia no século XIX

A partir desta exposição acerca do cenário histórico das Universidades, podemos compreender a evolução das instituições educacionais ao longo do tempo, sendo cabível na percepção que exploraremos adiante. Essa percepção, baseia-se nos métodos adotados pelas universidades europeias a despeito das contribuições para o desenvolvimento da Arqueologia. O interesse dos modernos pela Antiguidade e

consequentemente pela Arqueologia Clássica foi essencial no desenvolvimento científico da Arqueologia. A curiosidade renascentista estimulada ainda mais pela especulação científica iluminista serviu de base para a Arqueologia¹⁹ dos séculos XVIII e XIX. Segundo Pedro Paulo Funari, “a Arqueologia é uma ciência em construção. Do meu ponto de vista a Arqueologia estuda os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformações com o decorrer do tempo, a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade” (FUNARI, 1998, s.p).

Neste cenário, percebemos na exposição da ideia do autor que a definição da ciência arqueológica é crucial na investigação acerca do desenvolvimento da Arqueologia na Universidade Europeia, a partir do século XIX, e na problematização em relação a seus objetos de estudo, objetivos e posição frente às Ciências Humanas. Como afirma Bruce Trigger, a constituição de um estudo autônomo e sistemático da Arqueologia, diferentemente do que fora proposto pelos Antiquarianistas do século XVII, se fundamentou em dois movimentos específicos que começaram em meados do século XIX. O primeiro movimento, desenvolveu-se na Escandinávia, onde surgiram novas técnicas de datação para artefatos arqueológicos, promovendo estudos relacionados à pré-história. O segundo movimento, iniciado na França e na Inglaterra, promoveu o estudo da Arqueologia paleolítica, dando mais profundidade temporal à história humana (TRIGGER, 2004, 77)

É nesta conjuntura que percebemos os inícios da Arqueologia Científica. As universidades europeias no século XIX começaram a abrir espaço para a Arqueologia. Um exemplo é o desenvolvimento da Arqueologia na Escandinávia, cujo precursor foi Jens Jacob Asmussen Worsaae²⁰. De acordo com Trigger, Worsaae foi o primeiro arqueólogo profissional especializado em pré-história e o primeiro a ser treinado na disciplina, se tornando o primeiro professor de Arqueologia da Universidade de Copenhague em 1855 (TRIGGER, 2004, 84).

Não somente na Dinamarca, os arqueólogos profissionais começaram a surgir nesse período. Mas qual o papel da Universidade europeia nesse meio? Como conceituado anteriormente, as Universidades europeias permaneceram por muito tempo em um ambiente de fortes interesses políticos. Com a Arqueologia não foi

¹⁹ Ciência e disciplina.

²⁰ Worsaae, foi um arqueólogo e historiador e segundo diretor do Museu Nacional da Dinamarca. Seu trabalho foi fundamental na fundação da arqueologia científica. Worsaae, também foi o primeiro a escavar e usar a estratigrafia para provar a sequência de C. J.

diferente. Um caráter nacionalista juntamente com a construção de identidades nacionais em um contexto arqueológico fez com que esses movimentos políticos nacionalistas participassem da vida comum e científica da Europa no século XIX. Segundo Tania Andrade Lima, a Arqueologia se tornou uma disciplina acadêmica paralelamente a esses movimentos.

O nacionalismo²¹ como um novo pensamento político na Europa, reforçou a necessidade de uma afirmação e construção de histórias nacionais, de mitos fundadores da nação que reafirmassem a origem de glória dos países europeus. (LIMA, 2007, p. 12). A historiografia, conseqüentemente contribuiu em suas produções para atender a essa demanda, mas a necessidade de mais dados que fugiram ao documento escrito fez com que a Arqueologia adquirisse papel fundamental na busca por raízes dessas narrativas. “A disciplina assumiu, portanto, desde o seu nascedouro, uma inevitável e acentuada dimensão política, a par da sua feição científica” (LIMA, 2007, p. 12).

Nesse raciocínio, Funari percebe o desenvolvimento da Arqueologia enquanto disciplina em seus primórdios.

Definida, na origem, como estudo das coisas antigas, a partir da etimologia, dedicada aos edifícios e objetos provenientes das antigas civilizações, como a grega e a romana, tornou-se, aos poucos, parte dos estudos das relações de poder a partir das coisas. Em comum, manteve a centralidade do estudo do mundo material, das coisas, daquilo que pode ser tocado, transformado e feito pelo ser humano, definido, por convenção como cultura material. Introduziram-se, ademais, os aspectos sociais e de poder, das desigualdades e conflitos, para propor uma disciplina menos distante das pessoas e mais útil tanto aos indivíduos, como às coletividades (FUNARI, 2013, p. 23).

A partir dessa fundamentação para o progresso do curso de Arqueologia nas Universidades europeias, o conceito da análise estudos das relações de poder a partir da cultura material torna-se basilar para a constituição da Arqueologia enquanto disciplina. Os aspectos de poder, juntamente com os aspectos sociais, fizeram com que a disciplina oferecesse elementos para a elaboração das genealogias das identidades nacionais. Com isso, os modernos objetivavam reforçar a coesão política e legitimar os discursos que proferiam à sociedade.

²¹ Ideologia política que consiste num sentimento de pertencimento a uma cultura, a uma região, e sociedade fruto da Revolução Francesa. Essa concepção foi assimilada pelas forças políticas que haviam absorvido os ideais iluministas de rejeição do Antigo Regime absolutista e que procuravam a construção de um Estado nacional de viés democrático e constitucional.

Além disso, cabe apontar nesse contexto a Arqueologia como política de estado, onde o uso de dados arqueológicos começou a ser manipulado para fins ideológicos. Segundo Funari, podemos conceituar a Arqueologia do século XIX na Europa como uma herdeira do nacionalismo, sendo sua teoria difundida inteiramente no modelo histórico-cultural (FUNARI, 2013, p. 23). A Arqueologia institucionalizada começou com o advento do arqueólogo e o fim do antiquário, que até o século XVIII era o responsável pelo estudo da Antiguidade. Com o desenvolvimento dos métodos pelos arqueólogos oficiais, as escavações de empreitadas europeias permitiram que novas pesquisas se desenvolvessem e assim fossem difundidas na Universidade, principalmente como influência nas instituições norte-americanas e, posteriormente na América Latina.

2.2 A Arqueologia na América do Norte

Os anseios das antigas civilizações e das sociedades modernas na busca por mitos que justifiquem a criação da humanidade e discursos que legitimem sua formação enquanto um grupo social fez com que a Arqueologia servisse como aporte para esse discurso (TRIGGER, 2004, 92). A coleta de artefatos fruto de um passado e ancestrais desconhecidos se tornou uma prática em diversas sociedades tribais da América do Norte. Conforme aponta Trigger, artefatos como pontas de projéteis, cachimbos de pedra e ferramentas nativas de cobre, são encontradas em sítios iroqueses dos séculos XV e XVI no leste da América do Norte (TRIGGER, 2004, 37). Diante disso, essa perspectiva acerca do interesse dos norte-americanos em coletar e preservar os documentos materiais de suas antigas civilizações nos mostra que essas sociedades foram intencionalmente direcionadas pelos euro-americanos a prezarem pela cultura material afim de sustentarem uma noção de “evolução cultural”, ou seja, uma primazia sob as outras culturas.

Entretanto, esse interesse pode ser comprometido pela ela intensa intervenção negativa em sítios e artefatos arqueológicos nos Estados Unidos, como aponta William D. Lipe. Segundo o autor, a Arqueologia estadunidense foi fortemente afetada pelas destruições humanas como construções, vandalismos e pilhagens de artefatos antiguidades para o mercado (LIPE, 1974, p. 213).

A crise atual na arqueologia americana foi ocasionada combinando o grande crescimento no ritmo de destruição de artefatos e informações arqueológicas únicos e insubstituíveis, além da falta de financiamento adequado para o salvamento do que tem sido destruído. Desde a Segunda Guerra Mundial, a alteração nos terrenos aumentou quase

geometricamente. O nivelamento da terra, o desenvolvimento urbano, escavações inexperientes ou irresponsáveis, o tráfico comercial das relíquias indígenas – estes e muitos outros agentes de destruição foram obliterando os vestígios do passado. Qualquer coisa a perturbar o local onde as pessoas alguma vez viveram destrói para sempre qualquer informação deixada sobre elas e o seu modo de vida (DAVIS 1972, p. 272 *apud* LIPE, 1974, p. 213). Tradução nossa.

Nesse sentido, percebemos a Arqueologia a serviço das políticas identitárias de cada país. Para tanto, será necessário compreender a ideia de nacionalismo. Segundo João Víctor de Podestà, há uma “grande pluralidade de visões na academia ao se tratar sobre a nação e o nacionalismo, com grandes questões ainda sem repostas, conceitos sem definição estabelecidos” (PODESTÀ, 2015, p. 17). Entretanto, dentre todos os referenciais para o autor, citaremos a concepção de nacionalismo que abrange a questão abordada neste trabalho. Podestà pontua o conceito de E. Renan, teórico que percebe o fenômeno *nacionalismo* como afirmação de princípios cívicos através da memória.

Renan (1882) aceitava a ideia, dominante na época entre os defensores da democracia, de que ela só poderia existir de maneira sólida e pacífica se dentro das fronteiras deste estado houvesse uma única nação, mas afirmou ser um grave erro confundir raça, grupos étnicos ou linguísticos com nação. A definição correta de nação seria a de uma “alma” ou “princípio espiritual”, que seriam formadas pela “possessão de um rico legado de memórias em comum (...) e pelo consentimento, vontade de viver em conjunto e determinação de perpetuar os valores recebidos como uma herança de maneira integral” (RENAN, 1882, tradução nossa). Ele defende que “mais valioso que costumes em comum (...) é o fato de partilhar, no passado, uma herança de glórias e arrependimentos, e de ter, no futuro um objetivo comum a ser atingido, (...) ter sofrido, desfrutado e sonhado em conjunto” (RENAN, 1882, tradução nossa). Ele afirma que nações não são eternas, estão sempre em transição, afirmando que no futuro existiria uma confederação na Europa, e conclui: “a existência da nação é, com o perdão da metáfora, um plebiscito diário. (...) O homem é escravo não da raça, nem da linguagem, nem da sua religião, menos ainda do curso dos rios ou dos rumos tomados pelas cadeias de montanhas. Uma grande agregação de homens, são de mente e ternos de coração, cria o tipo de consciência moral ao qual chamamos ‘nação’. Enquanto esta consciência moral provar sua força pelo sacrifício demandado pela abdicação do individual pelo benefício da comunidade ela será legítima e terá direito a existir” (RENAN, 1882, *apud* PODESTÀ, 2015, p. 15). Tradução nossa no último trecho.

Todos os elementos citados cima nos mostram o uso da Arqueologia como ferramenta de exploração e a valorização dos territórios e cultura nacional da América do Norte. Isso implica, também, na forma de compreender o relacionamento entre a Arqueologia e os grupos de poder a serviço do Estados Unidos (TRIGGER, 2004,

105). Trata-se da perspectiva de sustentar a ideologia do domínio, uma vez que, segundo Funari, os Estados Unidos usam os vestígios arqueológicos através de suas pesquisas para uma ocupação econômica da paisagem em nome do Estado e da iniciativa privada (FUNARI, 1988, s.p). Portanto, fica clara a relação de interesses econômicos na busca de novos métodos arqueológicos, empreendida de forma mais intensa na América do Norte. Com a emergência da *New Archaeology* americana²² os objetivos eram estudar os modos pelos quais os indígenas lidavam com a natureza e utilizar desse conhecimento de dominação para explorar economicamente essas regiões estudadas pelos arqueólogos, no caso os sítios arqueológicos.

Trigger argumenta que, os arqueólogos euro-americanos não aplicavam a perspectiva evolucionista²³ em sua própria realidade social. O processo de colonização na América do Norte, contribuiu para que o desenvolvimento da Arqueologia fosse aprimorado à medida que “a expansão econômica e territorial dos Estados Unidos ao longo do século XIX confirmava a crença de que o progresso é inerente à condição humana” (TRIGGER, 2004, 118). No que diz respeito à manutenção da cultura material na América do Norte, podemos notar que os monumentos arqueológicos no México em meados do século XVI e XVII, foram destruídos com o objetivo de ocultar os cultos pagãos empreendidos pelos nativos da região. Essa prática que visa apagar a memória de um determinado povo, até então não civilizado por colonizadores europeus, contou com uma ferramenta criada com o objetivo de romper com qualquer simbologia asteca que expresse uma soberania religiosa de qualquer grupo não-cristão no passado norte-americano.

Trigger argumenta que a discussão a respeito dos grandes monumentos pré-hispânicos do México não foram pauta de estudos dos viajantes europeus antes do século XIX. “Antes do final do século XVIII, quase não havia notícia de vestígios pré-históricos na América do Norte, afora eventuais referências a incisões em rochedos e

²² Segundo Bruce Trigger em *Archaeology at the Crossroads: What's New?*, Trigger aborda os novos arqueólogos e suas tendências, onde assumiam que as culturas arqueológicas eram os restos de sistemas culturais fortemente integrados. Eles assinaram a crença antropólogos sociais que mudanças que ocorrem em qualquer parte do sistema causar graus variados de reajuste e, portanto, mudanças, ao longo do tempo todo o sistema. A perspectiva sistêmica da Nova Arqueologia enfatizou um grau maior de integração do que a antropologia social tradicional. A maioria deles também adotou a visão determinista de que mudanças em partes limitadas de um sistema cultural desempenham um papel desproporcional ao provocar mudanças nos outros setores (TRIGGER, 1984, p. 208, tradução nossa).

²³ A estruturação da arqueologia evolucionista norte-americana no final do século XIX, consiste na adoção de métodos oriundos da história natural. Os pesquisadores procuravam fornecer descrições detalhadas dos objetos das coleções dos museus ou oferecer medidas craniológicas precisas dos esqueletos achados nos sítios arqueológicos (BUENO & MACHADO, 2003, s.p).

desenhos rupestres que geralmente eram considerados obra dos povos nativos modernos” (TRIGGER, 2004, 74). Aqui, podemos perceber que salvo algumas coleções de artefatos foram coletadas e preservadas na América do Norte e a maioria não despertou interesse a ponto de promover uma escavação. Instrumentos de pedra polida do período arcaico tardio foram algumas das exceções encontrados no leste do Canadá em 1700.

Outro advento dos movimentos arqueológicos na América do Norte consiste na abordagem da Arqueologia Histórica²⁴. Segundo Funari, a Arqueologia das sociedades com escrita, mantém tradição na disciplina²⁵, principalmente ao se referirem ao estudo de grandes civilizações necessárias para a constituição do mundo ocidental. O autor aponta que o termo “Arqueologia Histórica” tem sido usado de forma eminente na América do Norte, onde seus estudos são voltados para um período histórico específico, no caso, a Modernidade (FUNARI, 2001, p. 35). A Arqueologia Histórica, preza pela defesa da Arqueologia como uma ciência não-auxiliar da documentação escrita e da História.²⁶ Dentro dessa perspectiva, ela tem a capacidade de conceber a cultura material não apenas como ilustração para fontes textuais, mas sim fornecer outros tipos de dados que não estão presentes nas fontes escritas, e, em muitos casos como ferramenta de confronto e novas possibilidades à historiografia.

Sendo assim, passaremos à discussão de como essas concepções norte-americanas influenciaram a institucionalização da Arqueologia e como a disciplina se desenvolveu em um contexto latino americano e a posição dos Clássicos no Brasil.

2.3A Arqueologia na América Latina e no Brasil e sua relação com os Clássicos

O desenvolvimento do panorama da disciplina arqueológica na América Latina e no Brasil teve forte influência da Arqueologia estadunidense. Contudo, a desenvoltura brasileira em um contexto científico se mostra limitada em comparações com outros países. Ao passo que a ciência brasileira, embora pujante, não obtém muito apoio por parte do poder público. Dessa forma, é cada vez maior a defasagem na área, devido à omissão do governo brasileiro em relação aos cientistas. Os incentivos que

²⁴ “O termo Arqueologia Histórica, com tal definição, não é usado na Europa e na Ásia, já que se entendem por históricas diversas arqueologias, como a Clássica e a Egípcia, para mencionar apenas duas delas” (FUNARI, 2001, p.35).

²⁵ Disciplinas como Arqueologia Clássica, Arqueologia Bíblica, Arqueologia Egípcia e Médio-Oriental.

²⁶ Nesse sentido, cabe ressaltar que a Arqueologia Histórica não é uma corrente teórica, somente a Nova Arqueologia que exerce tal demanda.

impulsionam o desenvolvimento científico contam com grande parte do fomento que vem da cooperação internacional (FUNARI, 1988, s.p). Não somente em âmbito político, mas também na situação da disciplina dentro das missões estrangeiras e das escavações (SOARES & FUNARI, 2014, s.p), fazendo-se indispensáveis para que os profissionais e as pesquisas brasileiras se desenvolvam.

O trabalho da elite europeia em impor o modelo cultural baseado no legado clássico europeu e todo o impasse racial baseado no processo de colonização geraram no Brasil uma dicotomia na identidade cultural. Segundo Funari, os dois fatores fundamentais geraram a valorização do passado europeu, que gerou o desmantelamento da memória física e ideológica dos autóctones (FUNARI, 2013, p. 41). A valorização e o uso desse passado clássico inexistente na América do Sul e a imposição dos ideais de progresso dos anos 1970 acentuou ainda mais o isolamento científico que conseqüentemente afastou a arqueologia da busca por uma identidade cultural brasileira, reduzida a modelos e experiências externas (FUNARI, 1988, s.p). Esses aspectos conjunturais determinaram algumas características da Arqueologia no Brasil.

Nesse contexto, podemos notar o início tardio da Arqueologia brasileira. Das primeiras relações que permeiam coleções arqueológicas no território brasileiro, podemos citar a chegada das peças e artefatos arqueológicos que Dom Pedro I trouxe para o território brasileiro. Adiante, Dom Pedro II foi o responsável pela coleta dos materiais arqueológicos que vieram de diversas partes do continente europeu. O Museu Nacional do Rio de Janeiro foi o responsável pela guarda e exibição de grande parte desses documentos (FUNARI, 2013, p. 23). Mais que isso, ele representa uma nova era da Arqueologia no Brasil. Desde a fundação do seu projeto, planejavam através dele alcançar triunfo e repercussão igualáveis aos do Museu Britânico e do Louvre (MENESES, 1998, p. 12).

Nesse sentido, diante de tamanho empenho do Império brasileiro em construir um museu que se tornasse referência mundial, infelizmente não percebemos o mesmo empenho por parte das autoridades brasileiras em relação ao nosso patrimônio e com a Ciência em geral. Um ponto que cabe destacar é o descaso com o Museu Nacional, resultando no incêndio em setembro 2018. Nesse caso, não se trata apenas de um incêndio. Se trata da perda da maior referência da América Latina enquanto museu e instituição acadêmica. Além disso, destruiu-se todo o trabalho de décadas na conservação e construção do conhecimento em Arqueologia, História, Paleontologia,

Antropologia e diversas outras áreas científicas. Todas essas perdas não têm ligação alguma com um incêndio acidental. Muito pelo contrário: foram resultados de péssimas políticas governamentais que visam o desmonte da ciência e da pesquisa. Um governo que é inimigo do ensino público, deprecia o pensamento crítico e valoriza a todo custo as privatizações em todos os âmbitos sociais. À vista disso, prestamos nossos pesares a todos os brasileiros com esta perda inestimável da cultura material, especialmente para professorxs, pesquisadorxs e alunxs, mas para o público em geral do Museu Nacional.

Em linhas gerais, podemos ressaltar que nesse período inauguram-se também os primórdios da constituição do patrimônio²⁷ arqueológico, não somente no caso brasileiro, mas uma realidade que encontra eco em todo o conjunto de países latino-americanos. De acordo com Helena Vieira Leitão de Souza, essa constituição do patrimônio arqueológico e musealização²⁸ desses bens culturais é um importante passo para a consolidação desse processo (SOUZA, 2012, p. 3). Ademais, é nesse sentido que se faz importante considerarmos a necessidade e relevância do Museu Nacional na fundamentação do pensamento acerca da arqueologia nacional, conceituação de patrimônio e a legitimação a institucionalização das disciplinas arqueológicas no Brasil e suas relações com os Estudos Clássicos.

Nessa relação com os Clássicos, o papel desempenhado para a arqueologia brasileira, trata-se de uma busca infundável pelo passado grandioso das civilizações latinas. De acordo com Nelson Sanjad,

uma das características da pesquisa arqueológica desenvolvida no Brasil, durante o século XIX, foi a busca de vestígios que pudessem vincular o passado nacional às “grandes civilizações”, como fenícios, vikings, chineses, incas e astecas. Foi constante a procura por ruínas

²⁷ Segundo Helena Vieira Leitão de Souza, “a palavra patrimônio provém do latim *patrimonium*, que significava tudo o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater familias*, pai de família (CARLAN, FUNARI, 2010, p.16). Dessa forma, a origem da palavra encontra-se ligada ao universo do Direito e à ideia de herança que dele não se desliga totalmente, ainda que outros aspectos lhe sejam agregados. A ideia de patrimônio deve ser compreendida dentro de uma perspectiva onde categorias como tradição, nação, território, memória e coletivo encontram-se presentes e interligadas, em maior ou menor escala, dependendo da época (DIAS, 2006, p. 342). A ideia de patrimônio é, antes de tudo, uma construção social, o que não implica necessariamente que este seja um fenômeno verificado em todas as sociedades, nem em todos os períodos históricos (POMIAN, 1996, p. 93).”

²⁸ Marília Xavier Cury define o termo musealização como a valorização de objetos, composta em quatro níveis distintos. O primeiro visa uma seleção dirigida à uma composição de uma coleção ou acervo (ação consciente de preservação); O segundo, prima-se pela implantação desses artefatos em um contexto museológico (processo que parte da aquisição para chegar à comunicação); Terceiro: processo de escolha e seleção dos artefatos afim de exhibir, (dar forma a conceitos através do uso de objetos); Por último, a comunicação desses objetos no espaço do museu, que é chamada por Cury de comunicação museal (desencadear um processo de comunicação que se inicia na concepção da exposição, montagem, abertura para o público e avaliação) (SOUZA, 2012, p.9).

e cidades petrificadas perdidas, incentivada pelas descobertas que europeus realizavam na América Central, na Ásia e na África. Inscrições e pinturas em rocha serviram a comparações com a escrita e os símbolos gráficos de povos mediterrâneos, considerados superiores do ponto de vista cultural. Cerâmicas e artefatos líticos também propiciavam analogias com a forma e a iconografia de objetos de outros continentes ou das Américas. O objetivo de tais pesquisas era encontrar indícios que pudessem explicar a origem do homem americano, traçando rotas de contato e de migrações do Velho para o Novo Mundo, além de identificar similaridades da língua e da cultura material entre distintos povos, de maneira a construir uma genealogia e uma cronologia de ocupação humana das Américas, conforme determinava o paradigma difusionista (SANJAD, 2011, p. 135).

Tal abordagem vem sendo discutida quanto às diversas expectativas colocadas sobre a pesquisa arqueológica institucionalizada pelo Império brasileiro. Segundo Lúcio Menezes Ferreira, a arqueologia instituída nesse período, prestou-se em grande parte a estratégias e usos políticos. Para esse caso, denomina-se uma Arqueologia nobiliárquica, onde “seu papel foi o de elaborar discursos históricos de origem onde as elites e as classes dominantes do país - os nobres - pudessem se reconhecer. O passado do indígena, ou a Pré-História do país, serviu como espelho da ‘cultura branca’, da sociedade de corte” (FERREIRA, 2009, p. 28). Esse projeto pôde se estender também através de instituições situadas no Rio de Janeiro que trabalhavam próximas à rede imperial, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro²⁹ e o Museu Nacional, *locus* da produção intelectual na área da Arqueologia.

Todo esse projeto político articulado em prol da monarquia, alicerçada pela promoção intelectual arqueológica e histórica, fez com que permanecessem na busca pela reconstrução de um passado enobrecido. Sanjad afirma que isso gerou uma série de disputas pessoais e institucionais pela liderança das pesquisas e pela prioridade das descobertas sobre esses artefatos arqueológicos. As instituições citadas anteriormente contribuíram significativamente com os discursos que reverberam um desenvolvimento no âmbito científico durante a monarquia no Brasil, juntamente com

²⁹ O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) é a mais antiga e tradicional entidade de fomento da pesquisa e preservação histórico-geográfica, cultural e de ciências sociais do Brasil, fundado em 2 de outubro de 1838. Segundo Ferreira, “o IHGB é uma instituição fundamental para se entender a prática das humanidades no Brasil. Foi uma das instituições centrais do Segundo Reinado: foro privilegiado de seus debates econômicos, políticos e culturais. A revista do IHGB, publicada trimestralmente desde 1839, oferece um cabedal amplo de fontes: registra suas atividades através de relatórios, suas reuniões deliberativas, propostas de temas para pesquisas, divulgação de suas cerimônias comemorativas, publicação de biografias, resenhas e fontes primárias e etc. (FERREIRA, 2009, p. 10).

a junção de instâncias administrativas e outros diversos grupos sociais dentro de um discurso ideológico da Corte (SANJAD, 2011, p. 135).

Mesmo com a vinda da corte ao Brasil no início do século XIX, com a qual se valoriza o conhecimento mais sistemático da natureza e das populações indígenas, a perspectiva continua sendo essencialmente colonial. O estudo das antigas culturas indígenas é incentivado e praticado pelas elites do saber no sentido de fortalecer a imagem de um país vasto, diversificado, e cheio de riquezas naturais, mas nunca de forma a fortalecer o incipiente nativismo brasileiro (BARRETO, 1999, p. 204).

Nesse planejamento proposto pelo Império no Brasil, foi colocada à arqueologia a função de “estabelecer raízes entre ambos, Velho Mundo (arqueologia clássica e egípcia) e Novo Mundo (arqueologia pré-histórica). Por algumas décadas, a arqueologia foi o centro da ideologia imperial do Brasil e isso explica seu desenvolvimento precoce” (FUNARI, 2013, p. 23).

Consoante Cristiana Barreto, ao longo do século XIX, a busca pela origem civilizacional brasileira, fez com que a arqueologia desenvolvida no Brasil fosse, por essência o estudo das sociedades indígenas extintas que viveram antes da invasão europeia, assim como a invasão no restante da América do Sul, nos quais deixaram como testemunho de sua existência somente seus restos materiais, hoje, artefatos arqueológicos. Isso nos remete ao desejo de restituição de uma memória pré-colonial:

Há 500 anos que estes restos materiais têm sido encontrados, estudados e interpretados. Há 500 anos que estes restos têm sido a matéria-prima para a construção de um passado pré-colonial brasileiro. Rever a história da arqueologia no Brasil é acompanhar o confronto do brasileiro ao longo destes anos com um passado pouco conhecido, que traduz as diversas formas de identificação ou rejeição das raízes indígenas por parte da sociedade nacional, e que nem sempre corresponde a ideais de uma (pré)história nacional (BARRETO, 2000, p. 33).

Nesse aspecto, Ferreira pontua que essa origem civilizacional entre os indígenas, não foi localizada conforme a expectativa. Além disso, não foi possível contar com o suporte de uma cultura elaborada e expressa por grandes construções monumentais para afirmar seu passado, como ocorreu em outras civilizações sul americanas. De forma similar, o autor ressalta o projeto malsucedido da Arqueologia nobiliárquica de aventar uma posição digna de reconhecimento para os povos indígenas na identidade da Nação, outra expectativa que não se concretizou (FERREIRA, 2009, p. 28). Tais discurso e projeto não se firmaram por não se tratar de um plano real, mas uma ficção.

“Contudo, os discursos desta Arqueologia não pertencem a uma pré-história da disciplina no país. Ao invés de revelar o percurso de sua

racionalidade íntima rumo a uma objetividade ulterior e crescente, demarca o seu próprio contexto político e epistemológico” (FERREIRA, 2009, p. 28).

Esse fracasso no progresso dessa proposta formulada pelo Império brasileiro, entre os motivos já relacionados, nos faz refletir sobre a arqueologia brasileira e como o seu desenvolvimento pode ser comparado com o desenvolvimento da arqueologia em outros países, sobretudo os da América Latina. Segundo Barreto, o desenvolvimento da arqueologia no exterior é capaz de evidenciar os processos de organização da produção científica em relação a outros países, além de evidenciar também as causas que fizeram com que os processos da arqueologia brasileira gerassem um isolamento do Brasil em relação aos outros contextos científicos, marginalizando-o (BARRETO, 1999, p. 203).

Essa comparação do Brasil com outros países da América Latina se faz necessária na medida que o entendimento desses caminhos que levaram ao malogro do ápice da arqueologia pré-colonial e a comparação dos problemas, e suas semelhanças, pode nos levar a um ponto de partida para decifrar essas sociedades.

Apesar da especificidade de como a arqueologia se desenvolveu em cada país, ficam claras as semelhanças e diferenças no desenvolvimento da disciplina de acordo com certos processos históricos compartilhados ou não, como por exemplo, os processos históricos de dizimação das populações indígenas e a inclusão destes em processos de formação de uma identidade nacional, como a herança cultural é aproveitada por movimentos sociais e políticos nacionais, e o grau de colonialismo cultural no desenvolvimento da reconstituição do passado nacional (BARRETO, 1999, p. 203).

Tendo em vista essa característica marginalizada dos países sul americanos, percebe-se a posição de contribuição da América do Sul levando em consideração todos seus contextos sociais e políticos na Arqueologia Histórica³⁰. Funari aponta que os modelos usados a fim de avaliarem outros contextos sociais e históricos dentro da Arqueologia costumam não apresentar eficiência na compreensão de contextos periféricos, como por exemplo na singularidade do contexto da América Latina. (FUNARI, 2007, p. 55). A Arqueologia Histórica da América Latina se destacou no

³⁰ Maria Dulce Gaspar define a Arqueologia Histórica brasileira como um campo de investigação fascinante que desvende uma série de hábitos, costumes e mentalidades que se estabeleceram no que veio a ser o território brasileiro e países vizinhos com o início da colonização europeia (GASPAR, 2003, p. 269). Já Pedro Paulo Funari, tem por definição da Arqueologia Histórica, o estudo dos vestígios materiais de sociedades com registros escritos e possui um longo *pedrigree* dentro da disciplina arqueologia. O termo originou-se no “Novo Mundo”, particularmente na América do Norte, e ali surgiu, há 30 anos, um campo de estudo específico com esse nome, definido enquanto história escrita.

cenário mundial, ganhando destaque em toda a Europa, onde ganhou contribuições de novas ideias, contribuindo permanentemente na Arqueologia mundial. Esse avanço é considerado pelos autores e pesquisadores brasileiros também, já que

A arqueologia latino-americana, de maneira geral, e a arqueologia histórica, em particular, possuem, portanto, uma presença mais abrangente hoje em dia do que no passado, e as características da arqueologia histórica tem sido decisivamente alterada nos últimos anos graças aos arqueólogos latino-americanos e à sua cooperação com proeminentes arqueólogos históricos da Europa e dos Estados Unidos. Em termos teóricos, a mudança do estudo, na arqueologia histórica, do “nós” (WASPs) para o estudo de sociedades com documentos escritos não pode ser dissociada da contribuição latino-americana, mesmo que esta não tenha sido a única responsável por esse movimento, já que europeus e africanos, em particular, também se associaram a essa abordagem inovadora (FUNARI, 2007, p. 57).

Os processos ligados à Arqueologia Histórica da América Latina tornaram-se mais elaborados que os as outras vertentes que possibilitaram o estudo do desenvolvimento de um passado arqueológico na América do Sul e no Brasil. Tornou-se a maior contribuição com a formulação da epistemologia da própria disciplina em termos de uma grande empreitada nesse contexto marginalizado. Além disso, esse perfil da arqueologia histórica remete a explicação de um panorama arqueológico mais amplo, principalmente no Brasil (FUNARI, 2007, p. 57).

Para Barreto a postulação de uma nova possibilidade de estudos arqueológicos propiciou o nascimento da Arqueologia no Brasil, sem um caráter estritamente político em relação à identificação da sociedade com o passado estudado, dentro da Arqueologia. Esse processo se contrasta excessivamente com a segunda vertente tradicional Latino-americana, em países andinos e também no México, “na qual a preservação e o estudo do patrimônio arqueológico tomou-se, ao longo da história, instrumento quer de resistência política ao colonialismo europeu, quer de afirmação de ideologias nacionalistas, anti-coloniais e revolucionárias” (BARRETO, 1999, p. 204).

Ao contrário do estatuto que a disciplina adquiriu em outros países, a Arqueologia da década de 1950 no Brasil continuava confinada aos museus. Além disso, ela foi estruturada como uma disciplina mais próxima das Ciências Naturais, da História Natural, que chegou ao Brasil através de naturalistas alemães em fins do século XIX e inícios do século XX, perseverando numa postura para uso social ou político (BARRETO, 1999, p. 204). Em suma, esse cenário foi favorável à institucionalização acadêmica da Arqueologia. Por conseguinte, esse

desenvolvimento levou o Brasil a alcançar a formação de novos arqueólogos e promover o início da pesquisa científica dentro da universidade.

CAPÍTULO 3. A INSERÇÃO DA ARQUEOLOGIA NA UNIVERSIDADE TARDIA BRASILEIRA

No capítulo anterior contextualizamos os processos de estruturação das Universidades ao redor do mundo. Durante o desenvolvimento desta instituição, encontramos diversas reflexões acerca dessa formação universitária tendo em vista o contexto no qual as Universidades foram inseridas na sociedade. De acordo com Maria de Fátima de Paula, a universidade enquanto instituição, desde sua origem, tem como objetivo alcançar a inteira emancipação diante entidades como o Estado e a Igreja. Nesse propósito, sua trajetória é facilmente confundida com a sua luta pela conquista da autonomia acadêmica, didática, administrativa e de gestão (PAULA, 2009, p. 72). De forma similar, a Universidade brasileira é forjada de lutas, e assim como grande parte das instituições universitárias ao redor do mundo, se estruturou fundamentalmente como uma corporação controlada por diversas ideologias e se desenvolveu buscando a autonomia numa rede de complexidades.

Tendo em vista a tardia criação de centros universitários no Brasil juntamente com a inserção dos Clássicos, podemos afirmar que esse processo foi lento e laborioso “a partir de um continuado esforço de produção científica e de organização institucional no campo dos estudos clássicos” (MARSHALL, 2005, p. 20). A introdução aos estudos sobre a Antiguidade Clássica teve início com a chegada dos Jesuítas. Consoante a Arnaldo Lyrio Barreto e Carlos Figueiras, “com a fundação da Companhia de Jesus por Inácio de Loyola, no século XVI, os jesuítas vieram a ter uma enorme importância no ensino superior dos países católicos como foi o caso de Portugal, e também do Brasil” (BARRETO & FILGUEIRAS, 2007, p. 1781). Cabe ressaltar que a “educação não representava grande coisa na construção da sociedade nascente. Essa educação instituiu duas características que marcaram a nossa educação ao longo da história: o elitismo e a exclusão” (WAITZ & ARANTES, 2009, p. 233).

Quanto à chegada dos Estudos Clássicos, segundo Inês Regina Waitz e Magda Patrícia C. Arantes, deveu-se à “grande transferência dos padrões europeus para as terras das Américas” (WAITZ & ARANTES, 2009, p. 230). Apesar da cristianização do Brasil com a chegada da educação catequética, algumas cartas registradas por Inácio de Loyola mostram que as Ciências Humanas se desenvolveram nesse período no Brasil e fundamentaram os estudos dos jesuítas (SABEH, 2009, p. 6).). Essas

influências europeias, baseadas nos estudos humanistas, apesar do teor religioso contrário aos ideais modernos, colocaram os Estudos Clássicos presentes nos campos da literatura, educação e das ciências políticas.

Por conseguinte, antes da formalização da Universidade no Brasil, nos albores do século XIX, contou com algumas instituições docentes que contribuíram para o futuro cenário acadêmico que viria a surgir no século seguinte. Segundo Maria de Fátima de Paula, desde a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, houve a recusa da ideia da criação de uma Universidade no Brasil (PAULA, 2009, p. 73). Essas instituições foram influentes e se destacaram em alguns aspectos como a educação técnica e científica (BARRETO & FILGUEIRAS, 2007, p. 1780).

Posterior a isso, não se desenvolveu nenhuma outra instituição Universitária, nem a inclusão dos Estudos Clássicos. A institucionalização das universidades, sem os antigos ares das isoladas escolas superiores, só se formalizou nos primeiros anos do século XX, e mesmo com sua trajetória próxima a outros países latino americanos, seu nascimento possui características singulares desse fenômeno brasileiro (BARRETO & FILGUEIRAS, 2007, p. 1780).

Simultaneamente, nota-se que é imprescindível reconhecer que a consolidação das universidades brasileiras no século XX não aconteceu de um dia para o outro. Segundo esses autores, as universidades brasileiras foram posteriores às escolas profissionais e as instituições militares³¹. A tradição já presente no território nacional de escolas superiores aliada à discussão sobre a unificação dos cursos de bacharelado numa única universidade nacional e as disputas políticas serão os motores da implementação das primeiras Universidades no Brasil (BARRETO & FILGUEIRAS, 2007, p. 1780).

Para compreender a inserção da Arqueologia e dos Clássicos no contexto universitário brasileiro, faz-se essencial perceber quais foram as concepções e influências evocadas no contexto de nascimento das universidades no Brasil, buscando entender como se deu a implantação das universidades brasileiras na primeira metade do século XX.

³¹ “Em 1810, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho seria transformada em Academia Real Militar. A instituição mudou de nome várias vezes: em 1822 se chamou Imperial Academia Militar, em 1832 Academia Militar da Corte, em 1840 Escola Militar, e em 1858 passou a Escola Central. Em 1874 cursavam a Escola Central não somente militares, mas também civis. Por isso ela se cindiu em Escola Militar, por um lado, e Escola Politécnica do Rio de Janeiro, instituindo esta última o curso de Engenharia Civil, distinguindo-se da engenharia militar pelo nome” (BARRETO & FILGUEIRAS, 2007, p. 1781).

3.1 URJ e USP: fundação, princípios e tendências

As universidades brasileiras, em especial a Universidade do Rio de Janeiro (URJ), considerada a primeira universidade brasileira, foram criadas a partir de 1920, resultado da junção da “Escola Politécnica com a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito, então existentes” (MOHRY, 2009, p. 26). Referente à fundação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934³², Maria de Fátima de Paula aponta a Revolução Constitucionalista de 1932 como o fator determinante da criação da USP (PAULA, 2002, p. 148). Nesse contexto, analisemos os sistemas de implantação e desenvolvimento da Universidade do Rio de Janeiro (URJ) e da Universidade de São Paulo (USP) frente a seus aportes referenciais.

Com a popularização das Universidades do Rio de Janeiro e a criação da Universidade de São Paulo, foi inevitável o ingresso de diversos estudantes e admissão de professores europeus. Dessa forma, dois modelos distintos de ensino superior na França e na Alemanha influenciaram significativamente a concepção e a estrutura do ensino superior no Brasil (PAULA, 2009, p. 72). As primeiras universidades no Brasil, que se formaram na primeira metade do século XX, e foram intrinsecamente construídas sob influência dos modelos francês e alemão, como foi o caso da URJ e da USP.

O modelo francês, era definido pela sua forte abordagem de cunho profissionalizante e pela intensa relação com o Estado. Se baseava sobretudo no modelo napoleônico de universidade, caracterizado pela “dissociação entre ensino e pesquisa e grande centralização estatal, vai marcar profundamente a organização da Universidade do Rio de Janeiro” (PAULA, 2002, p. 156). Seu enfoque estava em um âmbito técnico e não abrangia a pesquisa (PAULA, 2002, p. 156). Em relação à USP, sua fundação foi baseada em um modelo de inovação diferente das demais Universidades brasileiras. Sua proposta contava com três vertentes presentes no modelo alemão: ensino, pesquisa e extensão. Essa marca influenciou grande parte das Universidades modernas.

Podemos definir o modelo alemão como uma profunda preocupação com a pesquisa e a investigação científica, dedicação a formação geral e humanista, ao invés da formação essencialmente profissional. Além disso, um fator marcante era a

³² Antes foram criadas Universidades privadas efêmeras. Assim como a Universidade de Manaus surgida em 1909 e extinta em 1926, a de São Paulo se originou em 1911 e foi extinta em 1917 (PAULA, 2009, p. 76).

busca pela autonomia intelectual diante do Estado e dos poderes políticos (PAULA, 2002, p. 150). Apesar da forte influência alemã na USP, não podemos descartar que ela também sofreu influência das concepções francesas. Um exemplo é a contratação de diversos professores franceses. A USP pôde se desenvolver nas ciências humanas a partir da contratação de intelectuais franceses como Claude Lèvi-Strauss, Fernand Braudel, Roger Bastide, entre outros.

Segundo José Sebastião Witter, a criação da USP inseria-se em um projeto político cultural ambicioso que beneficiaria não só o estado de São Paulo, como também todos os outros estados brasileiros (WITTER, 2006, p. 24). Fica clara, então, a relação entre os objetivos traçados pelos percussores da instituição paulista em se destacar e ser referência nacional de padrões universitários. A URJ, tendo em vista as melhorias promovidas na USP, pôde repensar sua trajetória. Maria de Lourdes de A. Fávero afirma que, “a Universidade do Rio de Janeiro teve o mérito de reavivar e intensificar o debate em torno do problema universitário no país” (FÁVERO, 2000, p. 4). Nessa perspectiva cercada por expectativas a fim de criarem universidades nos moldes europeus, foi formada

uma hierarquia entre as “grandes escolas”, voltadas para a pesquisa científica e para a formação de alto nível das elites intelectuais, e as universidades, responsáveis por um ensino mais massificado, sendo a pesquisa concentrada, portanto, fora das universidades (PAULA, 2009, p. 73).

A discussão entre o ensino e a pesquisa, foi pauta desses pontos de melhoria nas Universidades pioneiras, URJ e USP. “Paralelamente, nas décadas de 30, 40 e 50, assistimos à proliferação de institutos extra-universitários ou para-universitários de pesquisa na então Capital do país, com acentuada dissociação entre ensino universitário e pesquisa científica” (PAULA, 2009, p. 73). Quanto a isso, “esse caráter fragmentado e profissionalizante das instituições brasileiras de ensino superior vinha recebendo críticas” (PAULA, 2009, p. 74). Diante de tais considerações, as Universidades começaram a se manifestar.

Quanto a isso a USP em 1926, através de um de seus principais patronos, Fernando de Azevedo, propôs uma integração da instituição universitária. Seu objetivo era superar a velha formação profissional (técnica) por meio da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Em seu manifesto ele expunha a deficiência das escolas profissionais, “meras transmissoras de um saber não superior porque estritamente especializado e comprometido com aplicações imediatas” (PAULA, 2009,

p. 74). Ele era um dos defensores de um saber livre e que fosse eficiente o bastante para contribuir, enriquecer a educação, o processo de ensino e a Universidade no geral. O objetivo era promover uma universidade que cultivasse tais valores, para se tornarem eficazes na formação dos discentes.

Assim, Carlos Benedito Martins, pontua que “o período de 1945-1965 se destacou por um crescimento acelerado do ensino superior público” (MARTINS, 2009, p. 18). No entanto, no final de 1950 a URJ e a USP presenciaram a interferência norte americana. Esse projeto foi formulado frente ao golpe de 1964, fazendo com que todas as petições e protestos do movimento progressistas composta por estudantes e professores, fossem adulteradas e consideradas subversivas. (PAULA, 2009, p. 77). No Brasil, apesar do recente nascimento das Universidades, os conceitos norte-americanos foram fundamentalmente difundidos na Reforma Universitária de 1968.

Nesse contexto ditatorial brasileiro, Paulo Duarte foi um intelectual que através de seus estudos refletiu as práticas arqueológicas juntamente com sua importância num diálogo com a sociedade. Um dos objetivos de Duarte que nos importa, estava na luta pela Universidade e seu pleno exercício (FUNARI, 1999, p. 214). Ele foi responsável pela fundação da Comissão de Pré-história, e pela fundação do Instituto de Pré-história e Etnologia – incorporado pela USP. Elaborou também a lei que defendia a preservação e exploração dos monumentos arqueológicos, que vigora até os dias de hoje. Após seu retorno do exílio, Duarte se engajou de forma crítica e fez com que Arqueologia se desenvolvesse cientificamente no Brasil, promovendo bases institucionais e legais na Universidade (BACKX, 2013, p. 16).

A partir dessas reformas influenciadas pelas vertentes estadunidenses e os movimentos de resistência como por exemplo o de Paulo Duarte, nos anos de 1970 contamos finalmente com a Arqueologia no *hall* de cursos universitários no Brasil. Segundo Marcia Bezerra, Ulpiano Meneses considerado um dos pioneiros em Arqueologia no Brasil, promoveu diversos debates, nos quais se discutiam as relações entre a Arqueologia e a Universidade (BEZERRA, 2008, p. 140). Outras questões começaram a ser inseridas e levantadas na Arqueologia sobre os modelos universitários que seguiriam.

Diante disso, iniciou-se a busca por arqueólogos universitários que pudessem formar os primeiros “arqueólogos acadêmicos brasileiros” (FUNARI & CARVALHO, 2012, p.89). Todas essas intervenções estavam voltadas para a necessidade da formação de mais arqueólogos no Brasil. A busca pelos mecanismos que a

Universidade deveria se utilizar para que o número de profissionais aumentasse no Brasil também foi resultado de longos projetos intelectuais (BARRETO, 2000 p. 40). Dentro dessa perspectiva, surge o cenário favorável que aponta o desdobramento da Arqueologia dentro das Universidades brasileiras.

3.2 A Arqueologia no Brasil: o diálogo teórico-metodológico a partir da Universidade brasileira

O primeiro curso de Graduação em Arqueologia no Brasil fundou-se nos anos 1970 na cidade do Rio de Janeiro, na Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon (FAMARO), uma instituição privada. Sua consolidação foi impedida e o curso não resistiu ao seu primeiro ano de vigência, devido às pressões contrárias de outras instituições que se sentiram ameaçadas pela estrutura do curso (BEZERRA, 2008, p. 140 *apud* MENDONÇA DE SOUZA, 1991, p. 124). Com o ruir do curso de Arqueologia da FAMARO, ele foi apropriado pela Faculdade Integrada Estácio de Sá em 1975. Entretanto, o curso passou por uma crise no início dos anos 2000 e não se recuperou, levando ao término do curso na instituição. Bezerra afirma que esse desfecho, “encerrou um capítulo na história da formação de arqueólogos no Brasil, mas não se abandonou a ideia da graduação como um dos *loci* do ensino da disciplina” (BEZERRA, 2008, p. 140).

A partir dos anos 2000, os cursos de graduação em Arqueologia se multiplicaram de forma inesperada, pois em quatro anos surgiram nove cursos de Arqueologia. Segundo Paulo Seda, o primeiro foi implantado em 2005, na Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco (SEDA, 2014, p. 222). Consequente, foram criados os outros oito cursos de graduação em Arqueologia no país na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Esse aumento na criação dos cursos de Arqueologia nos mostra o crescente interesse pela formação na área.

Qualquer tentativa de compreender a presente configuração da disciplina deve, portanto, ser fundada em uma análise sistemática e empírica de sua História e de sua prática” e, neste processo, o arqueólogo necessita reconhecer, em detalhe, a extensão das circunstâncias e padrões, sempre em mudança, em diferentes contextos históricos (FUNARI, 1999, p. 213).

A Arqueologia como disciplina da tardia universidade brasileira requer uma reflexão sobre o estabelecimento desta relação e suas reverberações nos âmbitos nacional e internacional. Apesar da morosidade da instituição das universidades no Brasil, o contexto de sua implementação testemunhou um sobressalto no número de profissionais que se qualificavam para assumir os postos recém-criados nas instituições de ensino superior. É justamente nesse contexto que a disciplina Arqueologia recebe luz do interesse universitário, não se distanciando dos processos de institucionalização de outras disciplinas (BUENO & MACHADO, 2003, s.p). Nesse contexto, percebemos que a Arqueologia universitária brasileira “desde o início, foi interdisciplinar e aberta ao diálogo entre as ciências” (FUNARI & CARVALHO, 2012, p. 91). Esse contato interdisciplinar entre Arqueologia e as demais ciências é essencial para a promoção de novas pesquisas e além de alcançar o público geral de forma mais ampla.

Contudo, de acordo com Camilo de Mello Vasconcellos, Ana Carla Alonso e Paulo Rodrigues Lustosa, apesar de todo o desenvolvimento que as pesquisas arqueológicas puderam realizar no Brasil, esses resultados costumam estar restritos aos contextos universitários, museus e grupos de pesquisas (VASCONCELLOS, ALONSO & LUSTOSA, 2000, p. 231). “A sociedade brasileira em geral desconhece o que vem a ser a ciência arqueológica e a sua prática está associada, para o grande público, ao aspecto fantasioso e aventureiro, onde ainda pesam conceitos equivocados e distorcidos” (VASCONCELLOS, ALONSO & LUSTOSA, 2000, p. 231).

Diante do conceito de Arqueologia frente a população leiga, podemos notar que os brasileiros no geral não têm acesso as informações pertinentes à pesquisa arqueológica. Assim como o acesso as Universidades, discutido no tópico anterior, esse alcance que promove inclusão aos mais diversos setores da sociedade não têm sido notados na Arqueologia. Essa condição é consequência de fatores como a divulgação fragmentada dos dados fornecidos pelo meio acadêmico e imprensa, o que dificulta a sua assimilação e absorção (VASCONCELLOS, ALONSO & LUSTOSA, 2000, p. 231).

Nesse âmbito, é perceptível o aumento substancial das discussões e aberturas para um estudo mais crítico do contexto nacional dentro das Universidades. A busca dos arqueólogos em trabalharem nas questões levantadas por suas próprias épocas e sociedades. (FUNARI, 1999, p. 213), faz com que essas pesquisas se tornem ainda mais críticas e se tornem um símbolo de resistência. Essa investigação supera uma

Arqueologia que privilegia o discurso elitista, igualmente inacessível ao público em geral. Sendo assim, “o único caminho para entender o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil é estudar as relações entre a sociedade, suas mudanças e a prática científica” (FUNARI, 1994, p. 25). Um exemplo desse engajamento é a inserção da Arqueologia Histórica, que aparece em todos os currículos do curso de Arqueologia no Brasil.

Segundo Marcia Bezerra, a Arqueologia Histórica “foi um dos campos da Arqueologia que mais cresceu nos últimos anos no Brasil” (BEZERRA, 2008, p. 148). Para Funari, a Arqueologia Histórica é fundamental para a inclusão social.

A Arqueologia Histórica como o estudo das sociedades com escrita incorpora, assim, tanto a disciplina homônima norte-americana, como as diversas disciplinas que lidam com sociedades com documentação escrita. Tem-se buscado mostrar que ela não é uma simples *ancilla*, serva ou auxiliar da documentação escrita e da ciência da História, pois a cultura material pode não só complementar as informações textuais, como fornecer informações de outra forma não disponíveis e até mesmo confrontar-se às fontes escritas. Nas últimas duas décadas, preocupados com a análise da sociedade, os arqueólogos históricos têm, cada vez mais, focalizado sua atenção nos mecanismos de dominação e resistência e, em particular, nas características materiais do capitalismo (FUNARI, 2007, p. 36)

Nesse sentido, a Arqueologia Histórica está ligada de forma direta às noções de identidade. Tania Andrade Lima afirma que essa disciplina que fora muito ligada a monumentos e aporte para os trabalhos de restauração, abriu-se para perspectivas que não existiam antes da Arqueologia na Universidade (LIMA, 1993, p. 228). A Arqueologia Histórica, ganhando força da comunidade científica e abrangendo o público em geral, adotou o discurso das minorias étnicas e subalternas. Além disso, deu voz aos “oprimidos, desfavorecidos, ou marginais, que não puderam registrar sua própria história; recuperar memórias sociais, reinterpretar a História Oficial” (LIMA, 1993, p. 228). O resgate das práticas dos grupos sociais inferiorizados ou apagados da História fez os quilombos, bicos urbanos, povoados, fazendas e senzalas se tornarem objeto de estudo e investigação da Arqueologia Histórica (LIMA, 1993, p. 228).

De acordo com Jorge Eremites de Oliveira, dentro de toda a investigação arqueológica realizada no Brasil em um contexto social, é certo que a produção intelectual desempenhada pelas Universidades locais como por exemplo a Arqueologia Histórica, Arqueologia oitocentista, Arqueologia Guarani e outras

produções sobre a pré-história brasileira, tem fundamentado a importância desses temas à situação do país (OLIVEIRA, 2002, p. 28).

Por conseguinte, a Arqueologia brasileira construiu bases consistentes e tem formado excelentes profissionais e pesquisadores. A extensa produção dos arqueólogos brasileiros tem sido fundamental para que essa ciência alcance os espaços dentro das Universidades. No ano 2000, contávamos apenas com um curso de graduação em Arqueologia no Brasil em uma instituição privada. Há 15 anos com nove cursos e atualmente, no ano de 2020 contamos com 14 cursos de graduação em Arqueologia³³ em sua maior parte em universidades públicas. Esse dado é fundamental tendo em vista que esse aumento do curso de graduação em Arqueologia nos mostra um aumento na democratização do conhecimento na área (SEDA, 2014, p. 236).

Levando em consideração esse salto do progresso da Arqueologia universitária no país e suas vertentes arqueológicas, cabe ressaltar a fruição da Arqueologia Clássica e o desenvolvimento dos estudos sobre Antiguidade Clássica no Brasil. Segundo Haiganuch Sarian, o modelo de pesquisa em Arqueologia Clássica e da Antiguidade em si é baseado na soberania das documentações primárias. “No caso dos estudos de Arqueologia, são todas as categorias de cultura material” (SARIAN, 2015, p. 25). Dessa forma, existe a necessidade de obter os dados da materialidade do documento para a pesquisa do arqueólogo. Especialmente no caso brasileiro que não abriga grande parte desses documentos da Antiguidade Clássica, há o obstáculo de não contar com esses artefatos em mãos. Isso tem sido superado aos poucos através da criação de bases de dados, como por exemplo o Arquivo Beazley que disponibiliza na internet imagens de cerâmicas e artefatos atribuídos por John Davidson Beazley. Outras formas de acesso são os museus virtuais que permitem visitas on-line para o acesso aos documentos em Museus estrangeiros.

³³ Atualmente os curso de Arqueologia no Brasil são oferecidos nas seguintes instituições: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Universidade Federal do Vale do São Francisco, em Piauí (UNIVASF-PI), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), além da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) que apesar de não oferecerem uma formação plena em Arqueologia, fornecem a formação em Antropologia, com habilitação em Arqueologia.

Tendo em vista essa dificuldade e diversas outras circunstâncias que dificultam o trabalho do arqueólogo que estuda os Clássicos no Brasil, a Arqueologia Clássica tem realizado algumas constituições significativas à Arqueologia no Brasil. Sarian argumenta que

Acredito que seja uma contribuição em dupla via: a Arqueologia Brasileira teve e continua tendo uma importância valiosa na preparação dos arqueólogos clássicos em trabalhos de escavações. Assim é que são inúmeros os pós-graduandos em Arqueologia Clássica do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE-USP, que participam dos trabalhos de campo dirigidos pelos nossos colegas em vários sítios do Brasil e obtêm rigorosa formação nesse método de pesquisa. Em contrapartida, a Arqueologia Clássica tem muito a oferecer à Arqueologia Brasileira no tocante ao estudo da cultura material fundamentado entre os classicistas em experiência de longuíssima tradição. Pesquisas e publicações de referência sobre os mais variados artefatos, sobretudo no domínio da ceramologia, indicam caminhos, com resultados à mostra, a serem percorridos, ressaltando-se bem entendido as características de uma e outra disciplina. O mesmo se pode dizer de temas relevantes, entre os quais se destacam o estudo de arqueologia das práticas mortuárias, de arqueologia da imagem e de arquitetura (SARIAN, 2015, p. 29).

Considerando o trabalho que foi e está sendo realizado por esses pesquisadores do Período Clássico frente às contrariedades que enfrentam, faz-se imprescindível reconhecer esses profissionais. Em um curto período eles fizeram com que os estudos da Antiguidade Clássica fossem reconhecidos internacionalmente e continuassem a produzir no Brasil novos pesquisadores e estudos que influenciariam a Arqueologia mundial. Cabe destacar algumas personalidades influentes da Arqueologia Clássica nacional: Haiganuch Sarian, Maria Beatriz Borba Florenzano, Gilberto da Silva Francisco, Pedro Paulo Abreu Funari, Francisco Marshall, Fábio Vergara Cerqueira, Carolina Kesser Barcellos Dias, Camila Diogo de Souza entre outros.

A crescente produção da Arqueologia Clássica junto à Arqueologia brasileira, se deve majoritariamente a esse grupo de intelectuais que insistiram em promover destaque a essa disciplina, inclusive na formação de novos pesquisadores. Essa difusão dos estudos clássicos ainda se mostram em expansão, enfrentando algumas objeções e superando-as.

3.3 Arqueologia e os Clássicos: Currículos Universitários, seus desafios e possibilidades

A Arqueologia no Brasil caminhou por diversos empasses sociais, políticos, culturais, econômicos e ideológicos. Todos esses fatores corroboraram para as características que ela possui hoje e seus avanços nos estudos clássicos. Isso porque, “hoje em dia a Arqueologia Brasileira vive um momento rico e promissor da disciplina em nosso país” (OLIVEIRA, 2002, p. 44). Para Funari, em seus primórdios, a Arqueologia Clássica foi elaborada como uma oposição à frente obscura e fascista brasileira, contribuindo assim para alterar o destino da Arqueologia Clássica *stricto sensu* e também “democratizar áreas afins, como a Arqueologia brasileira, a História Antiga, Latim, Grego, Estudos Clássicos em geral” (FUNARI, 2013, p. 43). Sua extensa produção acerca dos estudos clássicos, tem sido notada e referenciada no exterior (FUNARI, 1999, p. 217). Não obstante, essa área ainda enfrenta alguns obstáculos no cenário brasileiro.

Segundo Camila Diogo de Souza, por uma perspectiva do Sudeste brasileiro, atualmente o ingresso na Arqueologia Clássica enquanto carreira acadêmica só é possível através da formação universitária em áreas afins, como os cursos de graduação em História, Antropologia, Letras (grego antigo principalmente), Filosofia, Museologia dentre outros, já que o Brasil ainda não conta com um curso de graduação específico em Arqueologia Clássica (DE SOUZA, 2013, p. 5). Carolina Kesser Barcellos Dias, nesse mesmo panorama afirma que as possíveis formações para a área

“são compartimentadas: nas graduações de História e Filosofia são oferecidas disciplinas que envolvem a Antiguidade Clássica, ou Antiguidade Ocidental, mas é por meio de colaborações com professoras de História Antiga, sobretudo, que se desenvolvem a maior parte das pesquisas na área” (DIAS, 2013, p. 59).

Outra possibilidade de ingresso na Arqueologia Clássica, se dá através da Graduação em Arqueologia, ou seja, dentro de uma formação acadêmica básica. Todavia esse quadro é relativo, tendo em vista que muitos cursos de Arqueologia no Brasil não contam com Arqueologia Clássica em sua matriz curricular da Graduação. Dos 14 cursos³⁴ de Arqueologia no país, somente cinco possuem a disciplina de

³⁴ Ver: **Apêndice 1**, nele há uma relação das Universidades que oferecem o curso de Graduação em Arqueologia. Esta relação apresenta as Universidades que oferecem a disciplina ‘Arqueologia Clássica’ em seu currículo e se ela é oferecida como uma disciplina obrigatória ou opcional/eletiva. No **Apêndice**

Arqueologia Clássica³⁵ em sua matriz curricular, sendo que em dois deles as disciplinas são optativas ou eletivas. Tal cenário nos faz questionar o lugar dos Clássicos em nosso país. Segundo esse levantamento, percebemos a partir dos dados que apenas 21,42% das Universidades tem Arqueologia Clássica como matéria obrigatória na matriz curricular.

Esse número não corresponde nem à metade das demais disciplinas que se inserem nos cursos. Essa seleção, especificamente pela inserção dos estudos clássicos no meio acadêmico, faz com que seja, muita das vezes uma área distante da realidade dos alunos. A graduação seria o lugar apropriado para que esses alunos conhecessem e se familiarizassem com a Arqueologia Clássica. Pela perspectiva da formação da matriz curricular, na qual grande parte dessas Universidades excluem os Clássicos da formação arqueológica, notamos que essa exclusão é arbitrária.

a constituição dos currículos vai muito além da simples organização linear de conteúdos compartimentados em unidades de conhecimento. Esse é um ato imbuído de significados sociais, econômicos e políticos. Para alguns é preciso saber “a favor de quem o currículo trabalha e fazê-lo trabalhar a favor dos grupos e classes oprimidos (MOREIRA e SILVA, 1994, p. 16 *apud* BEZERRA, 2008, p. 150).

Essa influência política e sociocultural nos currículos universitários segundo a autora, surge da tendência capitalista em que os currículos tenham a necessidade de atender exigências econômicas mundiais. Tal fomento gera a “desvalorização dos indivíduos como agentes ativos na construção de sua realidade e, conseqüentemente, a uma supervalorização destes como consumidores” (BEZERRA, 2008, p. 150). Segundo Maria Beatriz Borba Florenzano, essas questões econômicas são dificuldades diretas que atingem o trabalho do arqueólogo clássico no Brasil.

Para Florenzano, os principais aspectos econômicos estão nas autorizações para escavações que dependem de uma verba a ser investida, no ingresso as equipes internacionais que exigem grandes recursos financeiros que dificultam a empreitada em nosso meio acadêmico, as viagens ao exterior para visitar os locais de pesquisa, o acesso às coleções e bibliotecas etc. Apesar desses empecilhos que dificultam e

2, encontramos as matrizes curriculares de cada uma dessas Universidades com suas respectivas especificidades, posto que, em algumas a graduação não consiste na formação em Arqueologia plena.

³⁵ Cabe ressaltar que somente uma dessas quatorze Universidades prevê em seu currículo a bifurcação das modalidades Antiguidade Oriental e Antiguidade Ocidental. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro oferece as disciplinas “Arqueologia da Antiguidade I” e “Arqueologia da Antiguidade II”, na qual a primeira disciplina aborda a arqueologia do Antigo Egito e do Crescente Fértil e a segunda aborda o que as civilizações grega e romana. Embora a exista a modalidade Oriental, ela é rasa e elimina as demais civilizações antigas do oriente.

tornam o trabalho do pesquisador da Antiguidade inviável em termos financeiros, estes problemas estão em vias de superação (FLORENZANO, 2015, p. 33). Contudo, infelizmente esse aspecto tem influenciado a exclusão da Arqueologia Clássica dos currículos universitários. Além desses aspectos ressaltados pela autora, podemos observar que outros fatores também circundam a dificuldade no campo da Arqueologia. Alguns deles são embates políticos, práticas governamentais que inviabilizam essas pesquisas, falta de fomento e incentivo financeiro à pesquisa dentro dos departamentos universitários, que carecem de verbas, etc.

Um dos fatores que convertem essa perspectiva, é o número crescente de especializações nos estudos clássicos. Essa evolução da disciplina que o século XXI acompanha, fez com que as bases teóricas e metodológicas específicas dessa área gerassem ainda mais interesse de novas pesquisas. Além disso gerou bases metodológicas da Arqueologia de campo, como técnicas de escavações, conservação do material, abordagens de análise etc (SOUZA, 2013, p. 5).

Em comparação àquilo que ocorria há algumas décadas, atualmente a formação do arqueólogo clássico no Brasil dispõe de uma maior quantidade de recursos técnicos e metodológicos (livros, cursos e disciplinas específicas em determinados temas da Antiguidade, eventos diversificados na área, como palestras, simpósios e congressos com temas variados, verbas para escavações e estágios de pesquisa na Europa, por exemplo), associada à maior qualificação e diversificação de recursos humanos (como, por exemplo, o aumento do número de pesquisadores e de especialistas em temas cada vez mais variados da Antiguidade). Tal cenário tem proporcionado uma pluralidade e excelência de recursos disponíveis, não apenas na formação do arqueólogo clássico, mas dos pesquisadores da Antiguidade de modo geral. É interessante notar também que, em muitos casos, há uma preocupação em adaptar e ampliar a difusão do conhecimento da área não só para o público acadêmico, mas para diversos outros níveis educacionais (SOUZA, 2013, p. 5).

Nas últimas décadas, podemos notar que as “especializações do arqueólogo clássico na formação pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) apresenta profissionais, material didático (bibliotecas) e níveis de excelência com inserção e diálogo internacional” (SOUZA, 2013, p. 5). Nessa perspectiva, devemos nos atentar às ferramentas pelas quais a Arqueologia Clássica tem sido difundida no Brasil, não só no contexto das Universidades. Segundo Elizabete Tamanini, esse contato do cotidiano brasileiro com a Arqueologia, Museus, espaços de preservação da cultura material é praticamente inexistente. Se existe um contato, essa aproximação é efêmera diante a sociedade. Dessa forma, essa questão deve ser

motivo de questionamentos, visto que tais dados deveriam compor os currículos escolares (TAMANINI, 1999, p. 339). Diante disso, discutiremos como tem sido a trajetória nos museus e laboratórios de Arqueologia no Brasil e como os Clássicos se inserem.

3.3.1 Arqueologia brasileira e a inserção dos Clássicos através Museus e dos Laboratórios Departamentais

De acordo com Barreto, a inserção dos museus no Brasil foi decisiva para o desenvolvimento da Arqueologia no país, como o Museu Paulista em São Paulo, o Museu Paraense em Belém, e Museu Nacional no Rio de Janeiro (BARRETO, 2000, p. 38). Helena Vieira Leitão de Souza afirma que “no Brasil, o primeiro Museu a ser criado foi o Museu Nacional do Rio de Janeiro ou Museu Real. Nossa primeira instituição científica” (SOUZA, 2012, p. 22). A inserção dos museus em nossa sociedade, colaborou e ainda estimula o “contato com a cultura material, com o aspecto concreto dos objetos, contribuindo para a superação de muitos preconceitos em relação às culturas” (VASCONCELLOS, ALONSO & LUSTOSA, 2000, p. 237).

A importância dessa instituição se dá uma vez que trabalham com fontes específicas e diferenciadas, a medida contrapõe o senso comum criado a diversas culturas e etnias, na qual a população forma uma visão deturpada a respeito da cultura material e a Arqueologia, por exemplo em relação aos indígenas (VASCONCELLOS, ALONSO & LUSTOSA, 2000, p. 237). No ponto de vista a favorecer a Arqueologia Clássica, essas instituições não-formais como os museus, trabalham com objetivos voltados ao atendimento da comunidade acadêmica e escolar, e forte potencial para ampliação do atendimento às populações locais estimuladas, por exemplo, por políticas que fomentem o acesso a elas.

Essas coleções museológicas têm a capacidade “de sinalizar aspectos inerentes à longevidade e diversidade da herança patrimonial dos seres humanos” (SOUZA, 2012, p. 25). Dessa forma, introduzir documentos que remetem à Antiguidade Clássica, pode diminuir a distância entre as sociedades que vivem em tempos distintos, já que esse é o objetivo dessas coleções arqueológicas (SOUZA, 2012, p. 25). De acordo com a autora, independentemente do aspecto pelo qual o documento material seja inserido em uma instituição, esse patrimônio sempre engloba memórias, práticas e interpretações (SOUZA, 2012, p. 26).

Destarte, o incentivo à busca pela visitação desses espaços, juntamente com a união dos métodos oferecidos para a divulgação desses museus, como projetos sociais, inserção da educação básica nesses ambientes, enriquecem sobremaneira o estudo da temática da Arqueologia Clássica e une ainda mais a relação entre a História Antiga e as práticas arqueológicas fora dos limites da academia.

Segundo Maria Cristina Oliveira Bruno o contato com a História Antiga, e especificamente a relação dos brasileiros com a obra antiga “é responsável pela abertura de novas possibilidades de apreciações culturais, de confrontos, interpretações e recriações da cultura clássica e uma maior dimensão temporal sobre a própria existência humana” (BRUNO, 1996, p. 294). Tendo em vista a relação da Antiguidade Clássica com abordagens que ilustram valores, Henrique Cairus afirma que a nossa contemporaneidade tem como um de seus aspectos mais notórios sua busca recorrente por um referencial clássico (CAIRUS, 2011, p. 1).

Historicamente, podemos estabelecer esse ponto de contato entre a Arqueologia e a História Antiga. Esta pode ser tratada como uma relação símil no processo de humanização, já que História Antiga, Filosofia Antiga, Letras Clássicas e Arqueologia Clássica são disciplinas voltadas ao mesmo objeto, o estudo sistemático do Mundo Antigo e da Cultura Clássica. Este objeto por si mesmo é interdisciplinar, requerendo o esforço constante dos profissionais para compreendê-lo de maneira mais ampliada e completa.

Outro ponto importante, além das disposições de museus na difusão da Arqueologia Clássica na Universidade e fora dela, são os departamentos e projetos multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares que viabilizam o contato dos acadêmicos e do público leigo com a Arqueologia Clássica. Tais medidas se mostram fundamentais para o futuro da Arqueologia Clássica no Brasil, uma vez que “o conhecimento acadêmico não deve ficar restrito aos pequenos círculos de intelectuais. Ao contrário, ele deve dialogar de forma aberta e democrática com a sociedade como um todo” (GRILLO & FUNARI, 2013, p. 12).

Dentre esses departamentos³⁶, podemos citar algumas atividades desenvolvidas pelos nos núcleos de pesquisas referentes aos Estudos Clássicos na

³⁶ Reconhecemos a criação e o desenvolvimento dos diversos laboratórios de História e Arqueologia Clássica no Brasil, os quais tem se espalhados e promovido diálogos dentro e fora das Universidades através dos Estudos Clássicos. Entretanto citamos apenas alguns grupos a título de indicação e proximidade destes com a Arqueologia e História.

Universidade Federal de Pelotas nos quais tem sabido levantar importantíssimos estudos e diversas atividades inclusivas. O Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA)³⁷, foi criado em 2011 como um Projeto Permanente de Extensão baseado no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Coordenado pelos professores Fábio Vergara Cerqueira, Carolina Kesser Barcellos Dias e Camila Diogo De Souza, tem como objetivo difundir as pesquisas realizadas na Universidade sobre a cerâmica antiga. Suas abordagens são a partir dos estudos sobre a estilísticas dos vasos, suas formas, as técnicas e sua iconografia. Além disso, a equipe do LECA analisa o material cerâmico, e promove a interação dos especialistas em ceramologia, de diversos períodos, circunstâncias de achado e as procedências do artefato (DIAS, DE SOUZA & CERQUEIRA, 2014, p. 224).

Dessa forma, o LECA também atua como um espaço interdisciplinar que viabilizam reuniões e discussões teórico-metodológicas a respeito da temática geral da cerâmica antiga. O Laboratório promove a formação de novos pesquisadores no Brasil, incluindo-os e orientando-os em seus projetos de Iniciação Científica, monografias e trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Composto por professores, pesquisadores, alunos e técnicos, estes estudam a cerâmica antiga enquanto documento material para o conhecimento das sociedades antigas por meio das diferentes linhas de pesquisa contempladas pelo projeto temático do laboratório. Esses trabalhos realizados no LECA, são direcionados ao público acadêmico e para um público mais amplo, como professores do ensino básico e médio³⁸.

O Grupo de Estudos do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (GELECA), surgiu no ano de 2012 na Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Profa. Dra. Carolina Kesser Barcellos Dias. Seus estudos estão voltados aos debates em áreas do conhecimento histórico e arqueológico, como a criação e utilização de bancos de desenhos e de textos, e o campo especializado da ciberarqueologia. “Com uma proposta interdisciplinar, foram organizadas diversas atividades para estimular os diálogos entre discentes do Grupo de Estudos e demais pesquisadores da universidade e de outros núcleos de pesquisa” (LOPES, *et al* 2015,

³⁷ <http://leca.ufpel.edu.br/>

³⁸ <http://leca.ufpel.edu.br/home>

p. 319). Por motivos pandêmicos na qual nos encontramos em 2020, seu funcionamento foi interrompido temporariamente.

Outro projeto pesquisa sobre os estudos clássicos, é o Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e Antiguidade (POIEMA) criado em 2012, e coordenado pela Professora Daniele Gallindo, que objetiva a participação ativa de docentes e discentes que estudam a Antiguidade Clássica e o período Medieval. Com métodos interdisciplinares, o POIEMA agrega as mais variadas áreas da Academia, expandido suas pesquisas nas comunidades acadêmicas e geral. (LOPES, *et al* 2015, p. 321). Além disso, podemos citar os projetos que acontecem durante dois eventos organizados e promovidos pelo LECA: as Semanas Temáticas e as Jornadas de História Antiga. O primeiro deles, é o Pipoca Clássica, criado em 2014 em uma reunião informal entre alguns membros do GELECA. Sua proposta é promover uma discussão interdisciplinar acerca de obras cinematográficas produzidas a partir de temas forjados na Antiguidade.

A ideia central do projeto é proporcionar ao público em geral, familiarizado ou não com os temas antigos, um olhar sobre essas produções a partir de sua origem temática, as obras clássicas, sejam elas ficcionais ou historiográficas. Para tanto, o projeto traz como proposta a realização de debates, sempre ao final de cada sessão, contando com a participação de pesquisadores convidados de diversas áreas como História, História da Arte, Filosofia, Letras, Arqueologia e Cinema, entre outras. Por meio desses debates o público pode interagir diretamente com a temática proposta e ter contato com os múltiplos argumentos e nuances inseridos em cada produção cinematográfica, abordando assim um mesmo tema com diversas óticas e perspectivas de análise. Essa interação dá margem sobretudo à reflexão acerca da recepção de obras antigas na modernidade, as apropriações e adaptações operadas e a identificação de aspectos atemporais da natureza humana (LOPES, *et al* 2015, p. 325).

O segundo, é o Projeto Letrinhas surgiu em 2015 e objetiva apresentar aos discentes, algumas informações básicas de como acessar estudos das línguas antigas, por meio de bibliografia especializada e métodos, abordagens da linguística e gramática, e com o apoio de fontes escritas como, por exemplo, a literatura e a epigrafia. Através de suas oficinas, os palestrantes fazem a introdução ao tema em um curto período e contam também com a participação de áreas multidisciplinares, como letras, filosofia e história.

Podemos citar também o *Mundus Antiquus Studiōrum*, Grupo de Estudos do Mundo Antigo (GEMUNA) do Curso de Licenciatura em História da PUC Goiás.

Coordenado pelo Professor Me. Ivan Vieira Neto, foi criado em 2015. Embora não seja um grupo com enfoque teórico-metodológico na Arqueologia Clássica, seus estudos estão voltados para o desenvolvimento de pesquisas pelo viés transdisciplinar dos Estudos Clássicos. Sua equipe é formada pelos discentes de graduação em História da PUC Goiás, discentes de outros cursos como Letras e Filosofia e de outras instituições de Goiânia. Cabe ressaltar que, em 2018 o Curso de História da PUC Goiás, por meio do *Mundus Antiquus Studiōrum* e em parceria com a Graduação em Arqueologia e com o Programa de Pós-Graduação em História se juntaram e realizaram um evento conjunto e interdisciplinar. O *Ciclo de Estudos Clássicos entre Arqueologia e História* foi realizado promovendo conferências, minicursos e encontros, onde discutiram propostas de encontros comuns entre as pesquisas do GEMUNA (PUC-GO) e do Laboratório de Estudos sobre Cerâmica Antiga (LECA/UFPel).

Outro projeto multidisciplinar, é o Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA), foi fundado em 2006, e tem por objetivo aprofundar e difundir estudos sobre a sociedade grega por meio da análise do espaço na cidade antiga. É ligado fisicamente e institucionalmente ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Ademais, o Laboratório divulga suas produções para especialistas da área também para professores do ensino básico. Para isso, se utilizam de múltiplas abordagens como vídeos, documentários e artigos científicos, produzidos pela equipe do laboratório. O LABECA disponibiliza também com o *Nausitoo*³⁹, banco de imagens do LABECA, tem como objetivo divulgar a formação e organização da pólis, a cidade grega antiga.

O Laboratório de História Antiga (LHIA)⁴⁰ é um dos laboratórios no Brasil que tem impulsionado os Estudos Clássicos no Brasil. Instituído como um centro de unidade de pesquisa-ensino-extensão é ligado ao Instituto de História da UFRJ, formado em 1993. O LHIA colabora com o desenvolvimento de pesquisas, ensino, divulgação e palestras sobre a Antiguidade Clássica. Os trabalhos do LHIA envolvem e dialogam com diversos pesquisadores da área das Ciências Humanas. As ações são fundamentadas na formação e uma equipe empenhada em divulgarem a História Antiga Clássica no Brasil e a promoção da interdisciplinaridade através de suas atuações dinâmicas.

³⁹ <http://labeca.mae.usp.br>

⁴⁰ <http://lhia.historia.ufrj.br/lhia/>

Outro grupo que tem fomentado grandes debates e produções no meio acadêmico, é o Laboratório de Arqueologia Romana Provincial - USP⁴¹, que estuda um campo de larga possibilidades que é a *CiberArqueologia*. As pesquisas são baseadas no “desenvolvimento de ambientes tridimensionais interativos em tempo real de passados em potencial por meio do diálogo existente entre Realidade Virtual e Arqueologia”. Outro grupo a destacar, ligado ao LARP, é o ARISE, Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas⁴² que objetiva “a análise de jogos eletrônicos a partir do viés arqueológico e, além disso, desenvolver aplicações interativas e eletrônicas que auxiliem nos campos da Educação e Museologia”.

Por último e não menos importante, podemos citar uma iniciativa do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo da UFSM (GEMAM/UFSM) coordenado pela Prof. Dra. Semíramis Corsi Silva, tem como objetivo desenvolver estudos e pesquisas na área de História Antiga. Embora sua ênfase não seja em Arqueologia Clássica, o grupo se propõe a fortalecer o intercâmbio entre pesquisadores e estudantes da UFSM com outras universidades brasileiras. Nessa perspectiva, o GEMAM criou um projeto que “visa trazer o conhecimento produzido na Universidade sobre as sociedades antigas de forma acessível, divertida e prazerosa”. Através de Bate Papo com pesquisadores do Mundo Antigo, surgiu o Diálogos Olímpianos. Os ‘Diálogos Olímpianos’ são realizados através de *podcasts*⁴³ que podem ser reproduzidos em seis plataformas digitais. Seus episódios abordam conteúdos interessantíssimos sobre o Período Clássico e completamente acessíveis tanto ao público em geral como a pesquisadores da área.

Finalmente, esses são alguns dos diversos projetos brasileiros que reverberam o discurso de levar o diálogo acadêmico de forma aberta e democrática para a sociedade como um todo. Esse grupo de intelectuais da Antiguidade Clássica tem promovido de forma sábia o interesse pelos Clássicos, onde estão ganhando cada vez mais acadêmicos interessados pela área. Todas essas atividades evidenciam o constante e crescente interesse pelo Período Clássico no Brasil. Todos eles contam com a participação de colaboradores, pesquisadores e professores dessas Universidades e de outras pelo país. Esses são os espaços de discussão que devem

⁴¹ www.larp.mae.usp.br

⁴² www.arise.mae.usp.br

⁴³ <https://anchor.fm/dialogosolimpianos>

ser ocupados pelos discentes, docentes, pesquisadores da área, para o crescimento dos Estudos Clássicos no Brasil.

Sabemos que os Clássicos se fortalecem a partir da interdisciplinaridade de cursos como a Antropologia, Letras Clássicas, História, Filosofia e Arqueologia. Todavia, nessa pesquisa propomos a união entre a História e a Arqueologia, visto que algumas dificuldades às vezes enfrentadas entre os acadêmicos da área é algo em vias de superação. Sugerimos então um convite à reflexão sobre os estudos da Arqueologia Clássica na contemporaneidade num contexto periférico, já que “ao estudar a Antiguidade, não nos deslocamos do presente; pelo contrário, são as nossas inquietações da atualidade que nos permitem observar o passado e questioná-lo (OGAWA, 2013, p. 35).

Para uma última análise, cabe discutir os Estudos Clássicos no Brasil e como este se coloca no meio acadêmico, já que não há uma formação Clássica no Brasil de forma institucionalizada. Chamamos de Clássicos, os estudos voltados a cultura grega e romana desenvolvido nos cursos de ciências sociais e as pesquisas que permeiam esta área. Neste trabalho, percebemos as concepções, inclusões e exclusões desses Estudos Clássicos conceituados enquanto uma ciência, que assim como a Arqueologia, está em ascensão no contexto brasileiro periférico. Dessa forma, concentramos esforços, produções, debates e forças para a difusão dessa ciência, seja ela na História, na Arqueologia, na Antropologia, Letras, Filosofia e etc.

Em suma, a Arqueologia como uma disciplina dentro da Universidades brasileiras e até mesmo fora da vida acadêmica, está carregada de bons pesquisadores e novos métodos, se tornando uma atividade universitária reconhecida no Brasil e nos países estrangeiros. Ademais, ela tem sido relevante para os grupos sociais mais variados e secularmente excluídos, ignorados ou rejeitados (FUNARI & GONZÁLEZ, 2008, p. 25). Especialmente a Arqueologia Clássica, notamos que essa disciplina chegou aos finais da segunda década do século XXI dentro das Universidades brasileiras e até mesmo fora da vida acadêmica, se destacando e ganhando espaço, apesar de todos seus desafios abordados nessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das articulações realizadas neste trabalho sobre as intervenções e pesquisas dos arqueólogos clássicos no Brasil, percebemos que os estudos sobre a Arqueologia Clássica estão recebendo grande notoriedade em contexto nacional e internacional. A profusão e o alcance que os projetos têm tomado diante das atividades extracurriculares como seminários, congressos e cursos promovidos por professores e pesquisadores da Arqueologia Clássica, além das inúmeras obras e as publicações nesta temática, mostram que nas últimas décadas essa área tem se fortalecido e se integrado aos espaços universitários. Nesse sentido, produziram uma consciência crítica que trouxe uma transformação para a disciplina. Repensaram nos conceitos usados pela Arqueologia Clássica os aspectos de imperialistas e colonialistas que a Arqueologia adquiriu no XIX e no século XX e as reinterpretaram. Não somente, mas identificaram nos Estudos Clássicos uma tentativa de uso do discurso antigo por tendências elitistas e preconceituosas.

Apropriação das características políticas do Mundo Antigo para instaurar regimes políticos anticonstitucionais tem sido recorrente no atual contexto brasileiro por grupos de extrema direita. Para estes grupos é conveniente se apossar e descaracterizar os fatos históricos e arqueológicos da Antiguidade. Em sua expressiva maioria, os grupos da classe média armamentista têm feito apropriações eletivas e usos políticos do passado em seus discursos e práticas políticas. Isso tem sido percebido pelos estudiosos do Mundo Antigo, que têm reagido publicando informações factuais pelas diversas mídias sociais e em produções científicas.

É importante destacar que a Arqueologia Clássica também tem sido foco desse grupo neofascista, na utilizações de artefatos e obras de arte clássicas para propagar um discurso racista e xenofóbico, como os diversos casos do uso de estátuas encontradas em contextos orientais e ocidentais em que esse grupo nega os fenótipos negros e até mesmo que esses indivíduos importantes na História sejam de origem negra. Ou seja, num discurso preconceituoso, eles se utilizam dos antigos, consomem o conteúdo, e os ressignificam a seus próprios propósitos e interesses perversos. Felizmente, os estudos arqueológicos no Brasil têm revertido esse quadro e produzido excelentes abordagens, como a Arqueologia Histórica, que possui uma abordagem sociocultural que se preocupa com as especificidades de cada grupo social.

Assim, antes de retomarmos as abordagens discutidas em cada capítulo gostaríamos de enfatizar as diversas iniciativas de contribuição para o diálogo entre a História Antiga e a Arqueologia, disciplinas que têm construído novos desdobramentos no meio acadêmicos brasileiro. Essa interação entre as partes estimula outras possibilidades de produção no campo do conhecimento e se estendem a uma reflexão social. Enfatizando especialmente a multiplicidade de trabalhos que tem sido feitos a partir dos estudos da Arqueologia Clássica, percebemos as contribuições que estão imbuídas na produção de visões críticas tanto do passado antigo como da atualidade em que estamos inseridos. Ao promover esse movimento de integração e do fomento a novas iniciativas interdisciplinares, formamos novos lugares de reflexão, promovendo espaço na Universidade pelos Estudos Clássicos.

No primeiro capítulo, inicialmente tratamos e discutimos o surgimento das primeiras relações com a cultura material e como a sociedade estabeleceu uma certa prática arqueológica no Mundo Antigo. Essa relação era realizada através dos artefatos que eles encontravam que lhes remetiam aos seus antepassados, formando assim uma prática mística e religiosa. Ademais, os antigos mantinham uma alta produção de peças e produções artísticas que estavam concentradas em seu cotidiano. Logo em seguida, no Período Medieval há um lapso nessa constante prática e relacionamento das pessoas com a cultura material como na Antiguidade. Não foi extinta, porém a relação foi modificada pois os interesses sociais estavam voltados para outras necessidades devido à grande influência da Igreja Católica no período.

De modo oposto, temos um forte reaparecimento das artes Clássicas e dos valores gregos e romanos na vida da sociedade moderna. O forte prestígio do Renascimento e do Iluminismo levou esse período a se desenvolver nas práticas arqueológicas e movimentos como o Antiquarianismo e Colecionismo, que desenvolveram alguns métodos para investigar seus artefatos; o último movimento coexistente com esta realidade foi o *Grand Tour* do século XVIII, onde os lugares históricos da Antiguidade começaram a ser visitados e explorados.

No segundo capítulo, exploramos o surgimento das primeiras Universidades europeias e essa organização universitária entre o Medieval e o século XIX. A partir de problematizações na consolidação dessa instituição, abordamos rapidamente o desenvolvimento das Ciências Humanas e partimos para a análise do desenvolvimento da Arqueologia como uma disciplina, não somente na Europa, mas nos Estados Unidos e na América Latina. Finalmente iniciamos nossa discussão sobre

a chegada da Arqueologia no Brasil a partir de novos métodos e oportunidades no contexto nacional. Abordamos os obstáculos que foram superados até a institucionalização dessa disciplina na Universidade tardia brasileira.

No último capítulo, discutimos a situação da Universidade periférica e tardia no Brasil. O surgimento da primeira Universidade no ano de 1920 mostra que em relação a outros países, foi uma instituição paulatina, assim como a inclusão da Arqueologia no hall de cursos universitários. Nesse sentido, exploramos as causas, princípios e fundamentos desse processo de inclusão e progresso da Arqueologia universitária. Por último, a Arqueologia Clássica surge como uma disciplina distante das atividades acadêmicas que foi integrada por diversas situações e esforços de seus precursores. A atividade realizada pelos primeiros arqueólogos clássicos no Brasil, foi fundamental para chegarmos onde estamos atualmente.

Concluimos, assim, que a Arqueologia é uma disciplina com um enorme legado que se consolidou nos finais dos séculos XIX e no início do século XX, especialmente no Brasil, visto todas as dificuldades e empasses que ocorreram nesse processo. O trabalho de integrar as demais disciplinas que estudam a Antiguidade Clássica tem sido fundamental para o fortalecimento dessa abordagem da Arqueologia no Brasil. O futuro da disciplina se mostra promissor e aberto a diversos debates que integrem não somente os espaços na Universidade, mas que também abracem o contexto social mais amplo e o público brasileiro em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, G. de. **Universidades medievais**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 9, n. 1, p. 9-19, 1975.

AZZI, C. F. **O patrimônio histórico e a cultura material no Renascimento**. Letras, Santa Maria, v. 21, n. 43, p. 353-371, jul./dez. 2011

BACKX, Isabela et al. **Paul Rivet e Paulo Duarte: discursos sobre humanismo e arqueologia no Brasil**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. 2013.

BERNARDES, J. P. **A transformação do espaço funerário no ocidente entre os séculos IV e VI. Ambiguidades e *loci sepulturae* em espaços rurais do sul da Lusitânia: o caso dos templos**. Arqueologia de Transição: Entre o Mundo Romano e a Idade Média. Imprensa da Universidade de Coimbra, Editora: Annablume, São Paulo, p. 367-386, 2017.

BEZERRA, M. **Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil**. Revista de Arqueologia, v. 21, n. 2, p. 139-154, 2008.

BRUNO, M.C.O. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. São Paulo. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.

BRUNO, M.C.O. **Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, n. 6 1996, p. 393 – 313.

BUENO, L. MACHADO, J. **Paradigmas que persistem: as origens da arqueologia no Brasil**. Revista eletrônica ComCiência, v. 2, 2003. Disponível em: ><http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq16.shtml>< Acesso em: 17 de março de 2020.

BUENO, R.; FÁVARO, T. **A internacionalização das universidades vista por três especialistas estrangeiros**. 2011. Disponível em: <www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br> Acesso em: 20 de abril de 2020.

CAIRUS, H. **O lugar dos clássicos hoje: o supercânone e seus desdobramentos no Brasil**. Permanência clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana. São Paulo: Escrituras, p. 125-143, 2011.

CÂNDIDO, M. M. D. **Cultura material: interfaces disciplinares da Arqueologia e da Museologia**. Revista Cadernos do Ceom, v. 18, n. 21, p. 75-90, 2014.

CARLAN, C. U; FUNARI, P. P. A. **Patrimônio e colecionismo: algumas considerações**. Revista Magistro, v. 1, n. 1, 2010.

CHAUÍ, M. **Ventos do progresso: a universidade administrada**. PRADO JR, Bento. Descaminhos da educação pós-68. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G; SILVA, M. A. de O. **A tradição clássica e o Brasil**. Brasília: Archai-UNB/Fortium, 2008.

CERQUEIRA, F. V.; DIAS, C. K. B. **Dossiê “Arqueologia Clássica hoje: reflexões contemporâneas”**. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 14, n. 27, p. 5-9, 2017.

DA CUNHA, L. A. C. R. **A universidade temporã: o ensino superior da colônia à era Vargas**. São Paulo: Unesp., 2007.

DANTAS, C. L. **Fonte de memórias: Sítio Arqueológico Histórico Fonte da Carioca**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História. Goiânia, 2014.

DE MELLO VASCONCELLOS, C; ALONSO, A. C; RODRIGUES LUSTOSA, P. **A abordagem do período pré-colonial brasileiro nos livros didáticos do ensino fundamental**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 10, p. 231-238, 2000.

DE SOUZA, C. D. **Entrevista com Camila Diogo de Souza: novas perspectivas para o estudo da Idade do Ferro antiga na Grécia (XII-VIII a. C.)**. Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos, n. 2, p. 4-19, 2013.

DE SOUZA, C. D. **A Grécia na Proto-História: O “Período Obscuro” nos Livros Didáticos no Brasil**. In: DIAS, C. K. B; OGAWA, M. R. A; DOS SANTOS, D. F. A Universidade Vai à Escola. A Grécia na Proto-História: o “Período Obscuro” nos Livros Didáticos no Brasil. Porto Alegre: Casaletas, 2019.

DIAS, C. K. B. **O pintor de Gela: características formais e estilísticas, decorativas e iconográficas**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.

DIAS, C. K. B; OGAWA, M. R. A; DOS SANTOS, D. F. **A Universidade Vai à Escola. A Grécia na Proto-História: o “Período Obscuro” nos Livros Didáticos no Brasil**. Porto Alegre: Casaletas, 2019.

DIAS, C. K. B; DE SOUZA, C. D.; CERQUEIRA, F. V. **Laboratório de Estudos Sobre a Cerâmica Antiga – LECA-UFPeL**. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 11, n. 22, 2014.

DIAS, C. K. B. *et al.* **Projetos Desenvolvidos Pelo LECA-POIEMA na UFPeL**. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 12, n. 24, 2015.

FÁVERO, M. de L. de A. **O título de doutor honoris causa ao rei dos belgas e a criação da URJ**. In: Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro: UFRJ. 2000.

FERNANDES, T. C. **Vamos criar um sentimento?! Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil**. Museu de Arqueologia e Etnologia-MAE, São Paulo, 2007.

FERREIRA, L. M. **Vestígios de civilização: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da arqueologia imperial (1838-1870)**. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 4, p. 9-36, 1999.

FLORENZANO, M. B. B. **A Arqueologia Clássica e Ciências Humanas**. Anos 90, v. 10, n. 17, p. 13-22, 2003.

FLORENZANO, M. B. B. **Arqueologia Clássica: Uma Trajetória**. 2015. In: GRILLO, J. G. C; FUNARI, P. P. A. Arqueologia Clássica: O Quotidiano de Gregos e Romanos. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências**. Ciência e cultura, v. 65, n. 2, p. 23-25, 2013.

FUNARI, P. P. A. **Teoria e a arqueologia histórica: a América Latina e o mundo**. Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2007.

FUNARI, P. P. A; CARVALHO, A. V. **Universidades, Arqueologia e Paulo Duarte**. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 22, p. 89-96, 2012.

FUNARI, P. P. A; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **Ética, capitalismo e arqueologia pública no Brasil**. História (São Paulo), v. 27, n. 2, p. 13-30, 2008.

FUNARI, P. P. A. **Os historiadores e a cultura material**. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

FUNARI, P. P. A. **Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. Mneme-revista de humanidades, v. 6, n. 13, 2005.

FUNARI, P. P. A. **Como se tornar arqueólogo no Brasil**. Revista Usp, n. 44, p. 74-85, 1999.

FUNARI, P. P. A. **A importância da teoria arqueológica internacional para a arqueologia sul-americana: o caso brasileiro**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 3, p. 213-220, 1999.

GRAY, J. **Voltaire e o iluminismo**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 1999

GARRAFFONI, R. S; FUNARI, P. P. A.; PINTO, R. **O estudo da Antiguidade no Brasil: as contribuições das discussões teóricas recentes**. In: Pedro Paulo Abreu Funari; Richard Hingley; Renata Senna Garraffoni; Renato Pinto. (Org.). O imperialismo romano. 1ed.São Paulo: Annablume, 2010.

GRILLO, J. G. C; FUNARI, P. P. A. **Arqueologia Clássica: O Quotidiano de Gregos e Romanos**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

HASKINS, C. H. **A ascensão das universidades**. Santa Catarina: Livraria Danúbio, 2015.

LANGER, J. **As origens da Arqueologia Clássica**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 9: 95-110, 1999.

LIMA, T. A. **Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991)**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 1, n. 1, p. 225-262, 1993.

LIMA, T. A. **A Arqueologia na Construção da Identidade Nacional**. Canindé, Xingó, nº 9, Junho de 2007.

LIMA, T. A. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.

MARTINS, C. B. **A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil**. Educação & sociedade, v. 30, n. 106, p. 15-35, 2009.

MENESES, U. T. B. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, n. 115, p. 103-117, 1983.

MENESES, U. T. B. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MORHY, L. **Brasil, universidade e educação superior**. In: MORHY, Lauro (Org.). Universidade no mundo: universidade em questão. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. v. 2, p. 25-60.

MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

NASCIMENTO, R. C. de S. **A relíquia do Santo Lenho em Portugal: Narrativas de milagres**. História Revista, v. 19, n. 1, p. 105-120, 2014.

NASCIMENTO, R. C. de S. **As Santas Relíquias: tesouros espirituais e políticos**. Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 6, p. 56-67, 2014.

NUNES, R. da C. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: EPU, 1979.

OGAWA, M. R. A. **A Vida Acadêmica Pode Estar Alinhada à Docência? Um relato da Minha Trajetória como Educadora e Pesquisadora**. In: DIAS, C. K. B; OGAWA, M. R. A; DOS SANTOS, D. F. A Universidade Vai à Escola. A Grécia na Proto-História: o "Período Obscuro" nos Livros Didáticos no Brasil. Porto Alegre: Casalettras, 2019.

PAIM, A. **Por uma universidade no Rio de Janeiro. Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: CNPq, p. 17-96, 1982.

PAULA, M. de F. C. de. **USP e UFRJ: a influência das concepções alemã e francesa em suas fundações**. Tempo social, v. 14, n. 2, p. 147-161, 2002.

PAULA, M. de F. de. **A formação universitária no Brasil: concepções e influências**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 14, n. 1, p. 71-84, 2009.

PEIXOTO, P. V. S. **Testemunhos de "barbárie": tensões, conflitos e representações entre celtas, helenos e latinos.** In: 1º Encontro de História Militar Antiga e Medieval, 2011, Rio de Janeiro. Anais do 1º Encontro de História Militar Antiga e Medieval. Rio de Janeiro: CEPHiMEx, 2011.

PODESTÀ, J. V. de. **Nacionalismo e a Construção de Identidades Nacionais no Conflito Palestino.** 2015.

PIFANO, R. Q. **Humanismo, retórica e pintura colonial.** In: RIBEIRO, M. A.; RIBEIRO, M. I. B. Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. São Paulo, C/Arte, 2007.

REDE, M. **"História e cultura material"** In: CARDOSO, C. F. VAINFAS, R. (orgs.). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 133-150.

SABEH, L. A. **Colonização salvífica: os jesuítas e a Coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580).** Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SALGUEIRO, V. **Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 289-310, 2002.

SARIAN, H. **Mito e imagística nos Vasos Gregos.** Phoênix, Rio de Janeiro, n.º 5, 1999, p. 163-175.

SARIAN, H. **Os caminhos da Arqueologia clássica no Brasil.** [Prólogo]. In: Os caminhos da arqueologia clássica no Brasil, 2015.

SEDA, P. **A Graduação em Arqueologia da UERJ-Um Curso em Construção.** Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 12, n. 2, p. 221-238, 2015.

SIMÕES, M. L. **O surgimento das universidades no mundo e sua importância para o contexto da formação docente.** Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação, v. 22, n. 2, p. 136, 2013.

SOUZA, H. V. L. de. **Colecionismo na Modernidade.** Anpuh – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009. Disponível em: ><http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0656.pdf>< Acesso em: 03 de março de 2020.

SOUZA, H. V. L. de. **Patrimônio Arqueológico e museus: a coleção Balbino de Freitas e o Museu Nacional.** Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TAMANINI, E. **Museu, educação e arqueologia: prospecções entre teoria e prática.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 3, p. 339-345, 1999.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

WAITZ, I. R.; ARANTES, M. P. **Educação Superior no Brasil: um olhar sobre as origens**. Anuário da Produção Acadêmica Docente, vol. 3, n. 5, ano 2009.

WITTER, J. S. **USP/50 anos: registro de um debate**. São Paulo: Reitoria da Universidade de São Paulo: EdUSP, 2006.

APÊNDICE

1. Relação de cursos de Graduação em Arqueologia e a disciplina ‘Arqueologia Clássica’ neles inseridos

UNIVERSIDADES QUE OFERECEM O CURSO DE ARQUEOLOGIA	UNIVERSIDADES QUE OFERECEM A DISCIPLINA DE ARQUEOLOGIA CLÁSSICA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	SIM
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	SIM
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	SIM
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	DISCIPLINA OPTATIVA
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)	NÃO
Universidade Federal de Rio Grande (FURG)	NÃO
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	NÃO
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	NÃO
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)	NÃO
Universidade Federal do Vale do São Francisco, em Piauí (UNIVASF-PI)	NÃO
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	NÃO
Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)	NÃO
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	NÃO
Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)	DISCIPLINA OPTATIVA

***Os dois últimos cursos citados não consistem em graduação em arqueologia plena. O foco é a antropologia, com possibilidade de ênfase em arqueologia.**

07/05/2020

12908



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA

UNIDADE: INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS				
DEPARTAMENTO: DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA				
DISCIPLINA: ARQUEOLOGIA DA ANTIGUIDADE I				
CH TOTAL	ALUNO	PROFESSOR	CRÉDITOS: 4	CÓDIGO: IFCH05-12908
	60	60		
MODALIDADE DE ENSINO: PRESENCIAL			TIPO DE APROVAÇÃO: NOTA E FREQUÊNCIA	

STATUS	CURSO(S) / HABILITAÇÃO(ÕES) / ÊNFASE(S)
OBRIGATÓRIA	IFCH - Arqueologia (versão 1)
ELETIVA UNIVERSAL	

TIPO DE AULA	CRÉDITO	CH SEMANAL	CH TOTAL
TEÓRICA	4	4	60
TOTAL	4	4	60

OBJETIVO(S):

Conhecer a Arqueologia Egípcia e do Crescente Fértil: suas fontes e suas principais pesquisas; historiar arqueologicamente as regiões; entender os aspectos sócio-econômicos e artístico religiosos destas civilizações.

EMENTA:

A Arqueologia do Antigo Egito e do Crescente Fértil, suas teorias, seus métodos e suas fontes arqueológicas e documentais, tendo por base as principais pesquisas arqueológicas realizadas. História dessas regiões, a partir da perspectiva e das temáticas que a Arqueologia propicia, englobando aspectos de cunho social, econômico, político, religioso e artístico.

BIBLIOGRAFIA:

ALDRED, C. O Antigo Egito. Ed. Verbo 2012.
 ARAÚJO, L. Dicionário do Antigo Egito. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
 BRAUDEL, F. Memórias do Mediterrâneo - Pré-história e Antiguidade. RJ, Multinova: 2001
 DAVID R. Religião e Magia no Antigo Egito. RJ, Bertrand/Difel, 2011
 LEIK, G. Mesopotâmia: a invenção da cidade. RJ: Imago, 2003.
 TAVARES, A. Civilizações Pré-Clássicas. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

07/05/2020

12909



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA

UNIDADE: INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS				
DEPARTAMENTO: DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA				
DISCIPLINA: ARQUEOLOGIA DA ANTIGUIDADE II				
CH TOTAL	ALUNO	PROFESSOR	CRÉDITOS: 4	CÓDIGO: IFCH05-12909
	60	60		
MODALIDADE DE ENSINO: PRESENCIAL			TIPO DE APROVAÇÃO: NOTA E FREQUÊNCIA	

STATUS	CURSO(S) / HABILITAÇÃO(ÕES) / ÊNFASE(S)
OBRIGATÓRIA	IFCH - Arqueologia (versão 1)
ELETIVA UNIVERSAL	

TIPO DE AULA	CRÉDITO	CH SEMANAL	CH TOTAL
TEÓRICA	4	4	60
TOTAL	4	4	60

OBJETIVO(S):

Definir o que se conhece como Arqueologia Clássica; conhecer seus métodos e fontes; caracterizar arqueologicamente as Civilizações Grega e Romana; compreender os principais aspectos que envolviam as sociedades grega e romana.

EMENTA:

A Arqueologia Clássica, sua teoria, seus métodos e suas fontes documentais, tendo por base a Antiguidade da Grécia e de Roma, sob o enfoque da cultura material. Pretende-se apresentar aos alunos a História da Grécia Arcaica e Clássica e da Roma Republicana e Imperial, a partir da perspectiva e das temáticas que a Arqueologia propicia, procurando englobar aspectos de cunho social, econômico, político, religioso e artístico.

BIBLIOGRAFIA:

FUNARI, P.P.A. Antigüidade Clássica. A História e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
GIARDINI, O homem romano. Lisboa: Presença, 1992.
SARIAN, H. Mito e Imagística nos vasos gregos. Phoínix, Rio de Janeiro, p.163-175, 1999.
VERNANT, J.P. O Homem Grego. Lisboa: Editorial Presença, 1993, 266 p.
VEYNE, P. O Império Romano. P. Ariès; G. Duby (Orgs.) História da Vida Privada. Do Império Romano ao ano Mil. São Paulo, Companhia das Letras, 1994: 19-224.

1.2 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

minicursos, monitoria, iniciação científica, projetos de extensão e de pesquisa, congressos, seminários, semana acadêmica, oficinas e palestras de educação patrimonial, relacionadas à formação do arqueólogo.

Art. 6º O ementário dos Componentes Curriculares consta do Apêndice A do Projeto Pedagógico do Curso, parte integrante desta Resolução.

Art. 7º As normas para o desenvolvimento do Estágio Supervisionado e do Trabalho de Conclusão do Curso constam, respectivamente, do Apêndice B e do Apêndice C do Projeto Pedagógico do Curso, parte integrante desta Resolução.

Art. 8º O sistema de avaliação a ser aplicado ao Curso encontra-se expresso no item 3.17 do Projeto Pedagógico, parte integrante desta Resolução.

Art. 9º Revogadas as disposições em contrário, esta Resolução ficará publicada no Portal da UEA, em caráter permanente, e entrará em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial do Estado.

SALA DE REUNIÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, em Manaus, 28 de dezembro de 2012.

JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA

Presidente

ANEXO I - RESOLUÇÃO Nº 48/2012-CONSUNIV/UEA

Matriz Curricular Curso de Arqueologia, Bacharelado						
1º SEMESTRE LETIVO						
Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0117	Processo de Hominização	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0118	História da Arqueologia e da Pesquisa Arqueológica	4.4.0	60	0	60	-
CESTU0122	Pré-História Geral	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0119	Arqueologia Clássica	4.4.0	60	0	60	-
CESTU0120	Noções de Ecologia e Meio Ambiente.	4.4.0	60	0	60	-
CESTU0123	Português Instrumental I	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0129	Inglês Instrumental I	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0128	Teorias em Arqueologia I	2.2.0	30	0	30	-
Total do 1º Semestre Letivo		22.22.0	330	0	330	-
2º SEMESTRE LETIVO						
Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0207	História da Arqueologia na Amazônia	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0208	Arqueologia e Pré-História Americana	4.4.0	60	0	60	-
CESTU0209	Arqueologia e Pré-História Brasileira I	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0219	Geologia e Geoarqueologia da Amazônia	4.4.0	60	0	60	-
CESTU0220	Arqueologia Pública e Educação Patrimonial.	4.4.0	60	0	60	-



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

CESTU0240	Políticas Públicas de Preservação do Patrimônio Arqueológico	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0247	Inglês Instrumental II	2.2.0	30	0	30	CESTU0129
CESTU0248	Teorias em Arqueologia II	2.2.0	30	0	30	CESTU0128
Total do 2º Semestre Letivo		22.22.0	330	0	330	-

3º SEMESTRE LETIVO

Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0306	Arqueologia e Pré-História Brasileira II	2.2.0	30	0	30	CESTU0209
CESTU0308	Geomorfologia Básica	3.3.0	45	0	45	-
CESTU0322	Arqueologia da Amazônia I	3.3.0	45	0	45	-
CESTU0309	Arqueologia das Sociedades Complexas	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0316	Pedologia da Amazônia	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0317	Estudos de Cultura Material I – Lítico	3.2.1	30	30	60	-
CESTU0319	Cartografia Aplicada à Arqueologia	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0320	Metodologia Científica - Elaboração de Projeto	1.0.1	0	30	30	-
CESTU0329	Metodologia de Levantamento e Escavação I	1.0.1	0	30	30	-
Total do 3º Semestre Letivo		19.16.3	240	90	330	-

4º SEMESTRE LETIVO

Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0407	Arqueologia da Amazônia II	2.2.0	30	0	30	CESTU0322
CESTU0408	Arqueologia Histórica I	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0409	Arqueologia Subaquática	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0416	Origem e Domesticação de Plantas Cultivadas	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0417	Processo de Formação do Registro Arqueológico I	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0419	Etnologia e Línguas Indígenas no Amazonas	3.3.0	45	0	45	-
CESTU0420	Noções de Topografia Aplicada à Arqueologia	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0423	Metodologia de Levantamento e Escavação II	1.0.1	0	30	30	-
CESTU0429	Gestão do Patrimônio Arqueológico I / Pré-Colonial	3.2.1	30	30	60	-
Total do 4º Semestre Letivo		19.17.2	255	60	315	-

5º SEMESTRE LETIVO

Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0504	Arqueologia da Amazônia III - As Sociedades Amazônicas desde o Século XV ao XVII	2.2.0	30	0	30	CESTU0407
CESTU0505	Geoeecologia das Paisagens Amazônicas	2.1.1	15	30	45	-
CESTU0506	Estudos de Cultura Material II – Cerâmica	3.2.1	30	30	60	-
CESTU0507	Gestão do Patrimônio Arqueológico II	3.2.1	30	30	60	-
CESTU0508	Arqueologia Histórica II	2.2.0	30	0	30	CESTU0408
CESTU0509	Metodologia Científica II - Relatórios e Artigo Científico	3.2.1	30	30	60	-



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

CESTU0516	Estágio Supervisionado I: Pesquisa Arqueológica em Sítio Arqueológico	4.2.2	30	60	90	-
CESTU0526	Museologia	2.2.0	30	0	30	-
Total do 5º Semestre Letivo		21.15.6	225	180	405	-

6º SEMESTRE LETIVO

Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0614	Arqueologia da Amazônia IV - A História da Amazônia entre o Século XVIII ao XXI)	2.2.0	30	0	30	CESTU0504
CESTU0615	Estudos da Cultura Mat. III - Arte Pré-Histórica e Arte Rupestre na Amazônia	3.2.1	30	30	60	-
CESTU0616	Etnoarqueologia	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0623	Arqueologia e Turismo	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0618	Processo de Formação do Registro Arqueológico II - Técnicas de Registro em Arte Rupestre	2.1.1	15	30	45	-
CESTU0619	Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento aplicado à Arqueologia	3.2.1	30	30	60	-
CESTU0620	Estágio Supervisionado II: Pesquisa Arqueológica em Sítio Arqueológico	5.2.3	30	90	120	-
Total do 6º Semestre Letivo		19.13.6	195	180	375	-

7º SEMESTRE LETIVO

Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0700	Arqueometria	1.0.1	0	30	30	-
CESTU0701	Arqueologia Forense, Ética e Direito Arqueológico	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0702	Processo de Formação de Registro Arqueológico III	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0703	Bioarqueologia	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0704	Arqueobotânica: Teoria e Método	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0705	Metodologia Científica III - Orientação de Projeto de Pesquisa /TCC	3.2.1	30	30	60	-
CESTU0706	Estágio Supervisionado III: Pesquisa Arqueológica em Sítio Arqueológico	4.2.2	30	60	90	-
CESTU 0707	Arqueologia Consultiva, Licenciamento Ambiental e Medidas Mitigadoras e Compensatórias	2.2.0	30	0	30	-
Total do 7º Semestre Letivo		18.14.4	210	120	330	-

8º SEMESTRE LETIVO

Sigla	Componente Curricular	CR	CHT	CHP	THC	PR
CESTU0801	Trabalho de Conclusão de Curso - Acompanhamento na Elaboração do TCC	2.0.2	0	60	60	-
CESTU0800	Gestão do Patrimônio Arqueológico III - Conservação e Restauro	2.2.0	30	0	30	-
CESTU0802	Estágio Supervisionado IV: Pesquisa Arqueológica em Sítio Arqueológico	5.2.3	30	90	120	-
CESTU0803	Curadoria de Acervos Arqueológicos (Restauro de Artefatos e Montagem de Exposição)	3.2.1	30	30	60	-
CESTU0010	Optativa I	2.2.0	30	0	30	-



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

CESTU0011	Optativa II	2.2.0	30	0	30	
Total do 8º Semestre Letivo		16.10.6	150	180	330	
Total da Matriz Curricular inerente aos oito Semestres Letivos		156.129.27	1.935	810	2.745	
Atividades Complementares		0	0	0	200	-
Total da Composição Curricular incluindo as Atividades Complementares		156.129.27	-	-	2.945	

**Quadros 1 – Resumo de Integralização Curricular
Curso de Arqueologia, Bacharelado**

Semestres Letivos	Nº Créditos	CHT	CHP	THC
1º Semestre Letivo	22.22.0	330	0	330
2º Semestre Letivo	22.22.0	330	0	330
3º Semestre Letivo	19.16.3	240	90	330
4º Semestre Letivo	19.17.2	255	60	315
5º Semestre Letivo	21.15.6	225	180	405
6º Semestre Letivo	19.13.6	195	180	375
7º Semestre Letivo	18.14.4	210	120	330
8º Semestre Letivo	16.10.6	150	180	330
Total da Matriz Curricular	156.129.27	1.935	810	2.745
Atividades complementares	0	0	0	200
Total da Composição Curricular dos Oito Semestres Letivos	156.129.27	1.935	810	2.945

LEGENDA

No Registro dos Créditos, (coluna CR), lendo-se da esquerda para a direita o primeiro numeral representa o total de créditos da disciplina, o segundo, os créditos teóricos e o terceiro, créditos práticos. Um crédito teórico equivale a 15 horas e um crédito prático equivale a 30 horas ou de estágio.

CR =Créditos

THC=Total de Horas Componente Curricular

CHT = Carga Horária Teórica

PR = Pré-requisito

CHP = Carga Horária Prática

CHES = Carga Horária de Estágio Supervisionado

Publicada no DOE em 15 de janeiro de 2013, publicações diversas, páginas 1 e 2.

1.3 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Matriz Curricular

A estrutura do currículo do Bacharelado em Arqueologia foi pensada a partir dos núcleos de formação específica, formação complementar e/ou formação livre, distribuídas desse modo delineado:

Perfazendo de atividades discentes, 56 disciplinas com um total de 3.360 horas, 3 disciplinas de estágio com carga horária total de 200 horas, distribuídas em 236 créditos mínimos, (percentuais arredondados):

Formação Específica 4080hs = 74%, formação Específica Optativa e/ou formação Complementar 560hs = 13%, formação Livre 200 = 13%. Sendo a soma da formação específica e optativa com a livre tem - **4080+560+200= 4840** = 100%.

Núcleo de Disciplinas de Formação Específica em Arqueologia

1º Semestre:

Introdução da Arqueologia = 60 hs

Introdução Antropologia = 60 hs

Pré-História Geral = 60 hs

Sociologia = 60 hs

Linguística = 60 hs

Metodologia da Pesquisa Quantitativa = 60 hs

Arqueologia e Gestão de Território = 60 hs

2º Semestre

Teoria da Arqueológica I = 60 hs

Teoria Antropológica = 60 hs

Pré-História do Brasil = 60 hs

História da Arte e Registro Rupestre= 60 hs

Paleontologia = 60 hs

Direito Aplicado a Arqueologia = 60 hs

Administração de Gestão de Projetos Arqueológicos = 60 hs

Estatística = 60hs

3º Semestre

Teoria Arqueológica II = 60 hs

Pré-História do Nordeste = 60 hs

Cartografia, Topografia, Geoprocessamento = 60 hs
Mitologia e Ritual = 60 hs
Comportamento Simbólico do Homem Pré-Histórico = 60 hs
Arqueologia Histórica I = 60 hs
Palinologia, Sedimentologia e Estratigrafia = 60 hs
Ecologia Humana = 60hs
Estágio I = 80 hs

4º Semestre

Tecnologia Lítica Pré-Histórica = 60 hs
Tecnologia Cerâmica Pré-Histórica = 60 hs
Contexto Arqueológico e a Interpretação dos Vestígios = 60 hs
Metodologia da Pesquisa Arqueológica = 60 hs
Arqueologia Histórica II = 60 hs
Geologia e Geomorfologia = 60 hs
Antropologia Física = 60 hs
Gestão Socioambiental = 60 hs
Estágio II = 80 hs

5º Semestre

Arqueologia do Oriente Próximo = 60 hs
Arqueologia Africana = 60 hs
Arqueologia Asiática = 60 hs
Arqueologia Clássica = 60 hs
Arqueologia Latino Americana = 60 hs
Botânica e Etno-Botânica= 60 hs
Gestão do Patrimônio Arqueológico= 60 hs
Direito Natural e Patrimonial = 60 hs
Estágio III = 80 hs

6º Semestre

Pratica de Campo I = 60 hs
Pratica de Laboratório I = 60 hs
Etnoarqueologia = 60 hs

Patrimônio Cultural = 60 hs
Musealização da Arqueologia = 60 hs
Arqueologia Americana = 60 hs
Arqueogenética = 60 hs
Seminário de Arqueologia I = 60 hs
Estágio IV = = 80 hs

7º Semestre

Prática de Campo II = 60 hs
Prática de Laboratório II = 60 hs
Zooarqueologia = 60 hs
Arqueologia do Quaternário = 60 hs
Métodos e Técnicas de Elaboração de Relatório de Pesquisa = 60 hs
Ética na Profissão = 60hs
Seminário de Arqueologia II = 60 hs
Estágio V = = 80 hs

8º Semestre

Leituras Etnográficas = 60 hs
Educação Patrimonial = 60 hs
Arqueologia de Contrato = 60 hs
Relatório Técnico, Parecer e Perícia Profissionais = 60 hs
Trabalho de Conclusão de Curso = 60 hs
Estágio VI = 80hs

Núcleo de Disciplinas de Formação Optativas em Arqueologia

Arte Egípcia = 40 hs
A cidade e Estado Grega = 40 hs
Desenho de peças arqueológicas = 40 hs
Roma e sua historicidade = 40 hs
Arqueologia Industrial = 40 hs
Arqueologia e Arquitetura = 40 hs
Arqueologia Pública = 40 hs
Restauração cerâmica = 40 hs

Registro Gráfico Nordestino = 40 hs

Sambaquis e sua contextualização = 40 hs

Índios e sua trajetória de 500 anos = 40hs

Quilombos e suas trajetórias = 40 hs

Arte, plumagem e cestarias indígenas = 40 hs

Métodos e técnicas em fotografia e filmagem = 40 hs

1.4 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

07/05/2020

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas



Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão, 07 de Maio de 2020

**ENTRAR NO SISTEMA****ESTRUTURA CURRICULAR**

Visualizar detalhes do componente Visualizar Programa

DADOS DO CURRÍCULO**Código:** 02**Matriz Curricular:** ARQUEOLOGIA - Laranjeiras - Presencial - Vespertino - Bacharelado**Período Letivo de Entrada em Vigor -****Carga Horária:** Total/Mínima 2610, Optativas Mínima 480**Prazos em Períodos Letivo:** Mínimo 6, Médio 8, Máximo 12**Créditos por Período Letivo:** Mínimo 18, Médio 20, Máximo 30**1º Período**

Estrutura Curricular	Natureza
606112 - ARQU0034 - GEOLOGIA E PALEOCLIMA DO QUARTENÁRIO - 60h	Obrigatória
606120 - ARQU0038 - ANTROPOLOGIA CULTURAL - 60h	Obrigatória
606122 - ARQU0040 - FUNDAMENTOS DE ARQUEOLOGIA - 60h	Obrigatória
606145 - ARQU0055 - METODOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA À ARQUEOLOGIA - 60h	Obrigatória
606164 - ARQU0073 - GESTAO E PRESERVACAO DO PATRIMONIO CULTURAL - 60h	Obrigatória

CH Total: 300h.**2º Período**

Estrutura Curricular	Natureza
606111 - ARQU0033 - GEOARQUEOLOGIA - 60h	Obrigatória
606132 - ARQU0045 - ANTROPOLOGIA BIOLOGICA I - 60h	Obrigatória
606135 - ARQU0048 - ZOOARQUEOLOGIA I - 60h	Obrigatória
606146 - ARQU0056 - TEORIAS DA ARQUEOLOGIA I - 60h	Obrigatória
606175 - ARQU0084 - CACADORES-COLETORES - 60h	Obrigatória

CH Total: 300h.**3º Período**

Estrutura Curricular	Natureza
606121 - ARQU0039 - ETNOGRAFIA BRASILEIRA - 60h	Obrigatória
606123 - ARQU0041 - PRE-HISTORIA BRASILEIRA I - 60h	Obrigatória
606147 - ARQU0057 - TEORIAS DA ARQUEOLOGIA II - 60h	Obrigatória
606156 - ARQU0065 - ARQUEOLOGIA HISTORICA I - 60h	Obrigatória
606170 - ARQU0079 - AGRICULTORES-CERAMISTAS - 60h	Obrigatória

CH Total: 300h.**4º Período**

Estrutura Curricular	Natureza
606161 - ARQU0070 - ESTUDO DE MATERIAIS HISTORICOS I - 60h	Obrigatória
606167 - ARQU0076 - PATRIMONIO ARQUITETONICO BRASILEIRO I - 60h	Obrigatória
606171 - ARQU0080 - ANALISE DE MATERIAL CERAMICO I - 60h	Obrigatória
606173 - ARQU0082 - ANALISE DE MATERIAL LITICO I - 60h	Obrigatória
606176 - ARQU0085 - REGISTROS RUPESTRES I - 60h	Obrigatória

CH Total: 300h.**5º Período**

Estrutura Curricular	Natureza
606124 - ARQU0042 - PRE-HISTORIA BRASILEIRA II - 60h	Obrigatória
606143 - ARQU0053 - PRATICA DE CAMPO I - 90h	Obrigatória
606151 - ARQU0061 - ARQUEOLOGIA DE AMBIENTES AQUATICOS I - 60h	Obrigatória

CH Total: 210h.**6º Período**

Estrutura Curricular	Natureza
606144 - ARQU0054 - PRATICA DE CAMPO II - 120h	Obrigatória
606169 - ARQU0078 - PRE-HISTORIA AMERICANA - 60h	Obrigatória
606178 - ARQU0087 - SITIOS PRE-HISTORICOS LITORANEOS - 60h	Obrigatória

07/05/2020

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

Estrutura Curricular		Natureza
CH Total: 240h.		
7º Período		
Estrutura Curricular		Natureza
606114 - ARQU0036 - TOPICOS ESPECIAIS EM ARQUEOLOGIA I - 30h		Obrigatória
606130 - ARQU0043 - ARQUEOBOTANICA - 60h		Obrigatória
606148 - ARQU0058 - TRABALHO DE CONCLUSAO DE CURSO I - 60h		Obrigatória
CH Total: 150h.		
8º Período		
Estrutura Curricular		Natureza
606000 - ARQU0001 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES EM ARQUEOLOGIA - 210h		Obrigatória
606149 - ARQU0059 - TRABALHO DE CONCLUSAO DE CURSO II - 120h		Obrigatória
CH Total: 330h.		
Formação Complementar		
Estrutura Curricular		Natureza
606110 - ARQU0032 - CARTOGRAFIA APLICADA À ARQUEOLOGIA - 60h		Optativa
606113 - ARQU0035 - INTRODUCAO A ARQUEOMETRIA - 60h		Optativa
606115 - ARQU0037 - TOPICOS ESPECIAIS EM ARQUEOLOGIA II - 30h		Optativa
606131 - ARQU0044 - ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA FORENSE - 60h		Optativa
606133 - ARQU0046 - ANTROPOLOGIA BIOLOGICA II - 60h		Optativa
606134 - ARQU0047 - PALEOPATOLOGIA HUMANA E ANIMAL - 60h		Optativa
606136 - ARQU0049 - ZOOARQUEOLOGIA II - 60h		Optativa
606140 - ARQU0050 - ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL - 30h		Optativa
606141 - ARQU0051 - ARQUEOLOGIA NA FICCAO - 60h		Optativa
606142 - ARQU0052 - DESENHO EM ARQUEOLOGIA - 60h		Optativa
606150 - ARQU0060 - ARQUEOLOGIA CLÁSSICA - 60h		Optativa
606152 - ARQU0062 - ARQUEOLOGIA DE AMBIENTES AQUATICOS II - 60h		Optativa
606153 - ARQU0063 - ARQUEOLOGIA EGIPCIA - 60h		Optativa
606154 - ARQU0064 - ARQUEOLOGIA URBANA - 60h		Optativa
606157 - ARQU0066 - ARQUEOLOGIA HISTORICA II - 60h		Optativa
606158 - ARQU0067 - ARQUEOLOGIA HISTORICA BRASILEIRA - 60h		Optativa
606159 - ARQU0068 - ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL - 60h		Optativa
606160 - ARQU0069 - CULTURAS PRE-HISPANICAS NA AMERICA LATINA - 60h		Optativa
606162 - ARQU0071 - ESTUDOS DE MATERIAIS HISTORICOS II - 60h		Optativa
606163 - ARQU0072 - INFORMATICA APLICADA A ARQUEOLOGIA - 60h		Optativa
606165 - ARQU0074 - HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO IBÉRICA - 60h		Optativa
606166 - ARQU0075 - MUSEALIZACAO DO PATRIMONIO ARQUEOLOGICO - 60h		Optativa
606168 - ARQU0077 - PATRIMONIO ARQUITETONICO BRASILEIRO II - 60h		Optativa
606172 - ARQU0081 - ANALISE DE MATERIAL CERAMICO II - 60h		Optativa
606174 - ARQU0083 - ANALISE DE MATERIAL LITICO II - 60h		Optativa
606177 - ARQU0086 - REGISTROS RUPESTRES II - 60h		Optativa
ARQU0088 - ATIVIDADE DE EXTENSÃO INTEGRADORA DE FORMAÇÃO I – SEMAC - 15h		Optativa
ARQU0089 - UFS-COMUNIDADE - 30h		Optativa
ARQU0090 - UFS - COMUNIDADE - 60h		Optativa
603090 - DANCA0140 - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - 60h		Optativa
603106 - DANCA0153 - PORTUGUÊS INSTRUMENTAL I - 60h		Optativa
CH Total: 1725h.		

Voltar

1.5 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
SISTEMA DE GESTÃO ACADÊMICA
MATRIZ CURRICULAR - Vigência a partir de : 2014/1 - Turno : NOTURNO

Página 1 de 2

Curso : 64 - ARQUEOLOGIA
Tipo Curso : GRADUAÇÃO PRESENCIAL
Grau: BACHAREL(A)

Per	Código	Nome	Créditos						CH	Requisitos	
			TOT	PRE	EST	LAB	PRA	ORI		Pré-req.	Co-req.
1	FIT1810	TEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS APLICADAS	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1000	INTRODUÇÃO À PRÁTICA DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA	4	3	0	0	1	0	60		
	IPA1005	GEOPROCESSAMENTO APLICADO À ARQUEOLOGIA	4	2	0	2	0	0	60		
	IPA1301	PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA I	4	4	0	0	0	0	60		
	LET4101	LÍNGUA PORTUGUESA I	4	3	0	0	1	0	60		
	MAF2400	INTRODUÇÃO A ESTATÍSTICA	4	4	0	0	0	0	60		
		Carga Horária: 360 Créditos: 24									
2	HGS4121	HISTÓRIA DE GOIÁS	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1003	ETNOARQUEOLOGIA	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1040	ANTROPOLOGIA CULTURAL	4	3	0	1	0	0	60		
	IPA1180	MUSEOLOGIA	4	3	0	1	0	0	60		
	IPA1210	ARQUEOLOGIA PÚBLICA	4	3	0	1	0	0	60		
	IPA1302	PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA II	4	4	0	0	0	0	60		
		Carga Horária: 360 Créditos: 24									
3	BIO1850	GEOLOGIA DO QUATERNÁRIO	4	3	0	1	0	0	60		
	HGS1150	HISTÓRIA GERAL DO BRASIL	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1006	PRÉ-HISTÓRIA GERAL	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1060	SOCIEDADES INDÍGENAS	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1130	PRÉ-HISTÓRIA AMERICANA	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1140	GEOARQUEOLOGIA	4	3	0	1	0	0	60		
		Carga Horária: 360 Créditos: 24									
4	CBB1550	ANATOMIA HUMANA	4	2	0	2	0	0	60		
	FIT4200	TÓPICOS DE FILOSOFIA	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1007	TEORIAS DA ARQUEOLOGIA I	4	4	0	0	0	0	60		
	IPA1170	DOC. AUDIOVISUAL APLICADA À ARQUEOLOGIA	4	3	0	1	0	0	60		
	IPA1560	ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM OPTATIVA	4	3	0	1	0	0	60		
			Carga Horária: 360 Créditos: 24								
5	IPA1008	TEORIAS DA ARQUEOLOGIA II	4	4	0	0	0	0	60	IPA1007	
	IPA1101	PRÁTICA DE CAMPO I	4	2	0	2	0	0	60	IPA1140	
	IPA1111	TECNOLOGIA LÍTICA I	4	2	0	2	0	0	60	IPA1140	
	IPA1190	ZOOARQUEOLOGIA	4	2	0	2	0	0	60	IPA1006	
	IPA1201	TECNOLOGIA CERÂMICA I	4	2	0	2	0	0	60	IPA1302	
	IPA1211	ARQUEOLOGIA HISTÓRICA I	4	3	0	1	0	0	60	HGS1150	HGS4121
		Carga Horária: 360 Créditos: 24									
6	FIT1370	MET. DO ESTUDO E DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA	4	3	0	1	0	0	60		
	IPA1080	PRÁTICA DE LABORATÓRIO EM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA	4	2	0	2	0	0	60	IPA1211	
	IPA1102	PRÁTICA DE CAMPO II	4	2	0	2	0	0	60	IPA1101	
	IPA1112	TECNOLOGIA LÍTICA II	4	2	0	2	0	0	60	IPA1111	
	IPA1202	TECNOLOGIA CERÂMICA II	4	2	0	2	0	0	60	IPA1201	
	IPA1230	ANÁLISE ESPACIAL	4	3	0	1	0	0	60	IPA1008	
		Carga Horária: 360 Créditos: 24									
7	IPA1014	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	4	4	0	0	0	0	60	FIT1370	
										IPA1008	
	IPA1022	ARQUEOLOGIA HISTÓRICA II	4	4	0	0	0	0	60	IPA1102	
	IPA1070	ARQUEOLOGIA DO SIMBÓLICO	4	4	0	0	0	0	60	IPA1080	
	IPA1103	PRÁTICA DE CAMPO III	4	2	0	2	0	0	60	IPA1211	
	IPA1150	ARQUEOLOGIA TEÓRICA	4	4	0	0	0	0	60	IPA1008	IPA1102
IPA1160	ARQUEOLOGIA DE CONTRATO	4	4	0	0	0	0	60	IPA1008		
		Carga Horária: 360 Créditos: 24									

TOTAL DE CRÉDITOS PARA INTEGRALIZAÇÃO - BACHAREL(A) : 168

ATIVIDADES COMPLEMENTARES CH = 120 - Integraliza



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
SISTEMA DE GESTÃO ACADÊMICA
MATRIZ CURRICULAR - Vigência a partir de : 2014/1 - Turno : NOTURNO

Página 2 de 2

Curso : 64 - ARQUEOLOGIA
 Tipo Curso : GRADUAÇÃO PRESENCIAL
 Grau: BACHAREL(A)

Código	Disciplinas	Créditos	CH	Pre Req	Co Req
DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS					
BIO1850	GEOLOGIA DO QUATERNÁRIO	4	60		
CBB1550	ANATOMIA HUMANA	4	60		
FIT1370	MET. DO ESTUDO E DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA	4	60		
FIT1810	TEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS APLICADAS	4	60		
FIT4200	TÓPICOS DE FILOSOFIA	4	60		
HGS1150	HISTÓRIA GERAL DO BRASIL	4	60		
HGS4121	HISTÓRIA DE GOIÁS	4	60		
IPA1000	INTRODUÇÃO À PRÁTICA DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA	4	60		
IPA1003	ETNOARQUEOLOGIA	4	60		
IPA1005	GEOPROCESSAMENTO APLICADO À ARQUEOLOGIA	4	60		
IPA1006	PRÉ-HISTÓRIA GERAL	4	60		
IPA1007	TEORIAS DA ARQUEOLOGIA I	4	60		
IPA1008	TEORIAS DA ARQUEOLOGIA II	4	60	IPA1007	
IPA1014	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	4	60	FIT1370	
				IPA1102	
				IPA1008	
IPA1022	ARQUEOLOGIA HISTÓRICA II	4	60	IPA1080	
				IPA1211	
IPA1040	ANTROPOLOGIA CULTURAL	4	60		
IPA1060	SOCIEDADES INDÍGENAS	4	60		
IPA1070	ARQUEOLOGIA DO SIMBÓLICO	4	60	IPA1008	
IPA1080	PRÁTICA DE LABORATÓRIO EM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA	4	60	IPA1211	
IPA1101	PRÁTICA DE CAMPO I	4	60	IPA1140	
IPA1102	PRÁTICA DE CAMPO II	4	60	IPA1101	
IPA1103	PRÁTICA DE CAMPO III	4	60	IPA1102	
IPA1111	TECNOLOGIA LÍTICA I	4	60	IPA1140	
IPA1112	TECNOLOGIA LÍTICA II	4	60	IPA1111	
IPA1130	PRÉ-HISTÓRIA AMERICANA	4	60		
IPA1140	GEOARQUEOLOGIA	4	60		
IPA1150	ARQUEOLOGIA TEÓRICA	4	60	IPA1008	
IPA1160	ARQUEOLOGIA DE CONTRATO	4	60		
IPA1170	DOC. AUDIOVISUAL APLICADA À ARQUEOLOGIA	4	60		
IPA1180	MUSEOLOGIA	4	60		
IPA1190	ZOOARQUEOLOGIA	4	60	IPA1006	
IPA1201	TECNOLOGIA CERÂMICA I	4	60	IPA1302	
IPA1202	TECNOLOGIA CERÂMICA II	4	60	IPA1201	
IPA1210	ARQUEOLOGIA PÚBLICA	4	60		
IPA1211	ARQUEOLOGIA HISTÓRICA I	4	60	HGS1150	
				HGS4121	
				IPA1008	
IPA1230	ANÁLISE ESPACIAL	4	60		
IPA1301	PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA I	4	60		
IPA1302	PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA II	4	60		
IPA1560	ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM	4	60		
LET4101	LÍNGUA PORTUGUESA I	4	60		
MAF2400	INTRODUÇÃO A ESTATÍSTICA	4	60		
DISCIPLINAS OPTATIVAS					
ARQ1057	COMPUTAÇÃO GRÁFICA	4	60		
IPA1013	ESTUDOS EM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA	4	60		
IPA1017	PROJ. PARTIC. DE DIV. DO PATR. ARQUEOLÓGICO	4	60		
IPA1024	GEOARQUEOLOGIA: NOVAS PERSPECTIVA	4	60		
IPA1460	GESTÃO TURÍSTICA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO	4	60		
IPA1470	ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL	4	60		
IPA1480	TEORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL	4	60		
IPA1490	PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO	4	60		
IPA1540	ARQUEOLOGIA DO ORIENTE PRÓXIMO	4	60		
LET1088	LIBRAS INSTRUMENTAL	4	60		

1.6 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG)

07/05/2020

https://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/publico/bin/cursos/tela_qls_visual.php?cd_curso=098*535**Curso: Arqueologia****Quadro de Sequência Lógica (QSL): 098111**

🕒 Carga Horária

📌 Detalhes

☰ Legenda

Período 1 CHT = 306 a	Período 2 CHT = 342 a	Período 3 CHT = 378 a	Período 4 CHT = 360 a	Período 5 CHT = 522 a	Período 6 CHT = 558 a	Período 7 CHT = 288 a	Período 8 CHT = 54 a
09506 Int. à Sociologia Semestral 3/54a = 45h	01046 Topografia I Semestral 4/72a = 60h	05128 Sist. de Inf. Geogr. Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	10289 Etnohistória Semestral 3/54a = 45h	10288 Etnologia Indígena Semestral 3/54a = 45h	10295 Etnoarqueologia Semestral 3/54a = 45h	10312 Soc. Pré-Col. Regio. Semestral 3/54a = 45h	10467 T. C. C. III Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)
10285 Int. Est. Cul. Mat. Semestral 3/54a = 45h	05195 Geo. Bas. Arqueolog. Semestral 3/54a = 45h	10294 Fun. Est. Arqueol. Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10293 Soc. Pré-Col. Am. I Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10291 His. Cul. Afro-Bras. Semestral 3/54a = 45h	10301 Tecnologias Cerâmicas Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	10323 Tóp Esp. Arq. Capit. Semestral 3/54a = 45h	
10286 Arq. Mundo Antigo Semestral 2/36a = 30h	10292 Arqueologia Pública Semestral 2/36a = 30h	10304 Teorias Arqueol. I Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10305 Teorias Arqueol. II Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10298 Téc. Doc. Arqueol. Semestral 2/36a = 30h Pré-requisito(s)	10303 Tec. Lou. Vid. Met. Semestral 4/72a = 60h	10361 Estágio de Laborat. Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	
10297 His. Pen. Arqueol. Semestral 3/54a = 45h	10464 Soc. Paleo. Neol. Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10313 Met. Pes. Arq. I Semestral 4/72a = 60h	10307 Arqueol. Capit. I Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10299 Soc. Pré-Col. Am. II Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10309 Arqueol. Capit. III Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10363 T. C. C. II Semestral 6/108a = 90h Pré-requisito(s)	
10311 Int. Arqueologia Semestral 3/54a = 45h	10465 Antropologia I Semestral 4/72a = 60h	10466 Antropologia II Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10314 Met. Pes. Arq. II Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	10302 Tecnologias Líticas Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	10310 Soc. Pré-Col. Bras. Semestral 3/54a = 45h	10474 Top. Esp. His. Bras. Semestral 3/54a = 45h	
10463 Proc. Hominização Semestral 3/54a = 45h	12041 Bioarqueologia Semestral 3/54a = 45h	15167 Fund. Arqueobotânica Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	15168 Fund. Zooarqueologia Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	10306 Teorias Arqueol. III Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10316 Edu. Pat. Arqueolog. Semestral 2/36a = 30h	10475 Arq. Etn. Patagônia Semestral 3/54a = 45h	
06071 L. Francesa Inst. II Semestral 3/54a = 45h	06387 Ing. Instr. Leitura Semestral 3/54a = 45h	06386 LIBRAS Anual 4/144a = 120h		10308 Arqueol. Capit. II Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10318 His. Contemporânea Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10485 Sem. Arq. Brasileira Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	
	06497 LIBRAS I Semestral 4/72a = 60h	06365 Linguística I Anual 2/72a = 60h		10315 Met. Pes. Arq. III Semestral 4/72a = 60h Pré-requisito(s)	10360 Estágio de Campo Semestral 6/108a = 90h Pré-requisito(s)		
	10183 His. Ide. Nat. Mod. Semestral 4/72a = 60h	06388 Ing. Ins. Exp. Oral Semestral 3/54a = 45h	05182 Geog. e Gênero Semestral 4/72a = 60h	10468 Modern. e Capital. Semestral 4/72a = 60h	10362 T. C. C. I Semestral 3/54a = 45h		
	10476 Arqueol. de Contrato Semestral 3/54a = 45h	09706 Filosofia da Ciência Semestral 3/54a = 45h	06070 L. Francesa Inst. I Semestral 3/54a = 45h	05196 Ger. Costeiro Integ. Semestral 4/72a = 60h	10300 Esc. Rel. Étnicas Semestral 3/54a = 45h		
	10690 Intr. Ecol. Humana Semestral 4/72a = 60h	10296 Div. Cul. Ide. Bras. Semestral 3/54a = 45h	10481 Antropologia Visual Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10469 Téc. Mét. Pes. Qua. Semestral 3/54a = 45h	10319 História e Fotograf. Semestral 3/54a = 45h		

https://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/publico/bin/cursos/tela_qls_visual.php?cd_curso=098*535

1/2

07/05/2020

https://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/publico/bin/cursos/tela_ql_visual.php?cd_curso=098*535

Período 1 CHT = 306 a	Período 2 CHT = 342 a	Período 3 CHT = 378 a	Período 4 CHT = 360 a	Período 5 CHT = 522 a	Período 6 CHT = 558 a	Período 7 CHT = 288 a	Período 8 CHT = 54 a
		10477 Pes. Cam. Ciê. Soc. Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10482 Arqueologia Urbana Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	10470 Arqueologia da Morte Semestral 3/54a = 45h	10322 Tó. Es. Ar. So. Pr-C Semestral 3/54a = 45h		
		10478 Form. Soci. Bras. Semestral 3/54a = 45h	10483 Arqueologia Medieval Semestral 3/54a = 45h	10775 Intr. Antr. Bio. Semestral 4/72a = 60h	10471 Soc. Amb. Ter. Semestral 3/54a = 45h		
		10479 Reg. Plat. Colonial Semestral 3/54a = 45h	10484 Arq. Col. Reg. Pla. Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)	15169 Tó. Es. Bi. Ap. Arq. Semestral 3/54a = 45h	10472 Arqueologia Amazôn. Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)		
		10480 Arqueol. Paisagem Semestral 3/54a = 45h Pré-requisito(s)			10473 Surg. Soci. Compl. Semestral 3/54a = 45h		
		10691 Intr. Est. Mét. Qua. Semestral 4/72a = 60h			10774 Processos Evolutivos Semestral 4/72a = 60h		

1.7 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	DATA: 29/11/2013
	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS	
	Curso: ARQUEOLOGIA	
	Perfil: 104.2-1	
Relatório Perfil Curricular		

PERÍODO: 1º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0033- ARQUEOLOGIA BRASILEIRA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	PANORAMA COMPLETO DO DESENVOLVIMENTO DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL E AS PRINCIPAIS PESQUISAS NELE DESENVOLVIDAS. DIVISÕES E NOMENCLATURAS CRONOLÓGICAS, TÉCNICAS CULTURAIS DA PRÉ-HISTÓRIA DO BRASIL NO CONTEXTO DA ARQUEOLOGIA SUL-AMERICANA.					
ARQL0011- ARQUEOMÁTICA 1	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	INSTRUMENTOS INFORMATIZADOS NAS ÁREAS DA GESTÃO DO PATRIMÔNIO, DESENHO TÉCNICO, TRATAMENTO DA IMAGEM E ANÁLISES ESTATÍSTICAS. PRINCIPAIS INSTRUMENTOS ATRAVÉS DO APRENDIZADO DAS APLICAÇÕES MAIS USADAS NAS ATIVIDADES ARQUEOLÓGICAS.					
ARQL0004- INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	CONCEITOS BÁSICOS E INTERDISCIPLINARES UTILIZADOS NA ARQUEOLOGIA ENQUANTO ÁREA DE CONHECIMENTO. A INTERFACE BIOLOGIA, CULTURA E METROLOGIA NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA. BREVE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA.					
ARQL0006- INTRODUÇÃO À GEOARQUEOLOGIA	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	CONHECIMENTOS GERAIS DAS GEOCIÊNCIAS E APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS CONCEITOS E INSTRUMENTOS RELACIONADOS À ARQUEOLOGIA. INTRODUZIR O ALUNO NO CONHECIMENTO DOS VÁRIOS AMBIENTES GEOOLÓGICOS.					
ARQL0047- INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ARTE	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: ARQL0026					
ARQL0026- ESTUDOS DAS ARTES PATRIMONIAIS						
EMENTA:	O CONHECIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E SEUS ESTILOS, DESDE AS PINTURAS RUPESTRES ATÉ AS OUSADIAS CONTEMPORÂNEAS, MOSTRANDO E DEBATENDO AS PRINCIPAIS OBRAS E SEUS CRIADORES, E DESTACANDO A ARTE BRASILEIRA DE TODAS AS ÉPOCAS.					
ARQL0048- MATEMÁTICA APLICADA À ARQUEOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	DISCIPLINA DESTINADA A FORNECER CONHECIMENTOS DE MATEMÁTICA BÁSICA E NOÇÕES DE ESTATÍSTICA VISANDO SUA UTILIZAÇÃO NA ARQUEOLOGIA.					
PERÍODO: 2º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0049- ARQUEOLOGIA ETNOHISTÓRIA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DAS FONTES ETNOGRÁFICAS E ETNOHISTÓRICAS NA INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICA.					
ARQL0014- EVOLUÇÃO HUMANA E CULTURA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	HISTÓRIA DO PENSAMENTO EVOLUTIVO, PASSANDO AOS MECANISMOS EVOLUTIVOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO PROCESSO DE EVOLUÇÃO. A EVOLUÇÃO HUMANA COMO UM PROCESSO BIOCULTURAL. O PROCESSO DE EVOLUÇÃO DOS HOMINÍDEOS E A TEORIA EVOLUTIVA ORGÂNICA EM GERAL.					
ARQL0010- INTRODUÇÃO A RESTAURAÇÃO	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	A OBRA MATERIAL APRESENTADA DESDE O MOMENTO DA CRIAÇÃO, SUA TRANSFORMAÇÃO PELA AÇÃO TEMPORAL E A INCIDÊNCIA DEGRADATIVA DA AÇÃO ANTRÓPICA. IDENTIFICAR DIFERENTES ESTADOS DESSA OBRA, DEGRADAÇÃO, MANUTENÇÃO E RESTAURAÇÃO. VISÃO GERAL DOS FENÔMENOS QUE EXIGEM UMA PERSISTENTE INTERVENÇÃO PARA NEUTRALIZAR OS PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO E DESAPARECIMENTO DAS OBRAS. CONCEITOS E FUNDAMENTOS DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO.					
ARQL0008- INTRODUÇÃO AOS MÉTODOS FÍSICO-QUÍMICOS EM ARQUEOLOGIA	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	ESTRUTURA DA MATÉRIA, FUNDAMENTOS DE QUÍMICA GERAL, FUNDAMENTOS DE FÍSICA E ELETROMAGNETISMO, RADIATIVIDADE AMBIENTAL, MÉTODOS FÍSICO-QUÍMICOS USADOS EM AMOSTRAS ARQUEOLÓGICAS E PREPARAÇÃO DAS AMOSTRAS, DATAÇÃO.					

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	DATA: 29/11/2013
	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: ARQUEOLOGIA Perfil: 104.2-1 Relatório Perfil Curricular	

PERÍODO: 2º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0050- LABORATÓRIO I	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ARQL0039						
ARQL0039- LABORATÓRIO DE CAMPO						
EMENTA: DISCIPLINA PRÁTICA E TEÓRICA QUE OFERECE UMA VISÃO GERAL DAS ATIVIDADES ARQUEOLÓGICAS QUE PERMITA O CONHECIMENTO MACRO-ANALÍTICO E INTERDISCIPLINAR DA MATÉRIA. DISCIPLINA QUE FORNECE REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS E TÉCNICAS PARA QUE OS ALUNOS POSSAM CONHECER O TRATAMENTO INICIAL REALIZADO NOS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS EVIDENCIADOS NAS ESCAVAÇÕES DE SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS E HISTÓRICOS.						
ARQL0012- TEORIAS SÓCIO-CULTURAIS	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: CORRENTES TEÓRICAS HISTÓRICAS E ANTROPOLÓGICAS, BIOLÓGICAS E AMBIENTAIS QUE TÊM INFLUENCIADO NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ARQUEOLÓGICO.						

PERÍODO: 3º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0019- ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA I	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: POVOAMENTO PRÉ-HISTÓRICO DO VELHO MUNDO DESDE O PALEOLÍTICO ATÉ O SURGIMENTO DAS CULTURAS URBANAS E DAS SOCIEDADES COMPLEXAS.						
ARQL0005- CONSERVAÇÃO PATRIMONIAL	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: GÊNESE DO CONCEITO DE CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO. AS DIMENSÕES DO PATRIMÔNIO: CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO, OS TIPOS DE PATRIMÔNIO: NATURAL, CULTURAL (MATERIAL E IMATERIAL) E OS ELEMENTOS DA CONSERVAÇÃO: CONHECIMENTO (IDENTIFICAR, CLASSIFICAR E ANALISAR OS OBJETOS CULTURAIS); PROCESSO DE DETERIORO FÍSICO; INTERVENÇÃO (DE CONSERVAÇÃO E DE RESTAURAÇÃO). AS TEÓRIAS A PARTIR DE INTERVENÇÕES DE RESTAURAÇÃO E O ESTUDO DE CARTAS PATRIMONIAIS.						
ARQL0057- LABORATÓRIO II	OBRIG	30	60	90	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: A DISCIPLINA TEM POR OBJETIVO FORNECER AOS ESTUDANTES AS POSSIBILIDADES E LIMITES DO ESTUDO DOS GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS NO BRASIL, ANALISANDO AS TENDÊNCIAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS. ENFOCA OS APORTES DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÕES DA CERÂMICA EVIDENCIADA NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PRÉ-HISTÓRICOS E HISTÓRICOS. REALIZA ATIVIDADES LABORATORIAIS COM EXPERIMENTOS NA CONFECÇÃO DE OBJETOS CERÂMICOS E NA PRÁTICA DA ANÁLISE DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS CERÂMICOS.						
ARQL0017- MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS I	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: INTRODUÇÃO DOS INSTRUMENTOS E OS CONHECIMENTOS OPERACIONAIS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA. A PARTICIPAÇÃO DE DISCIPLINAS PROPEDEÚTICAS DA ARQUEOLOGIA, TAIS COMO: TOPOGRAFIA, CARTOGRAFIA, FOTOGRAFIA, DESENHO TÉCNICO, PROSPECÇÃO E REGISTRO DE SÍTIOS NA REALIZAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO. OS INSTRUMENTOS CONCEITUAIS PARA O TRATAMENTO TÉCNICO MATERIAL OBTIDO NAS ESCAVAÇÕES.						
ARQL0020- MÉTODOS E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO I	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: CONTEÚDOS BÁSICOS DOS PROCEDIMENTOS GERAIS PARA O ESTABELECIMENTO DE DIAGNÓSTICOS, MANUTENÇÃO E RESTAURAÇÃO DOS MATERIAIS DERIVADOS DE TERRA, DE PEDRA, DA TINTA E DO PAPEL.						
ARQL0016- TEORIA ARQUEOLÓGICA I	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: AS IDÉIAS E AS TENDÊNCIAS TEÓRICAS, QUE MARCARAM AS EXPLICAÇÕES EM ARQUEOLOGIA, APRESENTADAS EM TORNO DE DUAS ABORDAGENS, ANTROPOLÓGICA E HISTÓRICA.						

PERÍODO: 4º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0029- ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA II	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: ARQL0019						
ARQL0019- ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA I						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO CONTINENTE AMERICANO, DESDE AS PRIMEIRAS CORRENTES MIGRATÓRIAS ATÉ O SURGIMENTO DAS SOCIEDADES COMPLEXAS, ENFATIZANDO A DIVERSIDADE NO TEMPO E NO ESPAÇO DAS CULTURAS AMERÍNDIAS.						

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: ARQUEOLOGIA Perfil: 104.2-1 Relatório Perfil Curricular	DATA: 29/11/2013
---	---	------------------

PERÍODO: 4º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0058- LABORATÓRIO III	OBRIG	0	60	60	2.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ARQL0041						
ARQL0041- LABORATÓRIO DE LÍTICO						
EMENTA: INTRODUÇÃO À ANÁLISE DO MATERIAL LÍTICO. O OBJETIVO É DE PERMITIR O RECONHECIMENTO DOS VESTÍGIOS DE ORIGEM ANTROPICA, A APRENDIZAGEM DA CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS ARTEFATOS LÍTICOS E UMA FAMILIARIZAÇÃO COM AS NOÇÕES BÁSICAS DO ESTUDO TECNOLÓGICO.						
ARQL0009- METROLOGIA ARQUEOLÓGICA	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PROCEDIMENTOS DE MEDIÇÃO DE DADOS UTILIZADOS EM ARQUEOLOGIA E RESTAURAÇÃO. NOÇÕES BÁSICAS SOBRE DISCIPLINAS TAIS COMO GEODESIA, TOPOGRAFIA, CARTOGRAFIA, SISTEMAS DE INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS.						
ARQL0051- MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS II - ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA	OBRIG	30	90	120	5.0	
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: ARQL0017						
ARQL0017- MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS I						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ANÁLISE DOS DIFERENTES MÉTODOS E TÉCNICAS APLICADAS A SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS. AS ETAPAS DO TRABALHO TÉCNICO DO ARQUEÓLOGO SÃO ANALISADAS DESDE A COLETA DE DADOS E A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA, ATÉ O TRABALHO DE LABORATÓRIO, REGISTRO E INTERPRETAÇÃO ESTRATIGRÁFICA.						
ARQL0025- MÉTODOS E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO II	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DE DIAGNÓSTICO, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DOS BENS CULTURAIS PRODUZIDOS A PARTIR DOS SEDIMENTOS. AS ATIVIDADES ESTÃO ESTREITAMENTE VINCULADAS AO LABORATÓRIO TERRA.						
ARQL0067- TOPOGRAFIA APLICADA À ARQUEOLOGIA	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: DISCIPLINA TEÓRICA E PRÁTICA DESTINADA A FORNECER AOS ALUNOS UMA INTRODUÇÃO À TOPOGRAFIA, ASSIM COMO A UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS PLANIMÉTRICOS E ALTIMÉTRICOS APLICADOS À ARQUEOLOGIA.						
PERÍODO: 5º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0055- ARQUEOLOGIA HISTÓRICA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ARQL0024						
ARQL0024- ARQUEOLOGIA COLONIAL						
EMENTA: DISCIPLINA DESTINADA A FORNECER UM PANORAMA COMPLETO DO DESENVOLVIMENTO DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA MUNDIAL E AS PRINCIPAIS PESQUISAS NELA DESENVOLVIDAS. ENFASE SERÁ DADA À TEORIA E METODOLOGIA E ESTUDOS DE CASO SOBRE TEMAS CONTEMPORÂNEOS.						
ARQL0018- GEOARQUEOLOGIA I	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PRINCÍPIOS DE GEOLOGIA, ESPECIALMENTE DO QUATERNÁRIO PARA INTRODUIR AO ALUNO NO CONHECIMENTO DOS PALEO-AMBIENTES ONDE AS COMUNIDADES HUMANAS GERARAM SUAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DURANTE OS PERÍODOS PLEISTOCÊNIO E HOLOCENO. ABORDAGEM, A PARTIR DA ORIGEM E EVOLUÇÃO DO PLANETA TERRA E SUA PERIODIZAÇÃO GEOLOGICA, DAS GLACIAÇÕES PLEISTOCÊNICAS E SEUS IMPACTOS DIFERENCIADOS. RELAÇÕES ENTRE O QUATERNÁRIO E A APARIÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA. NOÇÕES DE SEDIMENTOLOGIA.						
ARQL0059- LABORATÓRIO IV	OBRIG	0	60	60	2.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ARQL0042						
ARQL0042- LABORATÓRIO DE OSSOS						
EMENTA: APRESENTA OS PRINCIPAIS PROBLEMAS PARA O ESTUDO DOS REMANESCENTES HUMANOS EM ARQUEOLOGIA; ENFATIZA A ANATOMIA DOS OSSOS E DENTES HUMANOS QUANTO ÀS CARACTERÍSTICAS SUPERFICIAIS, PROPICIANDO AO DISCENTE A IDENTIFICAÇÃO DAS UNIDADES ÓSSEAS DO ESQUELETO HUMANOS, SUA LATERALIDADE, TRAÇOS DIMÓRFICOS PARA SEXO, IDADE, ESTATURA, PATOLOGIAS, LESÕES TRAUMÁTICAS E ANOMALIAS, ASPECTOS TAFONÔMICOS E DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAO.						
ARQL0066- TEORIA ARQUEOLÓGICA II - NOVAS ABORDAGENS	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ARQL0031						
ARQL0031- TEORIA ARQUEOLÓGICA II						

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	DATA: 29/11/2013
	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: ARQUEOLOGIA Perfil: 104.2-1	
Relatório Perfil Curricular		

PERÍODO: 5º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
EMENTA: DISCIPLINA DESTINADA A FORNECER UM PANORAMA DAS ATUAIS CORRENTES TEÓRICAS QUE TÊM EMBASADO OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS. TRATA DAS NOVAS CONTRIBUIÇÕES AOS QUADROS EXPLICATIVOS: AS CARACTERÍSTICAS, IDEIAS FUNDAMENTAIS, LIMITES INTERPRETATIVOS, DIVERSIDADE E CONCILIAÇÃO ENTRE AS ABORDAGENS.						
ARQL0007- TEORIA E MÉTODOS DA PESQUISA CIENTÍFICA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: INSTRUMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E CONCEITUAIS QUE PERMITIRÃO CONSTRUIR O OBJETO DE ESTUDO E PESQUISA. CONCEITO DE CIÊNCIA E DE SEUS OBJETIVOS E ANÁLISE DE OUTRAS FORMAS DE CONHECIMENTO. APRESENTAÇÃO DE PROCEDIMENTOS CIENTÍFICOS PARA EXPLICITAÇÕES CIENTÍFICAS. APRESENTAÇÃO DE PROCEDIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE MONOGRAFIAS.						

PERÍODO: 6º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0062- ARQUEOLOGIA PREVENTIVA						
OBRIG	60	0	60	4.0		
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ENFOCA OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO AMEAÇADO PELAS OBRAS GERADORAS DE IMPACTO AMBIENTAL, QUE ENVOLVEM MOVIMENTO DE TERRA E QUE EVIDENCIAM VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS, COBERTOS OU NÃO PELOS SEDIMENTOS. A IDENTIFICAÇÃO, O REGISTRO, A AVALIAÇÃO, OS PROCEDIMENTOS E MEDIDAS MITIGADORAS APLICÁVEIS SÃO OS ASPECTOS PRINCIPAIS DA DISCIPLINA.						
ARQL0061- ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA						
OBRIG	60	0	60	4.0		
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: A ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA DE FORMA SEMELHANTE A QUE É EXECUTADA HOJE, EXISTE NO MUNDO DESDE O FINAL DA DÉCADA DE 60. NO BRASIL, COMEÇOU A DAR OS PRIMEIROS PASSOS NOS ANOS 70 COM OS TRABALHOS REALIZADOS NA BAHIA E EM PERNAMBUCO. O ESTADO DE PERNAMBUCO CONTA COM UM CONSIDERÁVEL PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO SUBAQUÁTICO, TANTO NO MAR QUANTO EM SEUS ESTUÁRIOS, RIOS E LAGOS. A DISCIPLINA EXPÕE ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS BÁSICOS DA ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA EFETUADA EM SÍTIOS DE NAUFRÁGIOS PERNAMBUCANOS.						
ARQL0036- ARQUEOMÁTICA II						
OBRIG	30	30	60	3.0		
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: ARQL0011						
ARQL0011- ARQUEOMÁTICA I						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: SISTEMAS DE PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA APLICADA A DIFERENTES SETORES DA PESQUISA. SISTEMAS DE GEO-REFERENCIAMENTO E A IMPLANTAÇÃO, MANUTENÇÃO E ALIMENTAÇÃO DE BANCO DE DADOS ARQUEOLÓGICOS, DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAMÉTRICA E DE PROCESSAMENTO DA IMAGEM NAS PESQUISAS DE REGISTROS RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICOS. TÉCNICAS DE CARTOGRAFIA E DE DESENHO TÉCNICO DA CERÂMICA, MATERIAL LÍTICO E MATERIAL ÓSSEO.						
ARQL0027- GEOARQUEOLOGIA II						
OBRIG	30	30	60	3.0		
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: ARQL0018						
ARQL0018- GEOARQUEOLOGIA I						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: NOÇÕES BÁSICAS DE EROSION, TRANSPORTE E SEDIMENTAÇÃO PARA A COMPREENSÃO DAS CAMADAS ESTRATIGRÁFICAS EVIDENCIADAS NAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS. INSTRUMENTOS GEOLÓGICOS COMO RECURSOS COMPLEMENTARES AOS TRABALHOS EM ARQUEOLOGIA.						
ARQL0052- MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS III - ARQUEOLOGIA HISTÓRICA						
OBRIG	30	90	120	5.0		
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: ARQL0051						
ARQL0051- MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS II - ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: SERÃO DISCUTIDOS E POSTOS EM PRÁTICA OS MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS APLICADAS A SÍTIOS HISTÓRICOS, DESDE A PREPARAÇÃO DO SÍTIO PARA ESCAVAÇÃO ATÉ O PROCESSAMENTO INICIAL DE DADOS. DESTAQUE PARA REGISTRO ESTRATIGRÁFICO, PLANTAS E IDENTIFICAÇÃO DE MATERIAIS.						

PERÍODO: 7º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0056- ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA						
OBRIG	30	30	60	3.0		
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ABORDAGEM DOS CONCEITOS PRINCIPAIS PARA O ESTUDO DOS REMANESCENTES ÓSSEOS E DENTÁRIOS HUMANOS E NÃO-HUMANOS EM CONTEXTOS FUNERÁRIOS E DE MORTE, VINCULADA AOS PROBLEMAS ARQUEOLÓGICOS CORRELATOS. CONHECIMENTOS BÁSICOS DE OSTEOLOGIA HUMANA APLICADOS À ARQUEOLOGIA: CARACTERÍSTICAS ANATÔMICAS DOS OSSOS, COMPOSIÇÃO E TIPOS, NOÇÕES BÁSICAS SOBRE A OBTENÇÃO DE DADOS DEMOGRÁFICOS: SEXO, IDADE, ESTATURA, ANCESTRALIDADE, PATOLOGIAS, TRAUMAS, ANOMALIAS. INTRODUÇÃO AOS MÉTODOS OSTEOSCÓPICOS E OSTEOMÉTRICOS DE ANÁLISE DOS REMANESCENTES HUMANOS.						
ARQL0064- GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL						
OBRIG	60	0	60	4.0		
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: AS AÇÕES NECESSÁRIAS PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL, COM BASE EM MODELOS DE GESTÃO						

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	DATA: 29/11/2013
	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS	
	Curso: ARQUEOLOGIA	
	Perfil: 104.2-1	
Relatório Perfil Curricular		

PERÍODO: 7º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
UTILIZADOS NO ÂMBITO DO PATRIMÔNIO CULTURAL. NOÇÕES DE TÉCNICAS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DE ESPAÇOS CULTURAIS, GESTÃO DE RECURSOS E MARKETING CULTURAL. ESTUDO SOBRE A PROTEÇÃO E GESTÃO PÚBLICA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, ARQUEOLOGIA PÚBLICA, PREVENTIVA E DE CONTRATO.						
ARQL0060- GRAFISMO RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICOS	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ARQL0023						
ARQL0023- PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES DA PRÉ-HISTÓRIA						
EMENTA: OS REGISTROS MAIS ANTIGOS DA CULTURA IMATERIAL DA HUMANIDADE FICARAM DOCUMENTADOS NAS PINTURAS E GRAVURAS DESCOBERTAS EM GRUTAS, ABRIGOS SOB ROCHA, E NOS AFLORAMENTOS ROCHOSOS AO AR LIVRE, DISPERSAS POR TODO O PLANETA. ESSAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS SÃO OS PRODUTOS DE UMA TÉCNICA DESENVOLVIDA PELOS GRUPOS HUMANOS PRÉ-HISTÓRICOS. ESSA DOCUMENTAÇÃO RUPESTRE É FONTE DE INFORMAÇÕES VALIOSAS PARA A RECONSTITUIÇÃO SOCIAL DE ÉPOCAS PRETERITAS E PERMITE A RECONSTITUIÇÃO DA DIVERSIDADE DE GRUPOS CULTURAIS EM UNIDADES CRONOLÓGICAS DIFERENTES. COMO SE DOCUMENTA, ANÁLISE E QUAIS SÃO OS PROCEDIMENTOS E LIMITES DA INTERPRETAÇÃO SÃO OS ASPECTOS PRINCIPAIS DA DISCIPLINA.						
ARQL0032- MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS IV	OBRIG	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: ARQL0052						
ARQL0052- MÉTODOS E TÉCNICAS ARQUEOLÓGICAS III - ARQUEOLOGIA HISTÓRICA						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: FORNECER CONHECIMENTO SOBRE OS INSTRUMENTOS OPERACIONAIS PARA A REALIZAÇÃO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS OBTIDOS EM CAMPO, REALIZADO EM UM CONTEXTO DE UMA PROBLEMATICA TEÓRICA FORMULADA A PARTIR DE OPÇÕES EXPLICATIVAS.						
ARQL0038- SEMINÁRIO DE PESQUISA	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ANÁLISE DO UNIVERSO TEÓRICO-CONCEITUAL DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA COM ÊNFASE NA SUA PROBLEMATICA EPISTEMOLÓGICA, NOS DEBATES SOBRE A ESPECIFICIDADE DO SEU CAMPO DISCIPLINAR E NAS FORMAS DE CONSTRUÇÃO E EXPOSIÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO.						

PERÍODO: 8º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
ARQL0063- EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DOS CONCEITOS DE PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL E NO MUNDO. IDENTIFICAÇÃO DE METODOLOGIAS E A APLICABILIDADE DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA. CONCEITO DE PATRIMÔNIO E COMPRENSÃO DAS PARTICULARIDADES OU ESPECIFICIDADES DE UM LOCAL, REGIÃO OU SOCIEDADE. CONCEITO DE PATRIMÔNIO DIRETAMENTE RELACIONADO AO CONCEITO DE CIDADANIA, OU SEJA, AO DIREITO QUE AS SOCIEDADES TEM DE SEREM DIFERENTES UMAS DAS OUTRAS.						
ARQL0065- ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	OBRIG	0	300	300	10.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: CONSISTE NO TRABALHO QUE O ESTUDANTE DE ARQUEOLOGIA DEVE EXECUTAR EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS OU PRIVADAS, SOB A ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO DE UM PROFESSOR ORIENTADOR DE ESTÁGIO. O ESTUDANTE PODERÁ EXECUTAR ATIVIDADES DE CAMPO, DE LABORATÓRIO, ASSIM COMO A GESTÃO E PROTEÇÃO DOS BENS ARQUEOLÓGICOS, OBJETIVANDO ADQUIRIR EXPERIÊNCIA E POR EM PRÁTICA OS CONHECIMENTOS TEÓRICOS ADQUIRIDOS NO DECORRER DE SEU CURSO.						
ARQL0037- TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO TCC	OBRIG	0	120	120	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ORIENTAÇÕES PARA A REDAÇÃO DA MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO.						

SEM PERIODIZAÇÃO						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
AG011- ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS PROBLEMAS, CONCEITOS, SÍTIOS E MANIFESTAÇÕES MATERIAIS CENTRAIS NO ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA DIÁSPORA AFRICANA ÀS AMÉRICAS.						
ARQL0076- ARQUEOLOGIA E GÊNERO	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: DISCIPLINA VOLTADA PARA A TEMÁTICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO DA ARQUEOLOGIA A PARTIR DO ESTUDO DE ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E DA ANÁLISE DE ESTUDOS DE CASO.						
ARQL0072- ARQUEOLOGIA E TURISMO	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	DATA: 29/11/2013
	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS	
	Curso: ARQUEOLOGIA	
	Perfil: 104.2-1	
Relatório Perfil Curricular		

SEM PERIODIZAÇÃO						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ANÁLISE DAS POLÍTICAS E METODOLOGIAS DO TURISMO CULTURAL APLICADAS À ARQUEOLOGIA. DISCUTE O TURISMO CULTURAL COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, A ARTICULAÇÃO ENTRE AS INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS PELA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E A ADMINISTRAÇÃO DO TURISMO. ÉTICA E RESPONSABILIDADE NOS PLANEJAMENTOS DE GESTÃO TURÍSTICA EM ÁREAS COM POTENCIAL ARQUEOLÓGICO. DESTACAR OS CONCEITOS TÉCNICOS E TEÓRICOS ESSENCIAIS AO PLANEJAMENTO, GESTÃO E UTILIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO.						
ARQL0082- ARQUEOLOGIA PÚBLICA	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: A DISCIPLINA OFERECE UMA VISÃO PORMENORIZADA DA ARQUEOLOGIA PÚBLICA, E DAS LEGISLAÇÕES DESTINADAS A SALVAGUARDA E CONSERVAÇÃO DOS BENS ARQUEOLÓGICOS.						
AG012- ARQUEOLOGIA PÚBLICA	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ENFOCA OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO AMEAÇADO PELAS OBRAS GERADORAS DE IMPACTO AMBIENTAL, QUE ENVOLVEM MOVIMENTO DE TERRA E QUE EVIDENCIAM VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS, COBERTOS OU NÃO PELOS SEDIMENTOS. A IDENTIFICAÇÃO, O REGISTRO, A AVALIAÇÃO, OS PROCEDIMENTOS E MEDIDAS MITIGADORAS APLICÁVEIS SÃO OS ASPECTOS PRINCIPAIS DA DISCIPLINA.						
ARQL0046- ASPECTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PROPORCIONAR O CONHECIMENTO DOS ÓRGÃOS DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO, NOS TRÊS NÍVEIS DE GOVERNO, E A LEGISLAÇÃO PERTINENTE EXEMPLIFICANDO EM CADA SITUAÇÃO A SUA APLICABILIDADE.						
AG005- CARTA ARQUEOLÓGICA DE NAUFRÁGIOS DE PERNAMBUCO I - SÉCULO XVI	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: A DISCIPLINA ABORDA O INÍCIO DA ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA NO NORDESTE DO BRASIL, APRESENTA ALGUMAS RAZÕES PARA A GRANDE QUANTIDADE DE CASCOS SOCOBRADOS NA COSTA, DESCREVE AS CORRENTES MARÍTIMAS, VENTOS, RELEVO E BATIMETRIA DA PLATAFORMA CONTINENTAL, BEM COMO TRATA SOBRE VINTE E SETE NAUFRÁGIOS OCORRIDOS NO SÉCULO XVI COM INFORMAÇÕES SOBRE O ANO DO SINISTRO, LOCALIZAÇÃO APROXIMADA, CONTEXTO HISTÓRICO, CAUSA DO NAUFRÁGIO E PLOTA ESSES CASCOS NAS CARTAS 22200 E 52 DA DIRETORIA DE HIDROGRAFIA E NAVEGAÇÃO.						
AG009- CULTURAS TÉCNICAS DA PRÉ-HISTÓRIA	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: A DISCIPLINA TEM COMO OBJETIVO APRESENTAR AS PRODUÇÕES MATERIAIS DOS HOMENS DA PRÉ-HISTÓRIA DENTRO DE SEUS CONTEXTOS GEOGRÁFICO E CRONOLÓGICO E ABORDAR, NUMA PERSPECTIVA TECNOLÓGICA, AS PROBLEMATICAS DE POVOAMENTO DO PLANETA E A NOÇÃO DE EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS, O CAMPO ESPACIAL REFERIR-SE-Á A TODOS OS CONTINENTES DA TERRA, O CAMPO TEMPORAL ABRANGERÁ O PERÍODO ENTRE OS PRIMEIROS INDÍCIOS DE ATIVIDADE TÉCNICA, HÁ 2,6 MILHÕES DE ANOS, E O INÍCIO DO HOLOCENO, ANTES DA NEOLITIZAÇÃO E DA GERNEALIZAÇÃO DO USO DA CERÂMICA. NOS BASEAREMOS ENTÃO PRINCIPALMENTE SOBRE AS INDÚSTRIAS LÍTICAS.						
ARQL0074- DESENHO ARQUEOLÓGICO	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: NORMAS PARA O DESENHO TÉCNICO EM ARQUEOLOGIA. INSTRUMENTOS BÁSICOS DO DESENHO PARA A PESQUISA, CONSIDERANDO A SUA DOCUMENTAÇÃO E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.						
ARQL0075- ESTATÍSTICA PARA ARQUEÓLOGOS	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PROPORCIONAR AO ALUNO O CONHECIMENTO TEÓRICO-PRÁTICO AOS TÓPICOS DE PROGRAMAS DE ESTATÍSTICA PARA A UTILIZAÇÃO EM SITUAÇÕES RELACIONADAS AO SEU CAMPO DE PESQUISA.						
ARQL0079- ESTUDOS DIRIGIDOS DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PARTICIPAÇÃO DO ALUNO EM PROGRAMAS INSTITUCIONAIS DE PESQUISA OU EXTENSÃO, APROVADOS PELO COLEGIADO DO CURSO DE ARQUEOLOGIA E ORIENTADO POR UM PROFESSOR.						
ARQL0021- ETNOARQUEOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DA REFLEXÃO ETNOLÓGICA E DA OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA À RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS ARQUEOLÓGICOS. IMPORTANCIA DO CONHECIMENTO DAS SOCIEDADES INDÍGENAS PRETERITAS E CONTEMPORÂNEAS PARA A INTERPRETAÇÃO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DOS PERÍODOS PRÉ-HISTÓRICO E PROTO-HISTÓRICO NO BRASIL.						
AG007- GEOPROCESSAMENTO DE EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	DATA: 29/11/2013
	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS	
	Curso: ARQUEOLOGIA	
	Perfil: 104.2-1	
Relatório Perfil Curricular		

SEM PERIODIZAÇÃO						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ESTA DISCIPLINA VISA APRESENTAR AOS ALUNOS AS TÉCNICAS DE GEOPROCESSAMENTO APLICADAS À PESQUISA ARQUEOLÓGICA. PROPORCIONA TAMBÉM O CONHECIMENTO SOBRE OS PROCESSOS DE COLETA, PROCESSAMENTO DE DADOS E ANÁLISES ESPACIAIS DE VESTÍGIOS, SÍTIOS E ÁREAS ARQUEOLÓGICAS EM DIFERENTES ESCALAS.						
ARQL0013- HISTÓRIA DA TECNOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: AS PRINCIPAIS CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS DA CIÊNCIA, ATRAVÉS DE TÓPICOS SIGNIFICATIVOS (MECÂNICA, CONSTRUÇÃO, BIOLOGIA); O ESTUDO DO PAPEL DA CIÊNCIA E DA TECNOLÓGICO DO PROCESSO HISTÓRICO, DO PROCESSO PELO QUAL SE MOLDARAM AS RELAÇÕES ATUAIS ENTRE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E TÉCNICA E DO PROCESSO DE PRODUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO.						
AG013- HISTÓRIA INDÍGENA	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ESTUDO DA HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL E A RELAÇÃO DAS INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS COM OS DADOS ARQUEOLÓGICOS. ANÁLISE DAS MUDANÇAS DA CULTURA INDÍGENA DESDE O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO.						
ARQL0069- INICIAÇÃO CIENTÍFICA A PESQUISA ARQUEOLÓGICA	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: ANÁLISE DO CONHECIMENTO COMO PRODUTO HISTÓRICO-SOCIAL E DAS QUESTÕES METODOLÓGICAS E INTERPRETAÇÕES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO.						
LE716- INTRODUÇÃO A LIBRAS	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: REFLEXÃO SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS DA INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS NA SOCIEDADE EM GERAL E NA ESCOLA; A LIBRAS COMO LÍNGUA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE COMUNICAÇÃO ENTRE PESSOAS SURDAS E COMO SEGUNDA LÍNGUA. ESTRUTURA LINGÜÍSTICA E GRAMÁTICA DE LIBRAS. ESPECIFICIDADES DA ESCRITA DO ALUNO SURDO; NA PRODUÇÃO DE TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA. O INTÉRPRETE E A INTERPRETAÇÃO COMO FATOR DE INCLUSÃO E ACESSO EDUCACIONAL PARA OS ALUNOS SURDOS OU COM BAIXA AUDIÇÃO.						
ARQL0077- INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA FORENSE	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PRINCÍPIOS E CONCEITOS PARA O ESTUDO DOS REMANESCENTES ÓSSEOS E DENTÁRIOS HUMANOS E NÃO-HUMANOS EM CONTEXTOS CRIMINAIS E DE VIOLÊNCIA NO PRESENTE E NO PASSADO, VINCULADA AOS PROBLEMAS ARQUEOLÓGICOS CORRELATOS. HISTÓRIA E ESTADO DA ARTE DA ARQUEOLOGIA FORENSE. DISTINÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DA ARQUEOLOGIA E DA ANTROPOLOGIA EM MEIO FORENSE.						
ARQL0068- INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA - ASPECTOS BIOANTROPOLÓGICOS	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA PRÁTICAS FUNERÁRIAS, COM ÊNFASE NOS PROBLEMAS BIOANTROPOLÓGICOS. TRATA DA ARQUEOLOGIA BIOLÓGICA E DA OSTEOLOGIA HUMANA; DISCUTE MÉTODOS DE OBTENÇÃO DE DADOS DEMOGRÁFICOS OU MORTUÁRIOS.						
ARQL0070- MÉTODOS E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO DA CERÂMICA	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: CORRESPONDE A ESTA DISCIPLINA O TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DE DIAGNÓSTICO, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO MATERIAL CERÂMICO.						
AG014- MÉTODOS E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO DA PINTURA	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DE DIAGNÓSTICO, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DOS BENS CULTURAIS PRODUZIDOS A PARTIR DAS TINTAS E DAS PINTURAS.						
ARQL0071- MÉTODOS E TÉCNICAS DE RESTAURAÇÃO DE AZULEJOS E VIDROS	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DE DIAGNÓSTICO, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DOS BENS CULTURAIS PRODUZIDOS A PARTIR DO VIDRO E DO AZULEJO.						
AG006- MÉTODOS FÍSICO-QUÍMICOS EM ARQUEOLOGIA I	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: DISCIPLINA DESTINADA A FORNECER UM PANORAMA DAS TÉCNICAS E QUÍMICAS USADAS PARA A CARACTERIZAÇÃO ELEMENTAR E MOLECULAR DE AMOSTRAS ARQUEOLÓGICAS E DO PATRIMÔNIO CULTURAL, ASSIM COMO, ESTUDOS DO TIPO DE ALIMENTAÇÃO E DEMOGRAFIA NO PASSADO E O ESTABELECIMENTO DE CRONOLOGIAS.						

1.8 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

05/07/2019

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

 <p>UNIR Portal do Coordenador</p>	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS
	EMITIDO EM 05/07/2019 10:15

DADOS DA ESTRUTURA CURRICULAR

Código:	20102			
Matriz Curricular:	ARQUEOLOGIA - PORTO VELHO - BACHARELADO - Presencial - I			
Unidade de Vinculação:	NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS (11.33)			
Município de funcionamento:	PORTO VELHO - RO			
Período Letivo de Entrada em Vigor:	2012 . 1			
Carga Horária Mínima:	<i>Obrigatória</i>	<i>Optativas</i>	<i>Complementar</i>	<i>Total</i>
	3120h	0h	0h	3120h
Carga Horária Obrigatória:	3120h Total - (60h Práticas) / (3060h Teóricas)			
Carga Horária Obrigatória de Atividade Acadêmica Específica:	0 hrs			
Carga Horária de Componentes Eletivos:	<i>Máxima</i> (0 horas)			
Carga Horária por Período Letivo:	<i>Mínima</i> (0 horas)			
Prazos em Períodos Letivos:	<i>Mínimo</i> 8 <i>Médio</i> 8 <i>Máximo</i> 12			
Componentes Optativos				
Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza	
CH Total: 0hrs.				
Componentes Complementares				
Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza	
CH Total: 0hrs.				
1º Nível				
Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza	
DAA00734 PRE-HISTÓRIA GERAL - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00839 Matemática - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00840 Introdução a Geologia - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00841 Ecologia da Amazônia - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00846 Português Instrumental - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00847 Filosofia - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
CH Total: 320hrs.				
2º Nível				
Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza	
DAA00689 PRÉ-HISTÓRIA DA AMÉRICA - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00842 Antropologia Cultural e Etnografica Brasileira I - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00843 Teoria Arqueologica I - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00844 Estatística - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00845 Arqueologia Brasileira I - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00848 Cartografia Aplicada a Arqueologia - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
DAA00849 História da Amazônia I - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO	
CH Total: 400hrs.				

05/07/2019

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

3º Nível

Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza
DAA00850 Métodos e Técnicas em Arqueologia - campo I - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00851 Métodos e Técnicas em Arqueologia - laboratório I - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00852 Arqueologia Brasileira II - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00853 Introdução ao Patrimônio - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00854 Espanhol Instrumental - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00855 Topografia - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00856 Teoria Arqueológica II - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO

CH Total: 400hrs.**4º Nível**

Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza
DAA00755 INGLÊS INSTRUMENTAL - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00857 Métodos e técnicas em Arqueologia - campo II - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00858 Métodos e Técnicas em Arqueologia - laboratório II - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00859 História da Amazônia II - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00860 Arqueologia Histórica I - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00861 Registros Rupestres - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00862 Museologia Arqueológica - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO

CH Total: 400hrs.**5º Nível**

Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza
DAA00220 Bioantropologia - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00704 ARQUEOLOGIA DO NEGRO - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00863 Métodos e Técnicas em Arqueologia - campo III - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00864 Métodos e Técnicas em Arqueologia - laboratório III - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00865 Técnicas de Conservação e Restauração - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00866 Arqueologia Amazônica I - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO

CH Total: 400hrs.**6º Nível**

Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza
DAA00713 DISCIPLINA COMPLEMENTAR - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00867 Projeto de Pesquisa em Arqueologia - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00868 Estágio de Campo - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00869 Arqueologia e Licenciamento Ambiental - 40h	40h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00870 Arqueologia Amazônica II - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00871 Geoarqueologia - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00872 Zooarqueologia - 40h	40h aula	DISCIPLINA	OBRIGATORIO

<https://sigaa.unir.br/sigaa/graduacao/curriculo/lista.jsf>

2/3

05/07/2019

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

----- 0h lab. -----			
CH Total: 400hrs.			
7º Nível			
Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza
DAA00714 DISCIPLINA COMPLEMENTAR - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00716 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I - 60h	0h aula 60h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00873 Estágio de Laboratório - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00874 Etnoarqueologia - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00875 Arqueologia de Rondônia - 80h	80h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00876 História das Terras Baixas Bolivianas - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
CH Total: 400hrs.			
8º Nível			
Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza
DAA00718 DISCIPLINA COMPLEMENTAR - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00724 DISCIPLINA COMPLEMENTAR - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00725 DISCIPLINA COMPLEMENTAR - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00752 SOCIOLOGIA - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00877 Trabalho de Conclusão de Curso II - 100h	100h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
DAA00878 Ética e Arqueologia - 60h	60h aula 0h lab.	DISCIPLINA	OBRIGATORIO
CH Total: 400hrs.			

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse <https://sigaa.unir.br/sigaa/documentos/> informando o identificador **73780**, a data de emissão e o código de verificação **bb30395c03**

SIGAA | Diretoria de Tecnologia da Informação - (69) 2182-2176 | Copyright © 2006-2019 - UNIR - SigBoss.unir.br.SigBoss

1.9 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, em PiauÍ (UNIVASF-PI)

07/05/2020

Programas das disciplinas — UNIVASF Universidade Federal do Vale do São Francisco

Programas das disciplinas

por ceco — publicado 12/06/2017 17h50, última modificação
13/03/2020 18h04

Título	Autor
PROGRAMA Informática TURMA A3 - Gustavo (1).pdf (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa_informatica_turma-a3-gustavo-1.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
PROGRAMA Informática TURMA AE - Gustavo (1).pdf (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa_informatica_turma-ae-gustavo-1.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Programa PHB 2019.1.pdf (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa-phb-2019-1.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
PD TOPESP AH 2019.1.docx (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_topesp-ah_2019-1.docx/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
PD ARQHIST II 2019.1.docx (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_arqhist-ii_2019-1.docx/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
PD Laboratório I 2019.1.docx (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_laboratorioi_2019_1.docx/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
PD Preservação Patrimonial III.docx (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd-preservacao-patrimonial-iii.docx/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Geoarqueologia I 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/geoarqueologia-i-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Antropologia Física 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/antropologia-fisica-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Registro Rupestre 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/registro-rupestre-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Tópicos especiais em etnoarqueologia I 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/topicos-especiais-em-etnoarqueologia-i-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Tópicos especiais em arqueologia histórica III 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/topicos-especiais-em-arqueologia-historica-iii-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
História do Brasil Colonial 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/historia-do-brasil-colonial-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Pré História do Velho Mundo 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pre-historia-do-velho-mundo-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Seminário de Pesquisa 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/seminario-de-pesquisa-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Pré-história do Novo Mundo 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pre-historia-do-novo-mundo-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Métodos e Técnicas Arqueológicas III 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/metodos-e-tecnicas-arqueologicas-iii-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Registro Rupestre 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/registro-rupestre-2018-2-1.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Laboratório II 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/laboratorio-ii-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Monografia 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/monografia-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)

07/05/2020

Programas das disciplinas — UNIVASF Universidade Federal do Vale do São Francisco

Título	Autor
Antropologia Física 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/antropologia-fisica-2018-2-1.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Introdução a Antropologia 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/introducao-a-antropologia-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Arqueologia Histórica I 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/arqueologia-historica-i-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Topografia I 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/topografia-i-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Desenho arqueológico I 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/desenho-arqueologico-i-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Métodos e Técnicas Arqueológicas II 2018.2.PDF (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/metodos-e-tecnicas-arqueologicas-ii-2018-2.pdf/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Informática 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/Informatica%202018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Laboratório I 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/laboratorio-i-2018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Evolução Humana 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/evolucao-humana-2018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/teoria-e-metodologia-da-pesquisa-cientifica-2018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Tópicos Especiais em Arqueologia: Arqueologia da Paisagem 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/topicos-especiais-em-arqueologia-arqueologia-da-paisagem/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Preservação Patrimonial III 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/preservacao-patrimonial-iii-2018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Aportes Teóricos: Tecnologia Lítica 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/aportes-teoricos-tecnologia-litica-2018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Métodos e Técnicas Arqueológicas IV 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/metodos-e-tecnicas-arqueologicas-iv-2018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Pré-história do Brasil 2018.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pre-historia-do-brasil-2018.1/view)	Rodrigo Lessa (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Informática I - Turma A3 - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa_informatica_i_turma-a3-2020.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Informática I - Turma AE - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa_informatica_i_turma-ae-2020.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Tópicos Especiais em Arqueologia Histórica I - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd-topicos-especiais-em-arg-hist-i-2020-1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Arqueologia Histórica II - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd-arqueologia-hist-ii-2020-1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Pré-História do Brasil - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa-phb-2020.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Métodos e Técnicas Arqueológicas IV - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_mt4_2020_1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Laboratório I - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_laboratorioi_2020_1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Aportes Teóricos: Tecnologia Lítica - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_aportesteorico_2020-1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)
Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_teoriametodologia_2020_1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueol)



07/05/2020

Programas das disciplinas — UNIVASF Universidade Federal do Vale do São Francisco

Título	Autor
Teoria Arqueológica II - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_teorias2-2020-1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/pd_teorias2-2020-1.pdf/view)
História Indígena I - 2020.1 (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa_2020_1-hist-indigena-i-1.pdf/view)	Gustavo Neves (http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/ensino/turmas/programa_2020_1-hist-indigena-i-1.pdf/view)

1.10 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

07/05/2020

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

UFPI > SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

Teresina, 07 de Maio de 2020



CACAR/CCN COORDENAÇÃO DO CURSO DE ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE/CCN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

COMPONENTES CURRICULARES

: VISUALIZAR DETALHES DO COMPONENTE CURRICULAR

Apresentação
Corpo Administrativo
Corpo Docente
Componentes Curriculares
Ações de Extensão
Projetos de Monitoria
Documentos
Outras Opções
Acessar o SIGAA

[IR AO MENU PRINCIPAL](#)

ATIVIDADE

Código	Nome	Tipo da Atividade	CH	Ver
UFP0867	A) CONGRESSOS B) SEMINÁRIOS C) CONFERÊNCIAS D) PALESTRAS E) FÓRUMS F) SEMANAS ACADÊMICAS (PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO)	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	20H	
UFP0882	A) DISCIPLINA OFERTADA POR OUTRO CURSO DESTA IES OU POR OUTRA IES	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	60H	
UFP0869	A) EM REVISTAS INDEXADAS, JORNAIS E ANAIS B) APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM EVENTOS CIENTÍFICOS C) APROVAÇÃO OU PREMIAÇÃO EM CONCURSOS	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	10H	
UFP0886	A) ESTAGIO NÃO OBRIGATÓRIO EM INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS OU CORRELATAS	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	90H	
UFP0872	A) PARTICIPAÇÃO EM CURSOS À DISTÂNCIA; ESTUDOS REALIZADOS EM PROGRAMAS DE EXTENSÃO B) PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE EXTENSÃO	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	45H	
UFP0866	ATIVIDADE DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E À PESQUISA	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	30H	
UFP0880	ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS E ESPORTIVAS E PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	45H	
UFP0890	A) VISITAS TÉCNICAS	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	5H	
UFP0868	EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	60H	
UFP0877	VIVÊNCIAS DE GESTÃO	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	20H	

DISCIPLINA

Código	Nome	Tipo da Atividade	CH	Ver
CGP0034	ARQUEOBOTANICA		60H	
CGP0014	ARQUEOLOGIA AMERICANA		60H	
CGP0016	ARQUEOLOGIA BRASILEIRA		60H	
CACAR/CCN005	ARQUEOLOGIA E CIÊNCIAS NATURAIS		60H	
CACAR/CCN002	ARQUEOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS		60H	
CACAR/CCN004	ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS SOCIEDADES		30H	
CGP0045	ARQUEOLOGIA E LICENCIAMENTO AMBIENTAL		60H	
CGP0042	ARQUEOLOGIA EM AMBIENTE COSTEIRO		60H	
CGP0046	ARQUEOLOGIA E MUSEUS		60H	
CGP0041	ARQUEOLOGIA E TURISMO		60H	
CGP0029	ARQUEOLOGIA HISTORICA		60H	
CGP0002	ARQUEOLOGIA I		60H	
CGP0007	ARQUEOLOGIA II		60H	
CGP0043	ARQUEOLOGIA PUBLICA		60H	
CGP0047	ARQUEOLOGIA SUBAQUATICA		60H	
CGP0006	ARQUEOMETRIA		60H	
CGP0020	ARTE RUPESTRE I		60H	
CGP0024	ARTE RUPESTRE II		60H	
CGP0030	DESENHO TECNICO DE MATERIAL ARQUEOLOGICO		60H	
CGP0009	ECOSSISTEMAS		60H	
CGP0049	ESTAGIO SUPERVISIONADO		210H	
CGP0038	ESTUDO DOS ARTEFATOS CERAMICOS		60H	
CGP0039	ESTUDO DOS ARTEFATOS LITICOS		60H	
CGP0044	ETNOARQUEOLOGIA		60H	
CGP0013	FILOSOFIA E ETICA		60H	
CGP0012	FUNDAMENTOS DE GEOLOGIA DO QUATERNARIO		60H	
CGP0008	GEOARQUEOLOGIA		60H	
CGP0018	GEOMORFOLOGIA		60H	
CGP0036	HISTORIA CULTURAL		60H	
CGP0011	HISTORIA DA AMERICA PORTUGUESA		60H	
CGP0023	HISTORIA DO PIAUI		60H	
CGP0017	HISTORIA DOS INDIOS NO BRASIL		60H	
CACAR/CCN006	INICIAÇÃO A PESQUISA CIENTÍFICA E ARQUEOLÓGICA		60H	

07/05/2020

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

Código	Nome	Tipo da Atividade	CH	Ver
CACAR/CCN001	INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO ARQUEOLÓGICO		60H	
CGP0025	MONOGRAFIA I	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	60H	
CGP0033	MONOGRAFIA II TRABALHO DE CONCLUSAO DE CURSO	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	60H	
CGP0004	ORIGEM E EVOLUCAO HUMANA		60H	
CACAR/CCN003	ORIGEM E EVOLUÇÃO HUMANA		30H	
CGP0022	PALEONTOLOGIA GERAL		60H	
CACAR/CCN007	PATRIMÔNIO CULTURAL E LEGISLAÇÃO		60H	
CGP0050	PRATICA DE CONSERVACAO DE ARTE RUPESTRE		120H	
CGP0032	PRATICA DE CONSERVACAO DE ARTE RUPESTRE		90H	
CGP0031	PRATICAS DE TRABALHO DE CAMPO		180H	
CGP0048	RELACOES ETNICO RACIAIS, GENERO E DIVERSIDADE		60H	
CACAR/CCN008	SEMINÁRIO DE INTRODUÇÃO AO CURSO		15H	
CGP0015	SEMINARIO III LEGISLACAO DO PATRIMONIO CULTURAL		15H	
CGP0001	SEMINARIO I INTRODUCAO AO CURSO		15H	
CGP0021	SEMINARIO IV LEGISLACAO AMBIENTAL		15H	
CGP0005	SEMINARIOS II TOPICOS EM CIENCIAS EXATAS		15H	
CGP0019	TECNICAS DE LABORATORIO EM ARQUEOLOGIA		60H	
CGP0026	TECNICAS DE LEVANTAMENTO DE SITIOS ARQUEOLOGICOS E CULTURA IMATERIAL		30H	
CGP0037	TEORIA DA CONSERVACAO		60H	
CGP0003	TEORIA DA CONSERVACAO I		60H	
CGP0027	TEORIA DO TRABALHO DE CAMPO		60H	
CGP0040	TEORIAS E METODOS EM ARQUEOLOGIA		60H	
CGP0035	TOPICOS EM MUSEOLOGIA		60H	
CGP0010	TOPICOS EM ZOOARQUEOLOGIA		60H	
67 COMPONENTE(S) ENCONTRADO(S)				

1.11 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia



Tipo:
Bacharelado



Área:
Ciências Humanas





secretaria.arqueolo



H



TIRE SUAS DÚVID

[i | Sobre](#)
[| Matriz Curricular](#)
[| Corpo Docente](#)
[| Infraestrutura](#)

1° semestre

-Introdução à Antropologia Cultural

2° semestre

-Elementos de Cartografia

3° semestre

-História da Arqueologia

4° semestre

-Leitura e Produção de Texto

5° semestre

-Fundamentos de Arqueologia e Etnografia

6° semestre

-Atividade Complementar I

7° semestre

8° semestre

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia

Tipo:
Bacharelado

Área:
Ciências Humanas



VESTIBULAR ENCERRA

secretaria.arqueolo

H



TIRE SUAS DÚVID

NOME

TELEFONE

EMAIL

MENSAGEM

ENVIAR

Sobre Matriz Curricular Corpo Docente Infraestrutura

1° semestre

2° semestre

3° semestre

4° semestre

5° semestre

6° semestre

7° semestre

8° semestre

-Pré-História Brasileira
-Arte Rupestre
-Geografia do Brasil e Dinâmicas Naturais
-História e Linguagens
-Arqueologia e História da África
-Atividade Complementar II

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia

Tipo:
Bacharelado

Área:
Ciências Humanas



VESTIBULAR ENCERRA



secretaria.arqueolc



H



TIRE SUAS DÚVIDAS

NOME

TELEFONE

EMAIL

MENSAGEM

ENVIAR

Sobre Matriz Curricular Corpo Docente Infraestrutura

1° semestre

-Arqueologia Brasileira

2° semestre

-Estudos Iconográficos

3° semestre

-Arqueologia Americana

4° semestre

-Arqueologia e cultura afro-brasileira

5° semestre

-Cartografia Temática

6° semestre

-Atividade Complementar III

7° semestre

8° semestre

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia

Tipo:
Bacharelado

Área:
Ciências Humanas



VESTIBULAR ENCERRA



secretaria.arqueolc



H



TIRE SUAS DÚVIDAS

NOME

TELEFONE

EMAIL

MENSAGEM

ENVIAR

Sobre

Matriz Curricular

Corpo Docente

Infraestrutura

1° semestre

2° semestre

3° semestre

4° semestre

5° semestre

6° semestre

7° semestre

8° semestre

-Metodologia Científica
-Arqueologia histórica
-Estudos da Cultura Material
-Arqueologia Território e Paisagem
-Arqueologia e Culturas Indígenas
-Atividade Complementar IV

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia

 Tipo:
Bacharelado

 Área:
Ciências Humanas



VESTIBULAR ENCERRA

 secretaria.arqueolo

 H



TIRE SUAS DÚVIDAS

NOME

TELEFONE

EMAIL

MENSAGEM

ENVIAR

 Sobre  Matriz Curricular  Corpo Docente  Infraestrutura

1º semestre

2º semestre

3º semestre

4º semestre

5º semestre

6º semestre

7º semestre

8º semestre

-Normas de Segurança em Campo
-Normas de Preservação do Patrimônio Arqueológico
-Metodologia do Registro Arqueológico
-Supervisão da Prática de Campo I e laboratório
-Optativa I
-Prática de Campo I

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia

Tipo:
Bacharelado

Área:
Ciências Humanas



VESTIBULAR ENCERRA



secretaria.arqueolc



H



TIRE SUAS DÚVID

NOME

TELEFONE

EMAIL

MENSAGEM

ENVIAR

Sobre Matriz Curricular Corpo Docente Infraestrutura

1° semestre

2° semestre

3° semestre

4° semestre

5° semestre

6° semestre

7° semestre

8° semestre

-Legislação Ambiental
-Técnica de elaboração de relatório I
-Arqueologia da Arquitetura
-Supervisão da Prática de Campo II e laboratório
-Optativa II
-Pratica de Campo II

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia

 Tipo:
Bacharelado

 Área:
Ciências Humanas



VESTIBULAR ENCERRA

 secretaria.arqueolc

 H



TIRE SUAS DÚVIDAS

NOME

TELEFONE

EMAIL

MENSAGEM

ENVIAR

 Sobre

 Matriz Curricular

 Corpo Docente

 Infraestrutura

1° semestre

2° semestre

3° semestre

4° semestre

5° semestre

6° semestre

7° semestre

8° semestre

-Educação Patrimonial
-Gestão do Patrimônio e Museologia
-Noções de Preservação e Restauo
-Teoria Arqueológica
-Seminário de Pesquisa para TCC
-Trabalho de conclusão de Curso I

07/05/2020

Unimes | Graduação



Usuário: Login

Senha



PRESENCIAL | VIRTUAL | VESTIBULAR | NOVIDADES | EVENTOS | INSTITUCIONAL | A

Arqueologia

8 semestres

Home > Graduação > Arqueologia

 Tipo:
Bacharelado

 Área:
Ciências Humanas



VESTIBULAR ENCERRA

 secretaria.arqueolc

 H



TIRE SUAS DÚVIDAS

NOME

TELEFONE

EMAIL

MENSAGEM

ENVIAR

 Sobre  Matriz Curricular  Corpo Docente  Infraestrutura

1° semestre

2° semestre

3° semestre

4° semestre

5° semestre

6° semestre

7° semestre

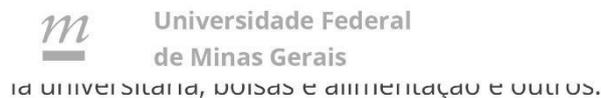
8° semestre

-Técnica de elaboração de relatório II
-Técnicas de análise de material cerâmico e lítico
-Arqueologia Urbana e Industrial
-Seminário de Pesquisa para TCC
-Optativa III
-Trabalho de Conclusão de Curso II

1.12 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

07/05/2020

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - Graduação



Unidade: FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Modalidade: Presencial

Duração (semestre):

Padrão: 8

Máxima: 14

Carga horária (horas):

Obrigatória: 1260

Livre: 60

Optativa: 1080

Formação complementar:

Total: 2400

Turno: NOTURNO

Colegiado: COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Coordenador do Colegiado: KARENINA VIEIRA ANDRADE

Endereço da coordenação:

Av. Antônio Carlos, FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNC. HUMANAS - FAFICH, 6627, Pampulha, 31.270-901, Belo Horizonte, MG

Telefone: (31) 3409-5029

E-mail: cgradant@fafich.ufmg.br

Site: <https://www2.ufmg.br/antropologia>

Estrutura Curricular

1º período

FIL035-DIG - INTRODUÇÃO A FILOSOFIA: FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

SOA048-DIG - FUNDAMENTOS DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA

SOA091-DIG - CULTURA E AMBIENTE

07/05/2020

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - Graduação



Universidade Federal
de Minas Gerais

2º período

ATP001-DIG - ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

ATP002-DIG - ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

ATP003-DIG - HISTORIA DO PENSAMENTO ANTROPOLOGICO

ATP004-DIG - HISTORIA DO PENSAMENTO ARQUEOLOGICO

UNI027-DIG - PATRIMONIO CULTURAL

3º período

ATP005-DIG - ELABORACAO DE PROJETO DE PESQUISA

ATP006-DIG - CIENCIA, RELIGIAO E MAGIA

ATP007-DIG - FUNDAMENTOS DE PESQUISA ETNOGRAFICA

ATP008-DIG - SIMBOLISMO E RITUAL

4º período

ATP012-DIG - LABORATORIO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA I

ATP013-DIG - ORGANIZACAO SOCIAL E PARENTESCO

ATP014-DIG - TROCA E RECIPROCIDADE

5º período

ATP018-DIG - LABORATORIO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA II

ATP019-DIG - PODER E TERRITORIALIDADE

6º período

ATP022-DIG - LABORATORIO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA III

7º período

ATP024-DIG - LABORATORIO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA IV

8º período

**Opcionais**

FAE461-DIG - A EDUCACAO INTERCULTURAL E O DIALOGO ENTRE SABERES
FAE467-DIG - A HISTORIA DO PONTO DE VISTA INDIGENA
ATP059-DIG - ANIMALIDADE E HUMANIDADE
ATP060-DIG - ANTROPOLOGIA BIOLOGICA
CAE032-DIG - ANTROPOLOGIA E EDUCACAO
ATP027-DIG - ANTROPOLOGIA E HISTORIA
ATP028-DIG - ANTROPOLOGIA E IMAGEM
ATP029-DIG - ANTROPOLOGIA E PATRIMONIO
ATP043-DIG - ARQUEOLOGIA AMAZONICA
ATP015-DIG - ARQUEOLOGIA AMERICANA
ATP044-DIG - ARQUEOLOGIA DA ARTE
ATP045-DIG - ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDAO
ATP046-DIG - ARQUEOLOGIA DA MODERNIDADE
ATP047-DIG - ARQUEOLOGIA DAS CIDADES
ATP048-DIG - ARQUEOLOGIA DE SALVAMENTO
ATP049-DIG - ARQUEOLOGIA DO BRASIL CENTRAL E DO NORDESTE
ATP009-DIG - ARQUEOLOGIA DO VELHO MUNDO
ATP050-DIG - ARQUEOLOGIA DOS SAMBAQUIS
ATP051-DIG - ARQUEOLOGIA E PATRIMONIO
ATP016-DIG - ARQUEOLOGIA HISTORICA
ATP052-DIG - ARQUEOLOGIA PRE-COLOMBIANA
ATP010-DIG - ARQUEOLOGIA PRE-HISTORICA
FAE465-DIG - ARTE INDIGENA
ATP091-08G - ATIVIDADE ACADÊMICA A DISTÂNCIA
ATP092-11G - ATIVIDADE ACADÊMICA NA PÓS-GRADUAÇÃO A
ATP093-11G - ATIVIDADE ACADÊMICA NA PÓS-GRADUAÇÃO B
ATP094-11G - ATIVIDADE ACADÊMICA NA PÓS-GRADUAÇÃO C
ATP095-11G - ATIVIDADE ACADÊMICA NA PÓS-GRADUAÇÃO D
ATP061-DIG - COLECOES, MUSEUS E EXPOSICOES
FAE470-DIG - COSMOLOGIAS E RELIGIOES INDIGENAS
ATP030-DIG - DESCRICAO E COMPARACAO EM ANTROPOLOGIA
ATP096-11G - ENSAIO BIBLIOGRÁFICO
ATP053-DIG - ERGOLOGIA E TECNOLOGIA
ATP116-ESG - ESTUDO DIRIGIDO OU GRUPO DE ESTUDO
LET232-DIG - ESTUDOS TEMÁTICOS DE LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA
ATP020-DIG - ETNOARQUEOLOGIA
ATP031-DIG - ETNOGRAFIA DAS SOCIEDADES MODERNAS
ATP032-DIG - ETNOGRAFIA E ESCRITURA
ATP033-DIG - ETNOLOGIA AFRICANA



Universidade Federal
de Minas Gerais

738-DIG - ETNOLOGIA DO PACÍFICO

ATP037-DIG - ETNOMUSICOLOGIA

FAE463-DIG - EXPERIÊNCIAS DE ESCOLAS INDÍGENAS NO BRASIL

GEL601-DIG - FUNDAMENTOS DE GEOLOGIA

LET223-DIG - FUNDAMENTOS DE LIBRAS

ATP054-DIG - GEOARQUEOLOGIA

GEO199-DIG - GEOMORFOLOGIA

**FAE464-DIG - GESTÃO TERRITORIAL E PROJETOS SOCIAIS INDÍGENAS:
PERSPECTIVAS E ALCANCES**

ATP038-DIG - LAUDOS ANTROPOLÓGICOS

ATP055-DIG - LAUDOS ARQUEOLÓGICOS

ATP062-DIG - MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE

ATP011-DIG - MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA

FAE462-DIG - O MOVIMENTO INDÍGENA E A LUTA POR DIREITOS

ATP063-DIG - OBJETOS E ARTEFATOS MATERIAIS

**ATP115-16G - ORGANIZAÇÃO /PARTICIPAÇÃO EM CORPO EDITORIAL DE
REVISTA CIENTÍFICA**

ATP100-04G - PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS LOCAIS OU REGIONAIS

**ATP101-04G - PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS NACIONAIS OU
INTERNACIONAIS**

ATP117-14G - PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃOS COLEGIADOS

ATP064-DIG - PATRIMÔNIO E LEGISLAÇÃO

FAE466-DIG - POLÍTICAS DE SAÚDE

FAE469-DIG - POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS

CAE025-DIG - PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA CULTURA

GEO306-DIG - PROCESSOS EROSIVOS E CONSERVAÇÃO DOS SOLOS

ATP098-02G - PROGRAMAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

ATP097-03G - PROGRAMAS DE INICIAÇÃO À EXTENSÃO

ATP099-03G - PROGRAMAS DE INICIAÇÃO À PESQUISA

ATP118-11G - PROTAGONISMO SOCIAL

ATP105-05G - PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

ATP103-05G - PUBLICAÇÕES DE RESENHAS

ATP102-05G - PUBLICAÇÕES DE RESUMOS

ATP104-05G - PUBLICAÇÕES DE TEXTOS EM ANAIS

ATP039-DIG - REDES E CONTROVÉRSIAS SOCIOTÉCNICAS

ATP040-DIG - RELAÇÕES INTERÉTNICAS

**ATP106-06G - SEMINÁRIO EM MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA
ANTROPOLÓGICA**

**ATP107-06G - SEMINÁRIO EM MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA
ARQUEOLÓGICA**

ATP108-06G - SEMINÁRIO EM PESQUISA ANTROPOLÓGICA



Universidade Federal
de Minas Gerais

ATP112-06G - SEMINÁRIO EM TEORIA ANTRPOLÓGICA CONTEMPORÂNEA
ATP113-06G - SEMINÁRIO EM TEORIA ARQUEOLÓGICA CLÁSSICA
ATP041-DIG - SOCIALIDADES URBANAS
FAE468-DIG - TECNOLOGIAS
ATP056-DIG - TECNOLOGIAS HISTORICAS TRADICIONAIS
ATP057-DIG - TECNOLOGIAS PRE-HISTORICAS
ATP065-DIG - TEMPORALIDADES E ESPACIALIDADES SOCIO-CULTURAIS
ATP042-DIG - TOPICOS EM ANTROPOLOGIA
ATP066-DIG - TOPICOS EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
ATP058-DIG - TOPICOS EM ARQUEOLOGIA
HIS098-DIG - TOPICOS EM HISTORIA II
HIS100-DIG - TOPICOS EM HISTORIA IV
ATP114-09G - VIVÊNCIA PROFISSIONAL COMPLEMENTAR: ESTÁGIO



Últimas notícias



'A ciência tem dado respostas à pandemia', avalia
Sandra Goulart Almeida

Especialistas apostam na confiança e na emoção para combater a desinformação

1.13 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

07/05/2020

Disciplinas Arqueologia | Antropologia

Disciplinas Arqueologia

Núcleo Comum de Disciplinas Específicas	Introdução à Antropologia	60 horas	
	Fundamentos de História	60 horas	
	Sociologia I	60 horas	
	Introdução à Arqueologia	60 horas	
	História do Pensamento Arqueológico	60 horas	
	Teoria Antropológica I	60 horas	
	Teoria Antropológica II	60 horas	
	Arqueologia Histórica I	60 horas	
	Etnologia Ameríndia I	60 horas	
	Teoria Arqueológica I	60 horas	
	Prática de Campo I	60 horas	
	Pré-História Brasileira I	60 horas	
	Teoria Antropológica III	60 horas	
	Teoria Antropológica IV	60 horas	
	Metodologia da Pesquisa Qualitativa	60 horas	
	Etnologia Afro-Americana I	60 horas	
	Núcleo de Disciplinas Específicas da Linha de Formação em Arqueologia	Patrimônio Cultural	60 horas
		Teoria Arqueológica II	60 horas
Cartografia e Geoprocessamento		60 horas	
Mitologia e Ritual		60 horas	
Prática de Laboratório I		60 horas	
Arqueologia Pública		60 horas	
Arqueologia de Contrato		60 horas	
Pré-História Brasileira II		60 horas	
Etnoarqueologia		60 horas	
Prática de Campo II		60 horas	
Prática de Laboratório II		60 horas	
Arqueologia Histórica II		60 horas	

07/05/2020

Disciplinas Arqueologia | Antropologia

	Trabalho de Conclusão de Curso I	60 horas
	Trabalho de Conclusão de Curso II	60 horas
Núcleo de Disciplinas Optativas e/ou Livres da Linha de Formação em Antropologia Social e Cultural & Arqueologia	Antropologia Audiovisual e da Imagem	60 horas
	Antropologia Biológica	60 horas
	Antropologia da Alimentação	60 horas
	Antropologia da Arte	60 horas
	Antropologia da Religião II	60 horas
	Antropologia do Consumo	60 horas
	Antropologia Política	60 horas
	Arqueologia Clássica	60 horas
	Arqueologia Pré-Colombiana	60 horas
	Conservação de Materiais Arqueológicos	60 horas
	Educação Patrimonial	60 horas
	Estudos Antropológicos de Gênero e Teoria Feminista	60 horas
	Estudos Rurais I	60 horas
	Estudos Rurais II	60 horas
	Estudos Rurais III	60 horas
	Estudos Rurais IV	60 horas
	Etnologia Afro-Americana II	60 horas
	Etnologia Afro-Americana III	60 horas
	Etnologia Afro-Americana IV	60 horas
	Etnologia Ameríndia II	60 horas
	Etnologia Ameríndia III	60 horas
	Etnomusicologia Brasileira	45 horas
	Etnomusicologia Latino-Americana	45 horas
	Etnomusicologia: Culturas Musicais do Mundo	45 horas
	Etnomusicologia: Introdução e Método	45 horas
	Família e Parentesco II	60 horas
	Geologia	60 horas
	Gestão de Acervos Arqueológicos	60 horas
	Imaginário e Memória	60 horas
	Introdução à Linguística	60 horas
Leituras Etnográficas I	60 horas	

<https://wp.ufpel.edu.br/antropologia/graduacao/disciplinas-arqueologia/>

2/3

07/05/2020

Disciplinas Arqueologia | Antropologia

	Leituras Etnográficas II	60 horas
	Língua Brasileira de Sinais I	60 horas
	Musealização da Arqueologia e da Antropologia	60 horas
	Oficina de Imagem e Som em Antropologia	60 horas
	Pré-História do Rio Grande do Sul	60 horas
	Pré-História Geral	60 horas
	Relatórios Técnicos, Pareceres, Perícias II	60 horas
	Seminário de Antropologia I	60 horas
	Seminário de Antropologia II	60 horas
	Seminário de Antropologia III	60 horas
	Seminário de Arqueologia I	60 horas
	Seminário de Arqueologia II	60 horas
	Seminário de Arqueologia III	60 horas
	Seminário de Etnologia Ameríndia I	60 horas
	Seminário de Etnologia Ameríndia II	60 horas
	Zooarqueologia	60 horas

A disciplina de Introdução à Antropologia é pré-requisito para as disciplinas de Teoria Antropológica I, Teoria Antropológica II, Teoria Antropológica III e Teoria Antropológica IV.

A disciplina de Introdução à Arqueologia é pré-requisito para as disciplinas de Teoria Arqueológica I e Teoria Arqueológica II.

As demais disciplinas não possuem pré-requisito. Observa-se a possibilidade de quebra desses pré-requisitos nas situações de transferência, reopção, ingresso de diplomado e reingresso, conforme avaliação do colegiado.

Disciplinas por semestre.

1.14 Matriz curricular do curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)